UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALISSON GONÇALVES

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)
À LUZ DA IDENTIDADE GAY NO BRASIL DITATORIAL

PONTA GROSSA
2022

ALISSON GONÇALVES

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)
À LUZ DA IDENTIDADE GAY NO BRASIL DITATORIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Instituições e Sujeitos: Saberes e Práticas.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez

PONTA GROSSA

2022

G635

Gonçalves, Alisson
Jornal Lampião da Esquina (1978- 1981): à luz da identidade gay no Brasil ditadorial / Alisson Gonçalves. Ponta Grossa, 2022.
118 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez.

1. Cartas. 2. Jornal lampião da esquina. 3. Gueto. 4. Identidades. 5. Imprensa gay. I. Vázquez, Georgiane Garabely Heil. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 907.2

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos- CRB9/986

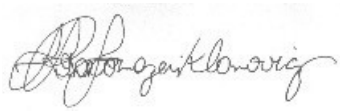
TERMO DE APROVAÇÃO

Alisson Gonçalves

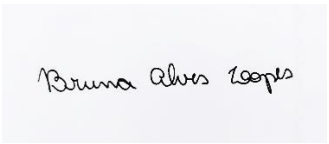
Jornal Lampião da Esquina (1978-1981) À luz da identidade gay no Brasil ditatorial

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia, pela seguinte banca examinadora:

Profª. Drª. Georgiane Garabely Heil Vázquez (Orientadora)



Profª. Drª. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (UNICENTRO)



Profª. Drª. Bruna Alves Lopes (UEPG)

Profª. Drª. Angela Ribeiro Ferreira (UEPG)

AGRADECIMENTOS

Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje.

Esta dissertação foi iniciada em 2019, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em História da UEPG- Pr. Entretanto, a ideia da pesquisa já existia desde meu primeiro contato com o Jornal Lampião da Esquina em 2010, momento em que comecei minha participação no movimento LGBTI+ em Curitiba. Nestes mais de dez anos, até a finalização da pesquisa, pude presenciar muitas conquistas ao movimento e às pessoas LGBTI+, e constatei que muitas delas eram sementes que foram plantadas ainda no início no movimento em 1978 e só germinaram depois de 2010.

Em março de 2020 o mundo passou a enfrentar a pandemia da COVID-19, desta forma todo o curso do mestrado foi feito remotamente, com aulas e orientações on-line. Passamos a maior parte do tempo em casa e com isso, todo o stress gerado pelo isolamento social e as incertezas quanto ao que ocorreria em decorrência de todas essas transformações. A maior parte do mestrado foi feita de forma remota, e em meio aos conflitos gerados pelo processo do isolamento.

Este texto é o resultado de um trabalho coletivo, que envolveu além de mim outras pessoas e energias (dentro da minha concepção espírita candomblecista), com contribuições teóricas, argumentações, incentivos, sugestões de leituras e críticas.

Inicialmente preciso agradecer à pessoa que me acolheu tanto no PPGH como na orientação, professora Georgiane Garabely Heil Vázquez. No dia da entrevista da seleção, ela me perguntou se eu havia pensado em alguém para me orientar, e eu respondi que depois de ter “estalqueado” os *lattes* de todos os professores, ela era a pessoa mais indicada, e eu ficaria feliz caso ela aceitasse. Pois bem, nestes (um pouco mais de) dois de pesquisa, a prof. Georgiane foi mais que uma orientadora, foi uma conselheira em certos momentos, compreensiva e soube dar os “puxões de orelha” sempre que foram necessários, me mostrando o caminho para pesquisa e escrita do texto e alguns pra vida toda. Minha gratidão por todos os momentos, conversas (on- line na maioria das vezes por causa da pandemia), pelos ensinamentos e debates maravilhosos na disciplina de Gênero.

Às professoras Rosemeri e Bruna, integrantes da banca de qualificação que trouxeram considerações que foram de grande valia, e me ajudaram a ver a pesquisa por outro viés (muito mais interessante por sinal!). À professora Angela por todas as colaborações feitas durante nossas reuniões do LAGEDIS. E agradeço, de forma especial, à professora Luciana R. Fornazari Klanovicz por aceitar compor a banca de defesa.

Falando em Lagedis, gratidão aos colegas do núcleo de pesquisa, Fred, Fer, Mari e Geane, que trocamos figurinhas de pesquisas, textos, conselhos e "diquinhas" em nossos trabalhos.

Aos colegas no nosso saudoso *"bloco amarelo"*, que compartilhamos nossas felicidades e aflições nesta caminhada acadêmica. Que venham novos encontros como os de 2019.

Ao meu pai e minha mãe, e irmãos por sempre me incentivarem a nunca desistir do sonho do mestrado. Em muitos momentos durante a pandemia, minha mãe sempre falava "fique calmo, logo isso passa e tudo se resolve" e sim, ela estava correta. Gratidão especial, ao meu irmão por me acolher toda semana em Ponta Grossa no primeiro semestre do mestrado em 2019.

Às gays do Chá da Alice, meus amigos, há mais de 10 anos, Edegard, Douglas e Tiago, que aguentavam meus desabafos, reclamações e as felicidades ao longo de todo o mestrado. Bichas, as senhoras são ótimas sempre!

Aos meus irmão de iniciação no Candomblé, Mônica e Valdecir. Gratidão por toda a força, incentivo, sugestões e tudo mais ao longo desta caminhada. Motumbá Asè!

Além da pandemia, é importante ressaltar ainda o momento político- social do Brasil, marcado por um governo com evidentes ataques à comunidade LGBTI+ e forte conservadorismo moral. Realizar uma pesquisa acadêmica dentro desta temática é fazer da história um ato de resistência.

Sendo assim, agradeço e dedico essa dissertação as bichas, aos bofes, as lésbicas, as travestis, transexuais, e pessoas *queer*. Esta dissertação foi construída a partir da luta destas pessoas que desde os primeiros grupos oficializados no fim a década de 1970, abriram o caminho para que nós, LGBTI+ possamos dar passos cada maiores em direção a dignidade, respeito e igualdade de direitos. Que sejamos sempre resistência a opressão, ao machismo e a LGBTIfobia que tanto assolam nossa comunidade.

Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele ou sua origem, sua sexualidade ou religião. As pessoas devem aprender a odiar, e se eles podem aprender a odiar, podem ser ensinados a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto.

Nelson Mandela

RESUMO

Ao fim da década de 1970 ainda sob o regime ditatorial e em meio a ascensão de movimentos sociais no Brasil, é lançado o Jornal Lampião da Esquina. O novo periódico se propôs a evidenciar as identidades homossexuais existentes na sociedade brasileira, bem como dar destaque a outros grupos marginalizados como negros e mulheres. O grande foco do jornal era a população homossexual dos guetos, ou seja, os espaços frequentados por homossexuais, assumidos ou não. Para a presente pesquisa, foram analisadas as 38 edições do jornal entre os anos de 1978 a 1981, tendo como objetivo analisar e interpretar o Jornal Lampião da Esquina para compreender as formas como tais identidades foram apresentadas pelo jornal em suas reportagens e demais seções. Além de verificar as formas como os leitores se reconheciam como sujeitos homossexuais a partir do contato com o jornal. Entende-se aqui, que a importância dado ao Jornal Lampião da Esquina ocorreu devido sua proposta inovadora de veículo de comunicação que chamava a atenção tanto dos leitores quanto dos órgãos de controle da sociedade. Estando incluso na chamada imprensa alternativa, o jornal usava uma linguagem comum entre os grupos LGBTI+ como gírias, e até mesmo um teor ferino ao tratar de alguns assuntos ou responder as cartas dos leitores. As cartas enviadas ao jornal, por sua vez, constituíram um espaço para aproximação entre o periódico, representado na figura dos componentes, e seu público, se tornando uma seção de críticas, elogios, denúncias e identificação dos leitores quanto a sua homossexualidade e em relação ao jornal. Após pouco mais de três anos de circulação o Jornal Lampião da Esquina encerrou as atividades por discordâncias internas, entretanto seu legado mantêm-se vivo como um importante marco não somente na história da imprensa gay mas também como propulsor do Movimento Homossexual Brasileiro.

Palavras – chave: Imprensa gay; Jornal Lampião da Esquina; gueto; identidades; cartas.

RÉSUMÉ

À la fin des années 1970, toujours sous le régime dictatorial et en pleine montée des mouvements sociaux au Brésil, le Jornal Lampião da Esquina est lancé. Le nouveau journal a pour objectif de mettre en évidence les identités homosexuelles existantes dans la société brésilienne, ainsi que de mettre en évidence d'autres groupes marginalisés tels que les Noirs et les femmes. Le principal centre d'intérêt du journal était la population homosexuelle des ghettos, c'est-à-dire les espaces fréquentés par les homosexuels, ouvertement ou non. Pour la présente recherche, les 38 éditions du journal entre les années 1978 et 1981 ont été analysées, dans le but d'analyser et d'interpréter le Jornal Lampião da Esquina pour comprendre la manière dont ces identités étaient présentées par le journal dans ses rapports et autres sections. En plus de vérifier la manière dont les lecteurs se sont reconnus comme sujets homosexuels à partir du contact avec le journal. Il est entendu ici que l'importance accordée au Jornal Lampião da Esquina s'est produite en raison de sa proposition innovante de véhicule de communication qui a attiré l'attention des lecteurs et des organes de contrôle de la société. Faisant partie de la presse dite alternative, le journal utilisait un langage commun aux groupes LGBTI+ comme l'argot, voire un contenu blessant lorsqu'il traitait de certains sujets ou répondait aux courriers des lecteurs. Les lettres envoyées au journal, à leur tour, constituaient un espace de rapprochement entre le périodique, représenté dans la figure des composants, et son public, devenant une section de critique, d'éloge, de dénonciation et d'identification des lecteurs concernant leur homosexualité et en relation au journal. Après un peu plus de trois ans de diffusion, Jornal Lampião da Esquina a mis fin à ses activités en raison de désaccords internes, mais son héritage reste vivant en tant que jalon important non seulement dans l'histoire de la presse gay, mais aussi en tant que propulseur du mouvement homosexuel brésilien.

Mots clés: Presse gay; Journal Lampião da Esquina; ghetto; identités; cartes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Título e logomarca do jornal na edição experimental em abril de 1978..33
Figura 02 – Título do jornal na edição 01, em maio/junho de 1978……..34
Figura 03 – Os senhores do conselho……...37
Figura 04 – Charge sobre os estereótipos gays no fim de 1970……...59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I - ACENDENDO O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA 16

1.1 O momento é de abertura, mas sem exageros”! 18

1.2 E o Lampião da Esquina “sai do armário”, aliás do gueto.....28

1.3 Desdobrando o Jornal Lampião da Esquina.....35

CAPÍTULO II- O AUÊ DA IDENTIDADE ENTRE BOFES, BICHAS E PALAVRAS.....44

2.1 “Ser ou não ser?” A identidade é a questão.....45

2.2 Entre “bofes” e bichas: a masculinidade social.....55

2.3 O “babado” era a linguagem do Jornal.....66

CAPÍTULO III- AS BICHAS PÕEM AS “CARTAS NA MESA” 74

3.1 Uma mirada sobre Cartas na Mesa.....75

3.2 Cartas que opinavam.....79

3.3 Cartas que se revelavam.....91

3.4 Cartas que denunciavam.....99

CONSIDERAÇÕES FINAIS 107

REFERÊNCIAS 110

INTRODUÇÃO

“Mas um jornal homossexual, para quê?” (CONSELHO EDITORIAL, Jornal Lampião da Esquina, 1978, p. 02), esta era a pergunta inicial que inaugurava o Jornal Lampião da Esquina, um importante veículo da comunicação impressa da chamada imprensa alternativa brasileira no fim da década de 1970. O diferencial deste jornal é o fato dele ter sido produzido por homens (em sua maioria) e mulheres homossexuais, abordando temas ligados a homossexualidades, feminismo, movimentos sociais e a luta contra as opressões sofridas pelos grupos minoritários da época.

Esta dissertação tem como objetivo central analisar como o Jornal Lampião da Esquina, se constituiu como um importante veículo de comunicação durante sua existência entre os anos de 1978 a 1981, apresentando em suas páginas diferentes identidades homossexuais e como elas foram eram percebidas e assimiladas pelos leitores a partir de elementos como a linguagem do jornal.

A apropriação de jornais e periódicos como fontes históricas de forma mais coesa, ocorre apenas a partir da década de 1970, embora seu uso consultivo já servia para obtenção de dados econômicos, demográficos, sociais e culturais já vinha ocorrendo há alguns anos por historiadores e sociólogos, como afirma a pesquisadora Tânia R. de Lucca (2008).

De forma geral estas fontes, trazem uma riqueza de múltiplas possibilidades de abordagens e temas a serem explorados, ainda que sua produção estivesse sob o crivo de órgãos censoriais, grupos políticos ou de interesses particulares.

Partindo destes elementos, é preciso ter ciência da necessidade da análise sobre seus idealizadores e do discurso empregado em suas páginas. O estudo deste tipo de fonte abrange uma vasta gama de temáticas, contudo é necessário estabelecer certos parâmetros para a sua análise, tais como “dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa […], identificar o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos” (DE LUCCA; 2008, p. 84), além da escolha dos títulos de reportagens e capas para que o periódico se torne atrativo, número de exemplares a serem impressos e ainda a decisão para qual tipo de público será destinado, além da própria análise dos discursos apresentados em suas páginas.

Desta forma, entende-se que ao se trabalhar com tais fontes, precisamos considerar a

> Imprensa como linguagem constitutiva do social, que contém uma historicidade e peculiaridades próprias, que requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento as relações imprensas/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ; PEIXOTO; 2007, p. 260).

Segundo o pesquisador Jorge L. P. Rodrigues (2005) o jornal pode criar moldes que vão muito além de palavras e imagens, ele acaba se tornando uma representação simbólica de anseios, indignações e posicionamentos para os leitores que por sua vez podem vir a se identificar com o que esteja expresso em suas páginas.

O discurso empregado nas páginas do Jornal Lampião da Esquina, pode ser entendido como uma forma de enfrentamento aos aparatos repressivos aplicados à tais minorias, mas sobre tudo, ia contra as formas de interditar a sexualidade humana,

> vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas (CONSELHO EDITORIAL; n° 00, 1978, p. 02).

Tratando sobre a escolha das fontes para a presente pesquisa, o primeiro contato que tive com o Jornal Lampião da Esquina ocorreu em meados de 2010 com a versão originalmente impressa, preservada e sob cuidados do Grupo Dignidade[1], em Curitiba. Desta forma iniciei meus estudos sobre o jornal, com a entrada no programa de pós graduação, passei a utilizar a versão *on-line* do Lampião da Esquina, obtendo acesso de forma gratuita pelo site do Grupo Dignidade. O primeiro passo foi a leitura integral das edições, seguido pelo fichamento temático das reportagens, para posterior análise mais detalhada.

Em janeiro de 2010 o jornal foi totalmente digitalizado podendo ser acessado livremente no site da instituição[2]. A coleção impressa do jornal havia sido doada ao

---

1 O Grupo Dignidade é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos. Foi fundado em 1992 em Curitiba, foi o primeiro grupo organizado no estado do Paraná a atuar na área da promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais (LGBTI+).

Grupo Dignidade em janeiro de 1993 por um colega de João Antônio Mascarenhas, um dos editores do jornal na época de sua circulação.

O jornal teve seu lançamento em abril de 1978, e o encerramento de suas atividades ocorreram em junho de 1981. Ao longo de sua existência, foram publicadas além da edição experimental de número zero em abril de 1978, trinta e sete edições regulares entre maio de 1978 e junho de 1981 e mais três edições extras, sendo uma em dezembro de 1979, e as outras duas em 1980, totalizando assim 41 edições publicadas e vendidas nacionalmente. Para esta dissertação foram analisadas apenas as edições mensais, pois as edições extras reuniam coletâneas de entrevistas já publicadas em números anteriores do Jornal Lampião da Esquina.

A disponibilização *on- line* possibilitou a realização de diversas pesquisas e trabalhos acerca do Jornal Lampião da Esquina, sendo algumas delas empregadas nesta pesquisa. Pesquisadores e pesquisadoras se debruçaram sobre as páginas do jornal e forneceram um importante legado para os debates relacionados com a construção do movimento LGBTI+, tais como José da Costa Heeren (2011), Marciano B. De Andrade (2015), Geovane Batista da Costa (2015), Alexandre M. Maciel Costa e Brito (2016), Ronyelisson C. Souza Pereira (2017), Mariana Quadro Gimenez (2021), além destes ainda destacam-se os trabalhos de Almerindo Cardoso Simões Jr. e Márcio L. Gomes Bandeira ambos de 2006.

A presente dissertação insere-se neste meio de trabalhos e pesquisas que veem o Jornal Lampião da Esquina como uma inesgotável e ampla fonte que possibilita a compreensão da construção dos discursos sobre as sexualidades dissidentes bem como o processo de surgimento e legitimação do movimento homossexual brasileiro ainda no contexto ditatorial do Brasil.

A estruturada da presente dissertação está organizada da seguinte forma.

No *Capítulo I – Acendendo o Jornal Lampião da Esquina,* cujo objetivo central foi contextualizar a criação do jornal em 1978 bem como sua estrutura e organização. Dividido em três seções, inicialmente foi abordado sobre o momento sócio – político ao qual o jornal estava inserido em seu lançamento, é sabido que o regime ditatorial instalado no Brasil em 1964 foi marcado, entre outras coisas, pela

2 A consulta ao jornal digitalizado pode ser feita acessando o site do Grupo Dignidade, através do link http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/ , ou ainda pelo site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual, vinculado ao Grupo Dignidade, no endereço eletrônico https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/ .

censura e controle de conteúdos nos meios de comunicação. Entretanto com o suposto “afrouxamento” político iniciado em meados da década de 1970, a sociedade brasileira viu o surgimento de movimentos sociais e o aumento de jornais alternativos. Neste cenário, em abril de 1978 o Jornal Lampião da Esquina foi lançado.

Na segunda seção, foi apresentado o debate acerca de um dos temas centrais do jornal, o gueto gay. Ou seja, os espaços ocupados por homossexuais e demais seguimentos LGBTI+[3]. Estes espaços constituíram – se como locais de socialização e tinham diferentes objetivos por seus frequentadores, o discurso empregado pelo jornal era de incentivar seus leitores à “sair do gueto”, e assumir suas sexualidades de forma pública como forma de combater as violências e opressões sofridas. Assim o gueto e seus desdobramentos se constituíram como elementos presentes nos debates estabelecidos no jornal.

É no gueto que os primeiros debates acerca da estruturação de um movimento homossexual surgem, é do gueto que vem as angústias de ser um sujeito homossexual em uma sociedade que marginaliza tais práticas. E é para o gueto que se pensa o Jornal Lampião da Esquina, com uma proposta de dar visibilidade a esses sujeitos, mostrando a normalidade de suas condições sexuais.

Com a terceira seção, o capítulo é encerrado apresentando o jornal em seus detalhes desde sua criação com a edição experimental, sua estrutura, seções e seus integrantes que variavam entre os fixos e os colaboradores. Nesta parte final, o Jornal Lampião da Esquina foi aberto e desdobrado para melhor conhece–lo.

No *capítulo II – O auê da identidade entre bofes, bichas e palavras,* foi dado ênfase ao debate sobre as identidades homossexuais apresentadas pelo Jornal Lampião da Esquina em suas publicações e como seus leitores se percebiam nelas a partir de elementos e reportagens do jornal. Também dividi em três seções, para este capítulo, iniciei a discussão acerca do que entende-se por identidades e como estas são construídas histórico e socialmente. Busquei perceber como a identidade é formada, e quais elementos são comuns a essa população ao modo de integrar esses sujeitos, algumas vezes solitários, a uma comunidade que de fato possuía

3 Embora que o foco de estudo da dissertação sejam homens gays no fim da década de 1970 e início de 1980 e as siglas de designação ainda não haviam sido definidas, nesta dissertação optei por utilizar a sigla LGBTI+ para designar pessoas lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros, intersexuais e demais designações apresentadas no Manual de Comunicação LGBTI+ da Aliança Nacional LGBTI e Gay Latino (2021).

interesses comuns. Nesta parte inicial ainda foi debatido como o Jornal Lampião da Esquina percebeu essa multiplicidade de identidades entre seus leitores e apresentou tais personas em suas páginas, para que fossem assimilados pelo público-alvo do jornal.

Para a segunda parte, dei continuidade ao debate identitário a partir de duas figuras evidenciadas pelo jornal, o gay-macho, popularmente chamado de bofe, este era o homem homossexual que assumia características mais masculinas, tanto na estética quanto num padrão comportamental mostrando uma virilidade característica de heterossexuais, que mantinha uma posição sexual ativa e dominante. E em oposição, a figura da bicha, ou seja, o homossexual afeminado, pejorativamente chamado as vezes de boneca, este termo se estendia também às travestis. A figura da bicha, vista como alguém espalhafatoso, que gesticulava em excesso, dava pinta (na popular gíria gay) sobre sua sexualidade, não agradava nem uma parte da sociedade heteronormativa nem a parcela discreta da população, que preferia passar despercebida numa espécie de tentativa de sobrevivência em meio as violências cometidas contra homossexuais de forma geral. As duas figuras geravam contradições e debates nas páginas do jornal.

Finalizando o segundo capítulo, busquei pensar em um elemento que ligasse o jornal aos seus leitores, fossem eles bichas ou bofes, da elite ou de camadas populares, que morassem em grandes centros ou em cidades do interior do país. A linguagem empregada pelo jornal era esse elo. O uso de termos comuns a comunidade LGBTI+ da época, as gírias restritas aos guetos, a apropriação seguida de ressignificação de termos pejorativos, o uso de um humor ácido e muitas vezes debochado para tratar dos assuntos e até mesmo responder leitores, dava ao jornal um ar de intimidade, como se o Jornal Lampião da Esquina e seu público fossem velhos amigos de longa data.

A análise desta relação existente, opiniões, elogios e críticas de um ao outro, fica evidente no *Capítulo III - As bichas põem as Cartas na Mesa.* Sendo este o capítulo final da dissertação, aprofundou-se a discussão sobre o relacionamento criado entre os leitores e o jornal, evidenciado pela Seção Cartas na Mesa do jornal, espaço onde eram publicadas as cartas enviadas pelos leitores. É possível pensar nesta seção como uma das mais ricas fontes para o estudo do Jornal Lampião, pois a mesma oferece vários elementos que demonstram o fortalecimento da auto-

percepção dos sujeitos marginalizados como integrantes de algo maior, ou seja, uma comunidade homossexual que vai além dos guetos ou ruas escuras.

O capítulo final foi elaborado a partir de quatro seções. A primeira apresentou a seção de cartas do jornal bem como seus objetivos, sendo importante afirmar que esta pesquisa não julga a veracidade das cartas ou de seus autores, e sim os discursos apresentados nelas e publicados no jornal. As próximas três seções do capítulo foram elaboradas a partir de temáticas comuns existentes entre algumas cartas. Sendo assim, respectivamente, foram analisadas cartas que opinavam sobre o jornal e seu andamento, faziam críticas, elogiavam, ou ainda cobravam um posicionamento mais firme quanto a determinados assuntos.

Em seguida foram analisadas as cartas que se revelavam, em que seus leitores se assumiam como sujeitos homossexuais, e percebiam suas sexualidades com normalidade sem o sentimento de culpa. E, finalmente, a análise das cartas que denunciavam violências, agressões físicas ou psicológicas sofridas pela pelos leitores por policiais, civis, e até mesmo por seus pares. Algumas destas cartas eram carregadas de indignação pelo descaso e desprezo das autoridades, tanto para solucionar casos envolvendo homossexuais e até mesmo por permitir que as agressões ocorrem mesmo diante da presença de oficiais.

Entende-se aqui, que o Jornal Lampião da Esquina vai além de ser um jornal que buscava os direitos de uma minoria ignorada socialmente em virtude de conceitos moralistas. E embora ele não fosse o único material comunicativo deste gênero na época, suas singularidades fizeram com que o jornal tivesse grande popularidade principalmente com relação ao seu público-alvo, os gays do gueto, e ainda, com os demais grupos sociais e minorias representadas em determinadas edições do jornal.

CAPÍTULO I – ACENDENDO O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA

> *"Parece-me ousadia querer então falar de uma cultura homossexual brasileira, uma vez que estamos apenas engatinhando e além do mais sobrecarregados de preconceitos."*
> (PENTEADO, Jornal Lampião da Esquina n°0, 1978, p. 03)

As fontes jornalísticas quando usadas na pesquisa historiográfica tem sua importância para a construção das narrativas por trazerem informações sobre modos de vida, representações de diferentes sujeitos em contextos e segmentos sociais distintos. Sendo assim, é necessário compreender o contexto da existência do periódico para poder perceber seu funcionamento.

A mudança dos ares políticos e sociais no Brasil a partir de 1975, permitiu o aparecimento dos debates acerca da percepção das pessoas LGBTI+ na sociedade brasileira. Estes sujeitos passaram a ser percebidos como sujeitos políticos, buscando assim a construção de uma identidade coletiva com seus pares. Tal processo é percebido no Jornal Lampião da Esquina, que entre outros objetivos, buscou encorajar seus leitores a assumirem-se como homossexuais e dessa forma poderiam atuar como sujeitos ativos que desmistificassem,

> a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (CONSELHO EDITORIAL, Jornal Lampião da Esquina, n° zero, 1978, p. 02.)

Já de maneira enfática, os editores deixam evidente que essa imagem coletiva construída historicamente sobre os homossexuais, não representava para o grupo do jornal a figura dos mesmos ainda que configurados como minoria oprimida, e que supostamente necessitavam de voz para livrarem-se das opressões.

Neste primeiro capítulo pretendeu-se discutir alguns pontos associados ao Jornal Lampião da Esquina que tiveram influência no debate acerca da homossexualidade e da representatividade das diferentes identidades gays no fim dos anos de 1970 na sociedade brasileira, por meio da circulação do jornal. A origem e existência desse periódico estavam ligadas diretamente ao momento político nacional, que embora estivesse sob as sombras ditatoriais do governo, permitiu a proliferação da chamada “imprensa alternativa” e especificamente do Jornal Lampião da Esquina em 1978.

Partindo do contexto sociopolítico em que o Jornal Lampião da Esquina estava inserido, é preciso pensar como e onde ocorriam as sociabilizações dos homossexuais neste cenário ditatorial. Neste sentido, a segunda parte deste primeiro capítulo, abordou sobre os espaços e sujeitos sociais apresentados pelo periódico. Aqui foram apresentados locais de interação entre pares e grupos de pessoas LGBTI+, por assim chamados de espaços de homossociabilização, os guetos em questão, usados tanto para o lazer, quanto para a realização de debates e produções intelectuais e políticas ligados ao segmento homossexual, e deram origem ao próprio Jornal Lampião da Esquina, assim como a outros periódicos e ao movimento homossexual com aspecto mais estruturado.

Ligando à temática dos espaços e dos grupos, este capítulo foi finalizado tratando do Jornal Lampião da Esquina em si: seu processo de origem a partir dos debates em grupos politizados e da influência estadunidense, os “respeitáveis senhores” do corpo editorial, autores e autoras que colaboraram em matérias e a estrutura do jornal com suas mudanças ao longo dos três anos de existência.

A abordagem dessas temáticas foi feita a partir de pressupostos da História Cultural, pensada paralelamente à história do movimento homossexual no Brasil, ao passo que a caminhada do movimento deu-se posteriormente ao nascimento do Jornal Lampião da Esquina.

Para a construção desse capítulo e dos demais, foram utilizados principalmente as reportagens, artigos e demais textos publicados nas trinta e oito edições do jornal, e nas três edições extras lançadas com edições específicas[4]. Além do uso das fontes, empregaram-se os debates com a historiografia sobre os

4 O acervo foi doado pelo professor Dr. Luiz Mott do Grupo Gay da Bahia (GGB) ao Grupo Dignidade de Curitiba-Pr, e em 2010 foi digitalizado e disponibilizado para acesso livre e gratuito a partir do link: https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/ .

estudos de gênero e homossexualidade, bem como outros textos relacionados ao Jornal Lampião da Esquina e ao movimento homossexual brasileiro durante o período de existência do jornal.

1.1– O momento é de abertura, mas sem exageros!

Os últimos anos da década de 1970 do Brasil foram marcados por inúmeras mudanças pode-se afirmar que houve uma efervescência nos campos sociais, da cultura, da imprensa e até mesmo no campo político, embaladas pelas canções de protesto da MPB, pelas excêntricas apresentações do grupo Secos e Molhados, ou das Frenéticas, pelos sambas feitos nas mesas nos bares cariocas. Tudo isso em meio ao cenário ditatorial dos militares instalado desde 1964, com seus aparatos repressivos e de censura, que segundo as historiadoras Lilian M. Schwartz e Heloisa M. Starling (2015) era amparado pelo chamado milagre econômico brasileiro, que teve seu auge entre os anos de 1970 a 1972, gerando uma base de consentimentos à população de forma administrativa.

A abertura política inaugurada pelo então Presidente General Geisel (1974-1979) consistia em processos de liberações políticas e introdução de novos debates na sociedade, visando uma readequação democrática, que o próprio presidente Geisel definia como lenta, gradual e segura. Segundo Boris Fausto (2012) esse mesmo processo visto inicialmente como uma distensão política, por se tratar de um debate interno contra a chamada linha dura do governo, permitiu um clima de relativa liberdade contemplando tanto partidos políticos quanto instituições e movimentos populares.

Assim, em conjunto a liberdades, em abril de 1978 nascia o Jornal Lampião da Esquina tendo sede principal no Rio de Janeiro, e com uma equipe editorial em São Paulo. O Jornal Lampião da Esquina radicalizava na imprensa homossexual a nível nacional abordando a homossexualidade, além de lutar contra a repressão, o conservadorismo político-social e o preconceito, estabelecidos no regime ditatorial.

Estando incluso no grupo dos jornais alternativos, os quais serão abordados com mais detalhes adiante no texto, o Jornal Lampião da Esquina teve como objetivo dar ênfase em assuntos vistos como não prioritários por outros jornais e

periódicos. Além de dar visibilidade a população homossexual para que esta se sentisse segura para assumir sua homossexualidade de maneira naturalizada.

Contudo, precisamos destacar que essa abertura política iniciada por Geisel e seguida pelo Presidente General Figueiredo (1979-1985), ainda vigiava alguns temas apresentados nos veículos de comunicação de massa, visando assim garantir a moralidade sócio-cultural em prol das chamadas tradicionais famílias brasileiras, caracterizadas no modelo heteronormativo, cristão, de classe média em sua maioria. Tal processo deve-se ao fato que “todos os regimes políticos e formas de governo dispõem, em maior ou menor grau, de normas e instituições para regular dimensões da vida familiar de seus cidadãos” (QUINALHA; 2017, p. 03). Desta forma, os assuntos ligados à sexualidade, debates de gênero, homossexualidade e afins (direitos, respeito, despatologização, combate à intolerância, etc.) continuavam no rol de tabus da sociedade.

Em meio a esse contexto de relativa autonomia, mas ainda sob os olhares da censura, é importante ressaltar que segundo Carlos Fico (2019), a ditadura militar não criou a censura, apenas a adequou aos seus interesses, pois tinha como objetivo principal regular e controlar a produção e bens culturais que circulavam no país, além de manipular mecanismos de memória nacional. No que se refere à imprensa e o jornalismo, ainda segundo Fico (2019), houve casos da censura *in loco,* ou seja, um censor no local emitindo listas de temas proibidos ou repassando informações de órgãos do governo.

Ainda que houvesse certa liberdade, segundo Costa e Brito (2016), a imprensa que se via amordaçada com seus jornalistas sendo presos e perseguidos, principalmente após o decreto-lei n° 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que revelava a preocupação do governo com a influência exercida pelos veículos de comunicação bem como seus atores, poderia pôr em risco a moralidade social a partir de planos subversivos. Esse decreto visava

> proteger a instituição da família, preservar-lhes os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da mocidade; Considerando, todavia que algumas revistas fazem publicações obscenas e canais de televisão executam programas contrários a moral e os bons costumes. Considerando que tais publicações estimulam a licença, insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade Brasileira (**Decreto-Lei Nº 1.077**, de 26 de janeiro de 1970).

Mesmo com um momento político que cercava a impressa de rigor e controle, o momento da abertura política flexibilizou o espaço para a imprensa alternativa, também chamada de *nanica,* que segundo o historiador Jorge C. Rodrigues (2010), eram os jornais que adotaram o formato tabloide, ou seja, geralmente tinham a metade do tamanho dos jornais convencionais, mas podiam variar quanto a isso e que se caracterizaram pela sua oposição ferrenha ao regime militar.

Esses periódicos debatiam desde temas políticos, humor, feministas, homossexuais, raciais, étnicos ou culturais que eram censurados pelo autoritarismo e apresentavam uma comunicação popular alinhada ao desejo de liberdade de expressão desses grupos e movimentos. Entre os anos de 1964 a 1985, existiram cerca de cento e cinquenta tipos de publicações desse formato, podemos citar como exemplos *Pasquim* (RJ), *Opinião* (RJ), *Movimento* (SP), *Lampião da Esquina* (RJ), *Em Tempo* (SP), *Brasil Mulher* (SP), *Beijo* (RJ), Ex (SP), *Versus* (SP) e tantos outros que existiram até o final da ditadura em 1985.

A década de 1970 marcou o apogeu dessas publicações, bem como sua diversificação de temas, defendendo apaixonadamente seus pontos de vista, buscando novos sentidos para suas práticas políticas e apresentando novas propostas para transformações socioculturais. Mas mesmo existindo em um momento de ascensão, tais publicações tinham que sobreviver a baixos custos, além de uma luta constante contra a

> censura e de sofrerem constantes apreensões, às vezes de edições inteiras – o que para essas firmas de pequeno capital era um golpe seríssimo –, os jornais alternativos eram também muitas vezes vítimas de atentados terroristas. Mesmo assim, eles foram bem-sucedidos em desempenhar um papel que a grande imprensa só foi capaz de adotar depois do advento da "abertura" (MACRAE; 1990, p.142).

Pode-se entender com isso, que a imprensa alternativa, embora tenha alcançado seus objetivos em grande parte, era também o alvo das instituições governamentais que buscavam afastar as temáticas abordadas pelos periódicos do meio da sociedade.

Neste contexto de sanções, os integrantes e responsáveis pelo Jornal Lampião da Esquina, sofreram a abertura de um inquérito policial em agosto de 1978, apenas quatro meses após o lançamento do jornal. O processo, baseado na ofensa à moral e aos bons costumes, como inscrito no artigo 17 da Lei da Imprensa 5260/67[5], durou cerca de um ano até ser arquivado pelo Procurador da República por relativizar os princípios de moralidade. Na edição n°18 de novembro de 1979, Aguinaldo Silva, um dos editores do jornal relata acerca do processo

> Foram doze meses de choro, ranger de dentes e defecções, desde aquele dia, no mês de agosto de 1978, em que chegou uma primeira intimação, em nome de Francisco Bittencourt: tratava-se, como se pode ver, agora que tudo terminou e nós, finalmente, temos acesso ao inquérito – de uma firme determinação do Departamento de Polícia Federal de não apenas fechar o LAMPIÃO como também punir os responsáveis por ele. A essa 'firme determinação', no entanto, nós opusemos nossa secular teimosia, e nossa confiança naquela a quem caberia a decisão final, a Justiça. Foi essa confiança que nos levou a suportar todas as pressões – as visitas matinais dos agentes do DPF, as solicitações arbitrárias como aquela dos nossos livros contábeis, a humilhação de sermos qualificados e identificados numa repartição policial como criminosos – e o resultado final dessa longa história mostra que nós tínhamos razão: **a Justiça decidiu-se pelo arquivamento do processo,** levando em conta o parecer do Procurador da República, Sérgio Ribeiro da Costa, a respeito de LAMPIÃO: '**No caso em exame, a publicação inquinada de ofensiva à moral pública pode ofender a moral de alguém, mas não de todos. Portanto é relativo e não absoluto o conceito de moral daquele que condena essas publicações'**. Com o arquivamento do inquérito, o que ficou decidido claramente foi o seguinte: a polícia, ao suspeitar de nós, não tinha razão; (SILVA, Jornal Lampião da Esquina, n°18,1979, p. 02, grifos nossos).

Neste caso, entende-se que o procurador mesmo percebendo que o jornal poderia ser considerado como imoral para alguns, para outros ele estava de acordo com a liberdade de expressão proposta pelo próprio governo e manteve uma postura neutra quando as publicações do jornal.

Entre os jornais mais sensacionalistas, a imprensa marrom, os homossexuais eram apresentados sempre num cunho especulativo, e que segundo Quinalha (2017) acabavam reproduzindo as visões estereotipadas e que

---

5 Lei Nº 5.250, de 9 de Fevereiro de 1967. Art. 17. Ofender a moral pública e os bons costumes: Pena: Detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa de 1 (um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região. Disponível para acesso via http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm. Acesso em 23 de julho de 2021.

aumentavam os estigmas de homossexuais e travestis, quase sempre ligados à criminalidade por tais tabloides.

Porém quando homossexuais assumiam posições de destaque dentro da grande impressa, e levantavam temáticas ligadas à homossexualidade, passavam a ser vistos como imorais pela censura. A Edição Experimental n° zero do Jornal Lampião da Esquina, de abril de 1978, trazia o caso do jornalista Celso Curi, colunista gay do Jornal Última Hora (Sp), que desde 1976 fez sucesso com a Coluna do Meio, onde trazia notícias e fofocas de personalidades gays, além de um correio elegante, a coluna era dirigida diretamente aos homossexuais. A fama do jornalista e sua coragem acabaram rendendo além de cartas com ameaças, sua demissão do jornal em novembro de 1977 e coincidentemente a exposição de um processo que vinha ocorrendo desde outubro de 1976, sob a denúncia de atentado contra a moral e bons costumes, como fica claro na reportagem de João Silvério Trevisan

> Em carta ao diretor geral da Policia Federal de Brasília, o superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusava a Coluna de "**promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente**". E o promotor público designado para o processo comunicava ao Juiz de Direito da 14ª Vara Criminal que o denunciado ofendeu 'de modo contínuo no período compreendido entre 05 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral e os bons costumes' na coluna do Meio '**cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, defendendo- se abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo'** (TREVISAN, Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 06, grifo nosso).

O caso de Celso Curi foi semelhante ao vivido pelos "lampiônicos" em 1978 e 1979, ou seja, ambos foram denúncias feitas por pessoas isoladas que em determinado momento se sentiram ofendidos com os trabalhos jornalísticos em questão. Afinal nem mesmo na Lei da Imprensa ficava claro o que eram exatamente a moral e os bons costumes a serem defendidos.

A ascensão dos periódicos e colunas gays dos anos 1970 são frutos de trabalhos que existiram antes disso. Ainda nos anos 1960, floresceram no Brasil algumas publicações neste gênero, jornais produzidos por e para a população homossexual. Estima-se que houve cerca de 26 publicações gays circulando no Brasil entre 1960 a 1970. O jornal *O Snob* foi singular no registro do cotidiano

cultural gay carioca da época, idealizado por Agildo Guimarães[6] e Anuar Farrah e teve início em julho de 1963, era produzido de forma independente, sendo mimeografado e xerocado, distribuído entre amigos das regiões da Cinelândia e Copacabana. Encerrando suas atividades após 99 publicações em junho de 1969, o jornal "tornou-se uma publicação que incluía de trinta a quarenta páginas, trazendo ilustrações elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os famosos travestis do momento" (GREEN, 2000, p. 298), e acabou influenciando outras publicações que surgiram após 1970.

Em entrevista à Leila Míccolis[7] para o Jornal Lampião da Esquina na edição n° 28, em setembro de 1980, os criadores do *O Snob* falaram sobre a origem satírica do jornal, além da existência da Associação Brasileira da Imprensa Gay (ABIG) entre os anos de 1962 a 1964,

> **L - Eu queria saber como foi o trabalho de vocês naquela época, porque o pessoal às vezes pode pensar que as coisas só começaram a acontecer de 78 pra cá.**
> **AG -** O jornal **SNOB,** pelo que eu conheço, foi o primeiro do Brasil dentro do ramo jornalístico dele. Começou com uma brincadeira, porque nós fizemos um concurso de Miss Traje Típico de Travesti, participamos, e quem esperávamos que ganhasse não ganhou; achamos uma injustiça e então, para protestar, partimos para um jornal, datilografado , numa folha só. Depois virou uma revista, com muitas páginas.
> **L- E a ABIG- Associação Brasileira de Imprensa Gay?**
> **AF** – Nós fundamos a ABIG com todos os jornais gays editados no Brasil. Eu fui o primeiro presidente, depois o Thula Morgani... Aliás, era a época em que nos chamávamos por nomes femininos, porque cada um tinha responsabilidade no seu trabalho, hoje ninguém se preocupa com isso é tudo normal. Thula Morgani é um dos melhores maquiadores do Rio: A ABIG durou de 62 a 64. Depois veio a Revolução e acabou.
> **L – Lá vocês pretendiam só reunir as publicações ou lutar por alguma coisa?**
> AF – Não, a ABIG foi feita para lutar, porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais que fazíamos o que todas as outras faziam. Normais sempre fomos, sem diferenças.
> AG – Pois é, queríamos mostrar à chamada sociedade 'normal' que 'éramos tão normais quanto eles'. (MÍCOLIS; Jornal Lampião da Esquina, n° 28, 1980, p.6 e 7).

6 Para mais, ver GREEN, James Naylor. Novas palavras, novos espaços, novas identidades, 1945-1968. In: **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

7 Poetisa e militante feminista, Leila Míccolis passou a integrar o corpo editorial como colaboradora do Jornal Lampião da Esquina a partir da edição n° 04, de setembro/outubro de 1978, permanecendo de forma mais prolongada em comparação a outras mulheres.

Neste sentido podemos perceber a grande importância e influência das publicações gays anteriores ao Jornal Lampião da Esquina, e mesmo anterior ao golpe de 1964 e buscava a ideia da aceitação e normalidade da homossexualidade dentro da sociedade, mesmo que não houvesse um debate ou uma proposta de movimento homossexual na década de 1960.

Se no campo da imprensa ainda era visível um controle, em outros setores como o da vida privada e cultural é possível perceber um "afrouxamento" de hierarquias sociais e de gênero com o acesso das mulheres a educação e mercado de trabalho. Para Marciano V. de Andrade (2015), era o início de uma mudança comportamental de alguns grupos, questionava-se sobre padrões tradicionais de moralidade e comportamento, essa posição era visível principalmente entre os jovens de classe média dos grandes centros sob forte influência do movimento de "contracultura" de origem nos Estados Unidos no início dos anos de 1960, e que levantava questionamentos sobre os governos vigentes. A juventude brasileira da classe média, deixada de lado pelas políticas nacionais

> voltava a sua atenção para os jovens dos grandes centros urbanos dos EUA e Europa, como Nova York e Londres, valorizando especialmente seus aspectos subterrâneos *(underground)* como o gueto negro do Harlem, a maconha, o LSD, o *rock*, e os *Hell's Angels.* Nos EUA, essa juventude não se identificava especialmente com o proletariado que, em sua maioria, se apresentava como racista e reacionário (MACRAE; 2018, p. 95).

No Brasil, temos como equivalentes marginalizados os "negros, homossexuais, *freaks,* favelados, adeptos da cultura afro-brasileira etc." (MACRAE, 2018, p. 96) que recusavam os ideais burgueses da sociedade e buscavam formas alternativas,

> as 'comunidades' contraculturais protagonizavam uma nova forma, não comercial, de viver a cultura, baseada na prática do artesanato, na diluição das fronteiras entre vida e arte e na busca de novos valores morais e de um novo comportamento sexual. (NAPOLITANO; 2014, p. 158)

Esses grupos se diferenciavam da juventude engajada politicamente, que mesmo na clandestinidade buscavam uma liberdade coletiva através da resolução dos problemas sócio- políticos do país.

É possível afirmar que essa contestação política ao sistema da época ficou mais visível no campo cultural, quando na década de 1970 artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, os Dzi Croquettes, a banda Secos e Molhados e Ney Matogrosso, se apresentavam e punham em questão os papéis de gênero vigentes e traziam elementos que mesclavam o masculino e o feminino na dança, na performance e no figurino conforme afirma Macrae (2018), projetando uma imagem bissexual ou homossexual, principalmente em suas composições que eram um protesto aos padrões impostos.

Outra consequência deste “afrouxamento” foi a ascensão dos movimentos civis nos debates públicos, organizados em diversas formas de militância, e que fortaleceram tais debates no fim dos anos 1970. Esses grupos que agora podiam funcionar mais às claras mostravam que o ideal de unidade das oposições, se tornava cada vez mais inviável em decorrência de reivindicações específicas de cada parcela da população de acordo com Macrae (2018).

Esses movimentos organizados por grupos tidos como minorias – mulheres, negros e homossexuais - reivindicavam uma maior participação política, e com isso

> alargaram os contornos da luta democrática e fizeram circular seus pontos de vista em publicações próprias que combinavam um novo ativismo político, no qual se reivindicava o reconhecimento da diferença associado à pauta da demanda por igualdade e universalidade de direitos, e que introduzia novas categorias analíticas, como gênero ou sexualidade. (SCHWARTZ; STARLING; 2015, p. 474).

É possível afirmar que o movimento feminista tenha sido o movimento que mais se aproximou e até influenciou na construção do movimento homossexual em decorrência dos debates acerta da liberdade sexual e autonomia de gênero. Tais debates não foram uma novidade da década de 1970 e do contexto tratado, já se conhecia desde o fim do século XIX um significativo movimento em prol dos direitos das mulheres, entretanto é no período ditatorial que ele ganhou novas forças para se reestruturar, como a efervescência cultural de 1968.

Além da participação desses grupos, dentro desse processo de abertura política dois fatos foram essenciais para a ascensão dos debates de diversidades na época: 1- a extinção do AI-5 em 31 de dezembro de 1978 (exatamente as 00h),

ainda no governo Geisel, o que punha fim a um controle de rigidez, censura e repressão extrema e escancarada do governo, ainda que dentro de normas revistas da Lei de Segurança Nacional, e 2- o consentimento da anistia para centenas de exilados do Brasil. Este segundo fator foi iniciado pelo Presidente General Geisel em dezembro de 1978, revogando o decreto de banimento de 120 exilados políticos e em junho de 1979, já no governo do presidente General Figueiredo, que havia enviado o projeto de concessão da anistia aos exilados ao Congresso.

Ainda que essa fosse uma pauta já iniciada pelo Movimento Feminino pela Anistia (SP) em 1975, o projeto do presidente era basicamente uma tentativa de acalmar os ânimos populares, pois enquanto a população pedia por uma anistia, ampla, para todos e irrestrita, o projeto presidencial parecia algo mais convencional pois

> trazia de volta os exilados, libertava presos e permitia aos clandestinos reassumir sua identidade. Prescrevia, contudo, uma anistia limitada, restrita e recíproca. Não incluía 195 presos políticos condenados por ações armadas — denominadas pelos militares “crimes de sangue” — nem assegurava reversão aos postos ocupados por quem perdera o emprego ou fora aposentado no serviço público por força da ditadura (SCHWARTZ; STARLING; 2015, p. 479).

Neste momento de discussões político-sociais, um dos fatos de grande importância para o aumento do debate sobre a sexualidade – e em específico a homossexualidade na sociedade brasileira – foi o retorno de diversos intelectuais e políticos exilados pelo governo ditatorial, e que traziam as experiências e debates dos movimentos sociais do exterior.

O caso mais expressivo no tocante ao debate homossexual é o de João Silvério Trevisan, um dos futuros componentes do corpo editorial do Jornal Lampião da Esquina, que viveu exilado, ainda que voluntariamente mas sob os ecos do *slogan* do governo Médici “Brasil: Ame- o ou deixe-o”, em Berkeley e São Francisco, nos Estados Unidos entre os anos de 1973 a 1976, e teve contato com “militantes gays americanos, feministas socialistas, e revolucionários brasileiros exilados” (TREVISAN; 2018, p. 315).

No seu retorno para o Brasil, Trevisan não conseguiu se engajar novamente nos debates com seus antigos colegas de militância. Dentro dos debates trazidos

pela esquerda nacional, havia outra questão que fazia o escritor se distanciar mais de uma aproximação com seus colegas, a bifurcação entre o que era tratado de “inicialmente como ‘luta menor’ em contrapartida a ‘luta maior’ que era o proletariado e não podia sofrer ameaça alguma na sua luta” (MAIOR JR; 2013, p. 08). Discordava desse raciocínio por verificar que tal divisão gerava mais preconceitos, desigualdades e discriminação em relação aos grupos e segmentos, além de fundir os movimentos com a causa operária impedindo a construção de um espaço de luta e reivindicações próprias.

Diante disso, já em 1976, Trevisan criou um núcleo de estudos sobre a homossexualidade juntando universitários em São Paulo, porém, para Trevisan, o grupo não deu certo em virtude de que

> os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados com suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações da parte de companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais.
>
> A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? [...] como se não bastasse 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. Nessas condições, não é de estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões. (TREVISAN; 2018, p. 315.)

Assim, o primeiro embate de Trevisan foi referente ao posicionamento de alguns dos seus pares em relação as suas ideologias políticas, que conflitavam com os interesses da militância homossexual. Pois neste momento ainda que houvesse um sentimento de emancipação política desses sujeitos em relação aos grupos políticos de oposição, esses mesmos sujeitos se viam numa posição de estreita ligação com os partidos de esquerda. Além de que, como afirma o próprio Trevisan (2018), eles ainda conflitavam com suas sexualidades, ainda entendidos como escolha ou distúrbio mental.

Mesmo com as discordâncias políticas e ideológicas ligadas a militância, segundo o historiador Rodrigo Cruz (2015) a década de 1970 assistiu uma significativa efervescência homossexual na sociedade, nos meios de comunicação e programas televisivos com figuras como o escritor e arista plástico Darcy Penteado, o jornalista Celso Cury já citado aqui anteriormente, a presença da transformista

Rogéria como jurada do programa do Chacrinha, ou ainda concursos de transformistas e travestis em teatros.

Além da presença cada vez mais visível de travestis e *michês* nas ruas das grandes cidades que ganhavam a vida com a prostituição e que sofriam constantes ataques policiais, mesmo que tal prática não fosse considerada crime, a prostituição era enquadrada por vadiagem, perturbação da ordem pública e outras categorias. No caso dos michês, que no contexto da época podem ser entendidos como "uma espécie sui generis de cultores da prostituição: "varões" geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente" (PERLONGHER; 1987, p. 17), tinham além das ruas outros espaços frequentados por gays como saunas, cinemas e bares e serviam como pontos de encontro na busca por clientes.

Esses mesmos lugares abrigavam a população gay que buscava um espaço em que pudesse compartilhar experiências, diversão e até mesmo cultura entre iguais. A existência, a importância desses locais tidos como o "*gueto gay*" bem como seus frequentadores serão tratados posteriormente por estar ligada diretamente a criação e aos objetivos do Jornal Lampião da Esquina.

1.2 - E o Lampião da Esquina "sai do armário", aliás, do gueto!

Nas grandes cidades do Brasil sempre existiram locais frequentados quase que majoritariamente pelo público gay e eram lugares muitas vezes que se dedicavam antes de qualquer coisa a discrição de sua clientela. Esses estabelecimentos vão ganhando mais visibilidade desde a década de 1960 em regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília com bares refinados que exigiam terno e gravata de seus frequentadores ou à beira da rua com mesas na calçada, cafés frequentados por grupos ligados ao teatro e que se somavam aos gays que buscavam encontros com seus pares ao som do *jazz* e da bossa nova. Ao fim da mesma década também passam a aparecer em cena, ainda que contida, as boates frequentadas basicamente por grupos mais populares, gerando uma rivalidade "elite *versus* populacho".

Alguns ainda iam além dessa descrição contida, como é o caso da Galeria Metrópoles, na Av. São Luís em São Paulo. Era um lugar de vasta diversidade social, como afirma Perlongher (1987)

> cheia de bares, boates, inferninhos, fliperamas, galerias, livrarias, escadas rolantes, etc., a Galeria misturava não só o mundo *gay*, mas também intelectuais, artistas, poetas, encucados, suicidas, prostitutas, gigolôs, cafetinas, músicos, e mais a bossa-nova, o jazz, o rock, a Tropicália, a psicodelia, o álcool, as drogas e, é claro, a polícia (PERLONGHE;1987, p. 80).

Haviam ainda outros locais de encontro, onde os homens gays buscavam por encontros furtivos, os chamados "*pontos de pegação*" ficavam praticamente na clandestinidade, sendo conhecidos apenas por seus frequentadores como era o caso de inúmeras saunas paulistas e cariocas. Nesse mesmo gênero apareciam alguns cinemas em que facilmente, além do filme, os clientes poderiam ainda contar com serviços sexuais oferecidos por garotos de programa. Os cinemas tinham um público diversificado, como era o caso do Cinema Íris, rua da Carioca no Rio de Janeiro, apresentado pelo próprio Jornal Lampião da Esquina em sua edição experimental em abril de 1978

> há soldados da PM e bombeiros dos dois quartéis próximos. Há uma legião de pessoas saídas diretamente da Cinelândia, atraídas menos pelos dois filmes e pelo preço módico, que pela presença desses soldados e bombeiros. Alguns retardatários, saídos das lojas próximas, e que adiam a hora de pegar o trem e ir para casa também pontilham, aqui e ali. Como pontilham, também, os moradores das hospedarias próximas [...], rapazes vindos de outros locais em busca das luzes da cidade grande, e que acabam, no Rio, limitados à possibilidade de caminhar pelas ruas escuras - não propriamente caminhar, 'mas esgueirar-se em busca de **oportunidades** cada vez menos dignas **(oportunidades não é a palavra exata:** digamos ocasiões). Finalmente, na longa fila para a sessão das 21h20m, as "damas que pagam meia': prostitutas que já ganharam o suficiente para interromper o trabalho daquele dia. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 09).

Neste trecho do jornal, podemos perceber que os cinemas forneciam uma falsa segurança aos seus frequentadores em decorrência da presença de oficiais da polícia. No que se refere ao Cinema Iris, as últimas sessões geralmente eram mais procuradas pelo público masculino

> Para os que entraram no Iris por acaso – ou pela primeira vez –, uma certeza inicial: apenas as damas que pagam meia parecem realmente interessadas no que a teia mostra: o vai- e- vem dos homens está em constante desacordo com o fato de que estão num cinema; e os sussurros, as imprecações, as meias palavras que se ouvem igualmente não têm a ver com as fugas entrecortadas de Terence Hill, o Trinity do primeiro filme em exibição (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 09).

Importante lembrar que tanto nos cinemas, quanto nos bares a presença da polícia era comum, pois iam a tais locais em busca de usuários de drogas, foragidos ou simplesmente desocupados que seriam enquadrados e levados à delegacia incursos pelo Código de Contravenções Penais[8] acusados do crime de vadiagem.

Mas o que todos esses excêntricos lugares tinham em comum, além da sua variada clientela? Esses espaços eram descritos como espaços sendo frequentados por bichas, bofes, travestis, fanchonas (gays masculinizados, mais tarde o termo seria sinônimo para lésbicas masculinizadas), michês e prostitutas, e outros grupos que estavam numa espécie de clandestinidade social. Esses espaços eram chamados de *guetos*.

O que havia de comum entre os guetos era o fato de serem espaços de homossociabilidades, ou seja, espaços que agrupavam pessoas com interesses semelhantes além de questões do quotidiano homossexual. Neste contexto o gueto

> era a designação dada, antigamente, aos locais frequentados preferencialmente por homossexuais. Nos dias de hoje já não é mais utilizado, devido ao caráter do movimento de conquista da dignidade em qualquer espaço público. Tem a mesma simbologia dos guetos do movimento negro, ou dos judeus durante o Nazismo. Os guetos não representavam lutas políticas, apenas reuniões e locais de encontro e convivência com iguais (GRUPO DIGNIDADE; 2008, p. 17).

Neste sentido, segundo Mariana Quadro Gimenez (2015), o gueto pode ser entendido como um espaço ou áreas autorizadas, onde os grupos minoritários são forçados a viver ou conviver com seus pares, em decorrência da opressão social exercida por questões morais, econômicas, sexuais ou étnicas. Entretanto em meio às tensões sociais do cenário brasileiro a partir de 1964, podemos perceber que o gueto surge como uma possibilidade de redirecionamento proporcionado pelos e aos

8 Decreto-Lei N° 3688, de 03 de Outubro de 1941-Lei das Contravenções Penais.

grupos, neste caso dos homossexuais, aos locais e áreas pudessem vivenciar suas sexualidades, originando o que entendemos aqui como o gueto homossexual.

Um dos primeiros objetivos do Jornal Lampião foi a emancipação homossexual ao gueto, pois aos olhos dos editores o gueto reforçava o estigma negativo existente sobre a população homossexual. Segundo os editores era “preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele” (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 02).

Por mais que fosse visto como um espaço a ser derrubado, o tema do gueto foi abordado pelo Jornal Lampião da Esquina em diversas situações e associado a temas e locais variados, ao todo o termo *gueto* aparece no jornal num total de 107 vezes. Ainda que tratasse de pontos específicos, mantinha o conceito central de espaço de marginalização dos seus frequentadores.

Inicialmente o gueto era associado aos lugares da chamada badalação gay, como boates, saunas e bares que por muitas vezes não era bem-visto por grupos elitistas ou militantes do próprio movimento homossexual que se referiam aos frequentadores desses luares como bichas desorganizadas, segundo Macrae (2018) isso ocorria em decorrência das inconstâncias e falta de debate político entre o grupo.

Porém quando se trata de pensar os guetos como espaços de paridade num momento em que não se fala abertamente de homossexualidades, esses espaços davam a seu público o sentimento de pertencimento a um grupo com características e interesses comuns, indiferente de classe social, de idade ou estilos, o gueto os acolhia e lhes dava a sensação de pertencimento sem o sentimento de pecado ou doença.

O próprio Jornal Lampião da Esquina surge a partir do debate num grupo de militantes engajados politicamente e que viam à necessidade de expandir essa participação e o debate acerca da homossexualidade para além do seu próprio grupo, principalmente objetivando a parcela da população gay à margem das discussões políticas.

Contrapondo aos estabelecimentos comerciais, podemos incluir alguns poucos grupos ligados ao debate político acerca das questões gays, sendo importante lembrar que parte desses integrantes estavam associados a partidos políticos de esquerda que por sua vez bradavam pelo “bem maior” da sociedade,

deixando temas como a homossexualidade ou machismo num segundo plano, como já citado anteriormente, o que gerava mais uma barreira em relação a debates deste gênero.

Como consequência dessas divergências ideológicas e pessoais, e somados a ascensão dos debates em torno dos movimentos sociais da década de 1970 tanto no Brasil quanto de movimentos de outros países, era preciso pensar em novas formas de aproximar a população homossexual e encorajá-la a enfrentar as opressões sociais criadas em decorrência de sua condição sexual.

Ainda em 1977, um grupo de intelectuais, artistas e jornalistas homossexuais, se reúnem no Rio de Janeiro com o intuito de pensar formas de dar maior ênfase a população gay brasileira. Segundo o historiador Paulo Souto Maior Jr. (2020) o encontro ocorreu ainda por ocasião da visita do ativista e editor-chefe da revista Gay Sunshine (São Francisco/CA) Wiston Leyland, que veio ao Brasil com intuito de reunir material para uma antologia de textos latino-americanos sobre a literatura e homossexualidade. Esse encontro foi o estopim para a criação de um jornal que tratasse específica e abertamente de questões ligadas a homossexualidade.

A ideia, tanto da reunião do grupo quanto da proposta inicial de um jornal homossexual no Brasil partiu do então advogado e ativista homossexual João Antônio Mascarenhas (1927 – 1988). A ideia foi discutida ainda em 1977 e em abril do ano seguinte nascia o Jornal Lampião da Esquina “um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país” (TREVISAN; 2018, p. 338).

Inicialmente o dinheiro para a produção foi arrecadado entre os idealizadores, e ainda por meio de uma campanha de arrecadação feita entre amigos que apoiavam a iniciativa e contribuíram com o montante necessário. A arrecadação foi suficiente para a produção de duas edições.

Os anúncios para a sociedade sobre um novo e abertamente jornal gay, já vinham acontecendo desde o fim de 1977. Segundo Quinalha (2021), em dezembro e 1977, o dramaturgo e futuro editor do jornal, Aguinaldo Silva, em entrevista à revista Isto É, dava detalhes sobre o processo de construção do jornal em desenvolvimento

> quanto ao jornal que estamos fazendo, queria dar algumas informações a respeito: ele vai ser nacional – tabloide, 32 páginas, 10.000 exemplares – e provavelmente vai comprar, no primeiro número, a briga do Celso Cury (Coluna do Meio), a briga da Leda Flora (aquela que denunciou ao Congresso a discriminação sexual), e a briga dos negros brasileiros, que as multinacionais do disco-dance. (SILVa; **IstoÉ,** 28dez/1977,p.14).

Nesta entrevista, Silva já apontava que os contornos que norteariam o jornal já estavam definidas, bem como os objetivos de luta do periódico. O jornalista e futuro editor afirmou que não se trataria de

> um jornal que falaria apenas sobre o homossexualismo - menos ainda sobre travestis, que essa é outra repartição – e sim um jornal em que essas pessoas apresentem a sua visão do mundo em que vivem, e através do qual mostrem sua indignação de ocupar um lugar certo – inclusive politicamente – dentro dele. (SILVA, Isto É, 28dez. 1977, p.14).

Alguns meses depois, em abril de 1978, a edição experimental foi lançada ao público. A circulação foi jornal foi até junho de 1981, com publicações mensais ininterruptas.

A primeira imagem do jornal trazia estampada sua logo remetendo a figura do cangaceiro nordestino, símbolo de machismo e ao lado à palavra lampião, título do jornal. Ainda podemos pensar na logomarca de maneira fálica, trazendo para si a ideia de masculinidade e que de certa maneira estaria também associada ao cangaceiro. Tanto a logomarca quanto título, estavam em destaque na cor vermelha, numa tentativa de atrair mais a atenção dos leitores.

Figura 01- Título e logo do Jornal na edição experimental, de abril de 1978

Fonte: Jornal Lampião da Esquina, ed. experimental n°00, 1978, p. 01.

O nome para o jornal foi uma parte emblemática da sua criação, pois era necessário um nome que remetesse uma subversão ao momento político e social.

De acordo com Regina Facchini e Júlio Assis Simões (2009) inicialmente foi escolhido o nome Lampião, por uma questão irônica, um jornal de bichas com nome de cangaceiro seria um enfrentamento ao machismo da época, e ao mesmo tempo, em alusão quase poética, e segundo Maior Jr. (2020) cheia de significados, pois poderia ser associado ao ato de iluminar em um ambiente, fazendo alusão aos próprios homossexuais vivendo na escuridão da clandestinidade e por sua vez o Jornal Lampião levaria à luz e mostraria o caminho aos leitores na escuridão dos guetos e esquinas.

Entretanto, como desde 1976, já existia um Jornal Lampião, no Rio Grande do Sul, ligado a um grupo trotskista, o jornal gay passou a se chamar “Lampião da Esquina”, a partir de sua segunda edição (n°01) de maio de 1978.

Figura 02- Título do Jornal na edição 01 em maio/junho de 1978.

Fonte: Jornal Lampião da Esquina, n° 01, 1978, p. 01.

A inserção da palavra *esquina* fazia referência aos territórios urbanos, ligados a vida noturna ocupada por gays, lésbicas, travestis e michês e demais grupos tratados no jornal. Esses grupos já se faziam presentes nas ruas de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais, no caso dos michês estariam próximos às esquinas a espera de clientes[9].

Quanto aos objetivos, a proposta dos seus idealizadores fica clara já na edição experimental número zero, em abril de 1978

> a idéia de publicar um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera ‘não prioritários’, surgiu em novembro do ano passado, e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamaria de ‘compromisso histórico’: estava criado

9 Hipótese baseada na pesquisa de mestrado de Nestor Perlongher, sobre a prostituição masculina em São Paulo, publicada em 1980. Para mais informações, ver PERLONGHER, Nestor O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

> LAMPIÃO, e ficou decidido que os onze criadores formariam um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial dessa publicação. O mesmo Conselho selecionará no futuro - de acordo com a viabilidade do projeto agora posto em prática -, sempre seguindo a linha adotada pelo jornal, os livros que a editora criada para editar LAMPIÃO publicará (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n°00, 1978, p.02)

Com o objetivo traçado pelos senhores do conselho editorial, os primeiros 10 mil exemplares do jornal foram, inicialmente produzidos por doações de parceiros e interessados no jornal e na sequência esses exemplares foram distribuídos e enviados aleatoriamente para cinco mil pessoas, algumas que faziam parte da rede de amigos dos editores, e tinham como princípio que fossem sem distinção de credo, raça ou sexualidade.

Segundo João Silvério Trevisan (1978) um dos autores e editores do jornal, se algumas dessas pessoas que receberam a primeira edição eram diretamente interessadas nos assuntos abordados nele, foi apenas o que Hollywood chamaria de “mera coincidência”. E para surpresa de muitos o jornal teve grande aceitação do público, mesmo sendo vendido em bancas de jornal pelo país.

1.3 – Desdobrando o Jornal Lampião da Esquina

Com o lançamento do Jornal Lampião da Esquina em abril de 1978, a imprensa gay brasileira passava a ter um novo e resistente nome na luta pela representatividade homossexual na sociedade. É sabido que o Jornal Lampião da Esquina não foi o primeiro neste gênero de publicações, como já mencionado anteriormente, porém ele se diferenciou pela sua produção a nível industrial e pela circulação nacional.

O lançamento no momento em meio aos debates da abertura política brasileira, e se opunha claramente ao regime político de então, bem como às opressões sofridas por grupos minoritários como os gays, travestis, mulheres e negros.

A chamada Edição Experimental de número zero, além de apresentar os propósitos do jornal, trazia já na página dois uma rápida apresentação dos onze “senhores” que compunham o corpo editorial e que dariam os direcionamentos do

jornal bem como da editora criada para atender as necessidades do jornal. O conselho editorial ficou composto da seguinte forma

> **Adão Costa** – Jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês-português).
> **Aguinaldo Silva –** Jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tem dez livros publicados), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com Opinião desde os primeiros números, e é um dos fundadores de Movimento.
> **Antônio Chrysóstomo** – Jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows. E um dos mais polêmicos críticos musicais do país.
> **Clóvis Marques** – Jornalista e tradutor faz crítica e cinema. Subeditor do Guia de Filmes publicado pela Embrafilme,é correspondente, no Brasil, de Film Dope, de Londres.
> **Darcy Penteado** – Artista plástico e escritor. Uma das figuras mais importantes do front cultural pauta, foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, A Meta, com histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano passado.
> **Francisco Bittencourt** – Poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas. E membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colabora como crítico em vários jornais.
> **Gasparino Damata** – Jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias – Histórias do Amor Maldito e Poemas do Amor Maldito - que tinham o homossexualismo como tema.
> **Jean- Claude Bernardet** – Crítico de cinema, um dos teóricos do Cinema Novo, possui também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do Opinião. É um dos fundadores de Movimento.
> **João Antônio Mascarenhas** – Advogado, jornalista e tradutor, abandonou a burocratice dos Ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de “gente boa” que resultou na idéia de se publicar o LAMPIÃO.
> **João Silvério Trevisan** – Cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados do ano passado – Testamento de Jônatas deixado a Davi. Está escrevendo um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina,
> **Peter Fry** – Nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas, onde está até hoje. Tem pesquisado sobre as religiões afro-brasileiras e pretende escrever sobre a sexualidade no Brasil (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n°00, 1978, p. 02, grifos nossos)

Figura 03- Os Senhores do Conselho[10]

(Fonte: Jornal Lampião da Esquina, n° 01, 1978, p. 09)

Inicialmente esse foi o grupo de editores do jornal e a partir das suas profissões podemos definir como um grupo de homens gays, de classe média/alta, e com experiência na área jornalística, além de ser um grupo majoritariamente branco, com exceção de Adão Costa, o único negro a integrar o conselho, como destaca Geovane Batista da Costa (2019).

Outra característica que podemos analisar na imagem acima, é o ponto dos estereótipos do Senhores do Conselho, pois é perceptível que são homens que remetem ao ideal de masculinidade, através das suas roupas, aparência e até mesmo alguns com barba ou bigode. Tais elementos podem ser associadas a afirmação da cisgeneridade entre o grupo de homens gays.

As próximas edições do jornal seriam escritas e pensadas a partir de seus interesses e anseios para abertamente discutir sobre a homossexualidade no Brasil.

Por se tratar de um número significativo de editores, com origens e carreiras diferentes, é possível deduzir que a pluralidade de ideias e experiências possa ter

10 Da esquerda para a direita: Peter Fry, João Silvério Trevisan, Celso Curi (convidado para o lançamento do Jornal), Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Darcy Penteado. Foto de Juca Matins para a Revista Isto É no lançamento do jornal em São Paulo.

gerado conflitos e diferentes posicionamentos de seus membros quanto ao andamento do jornal. Como afirma Rodrigues (2018)

> Com um corpo editorial formado por onze personalidades com posições ideológicas tão díspares, não é de se estranhar que logo cedo as disputas por temas acabariam por enfraquecer o jornal. Isto pode ser percebido logo de início pela falta de um editorial dirigido. A seção 'Opinião', que caracteriza o espaço para o jornal desenvolver sua linha editorial, era ocupada na verdade por opiniões pessoais de membros do Conselho Editorial. (RODRIGUES; 2018, p. 101).

O jornal foi constituído em dois núcleos principais, um em São Paulo com liderança de Darcy Ribeiro e João Silvério Trevisan, e outro núcleo no Rio de Janeiro sob coordenação de Aguinaldo Silva. Segundo Rodrigues (2018) e Gimenez (2015) a divisão dos núcleos, e as disparidades de ideias dividia também o formato geral do jornal entre um periódico mais popular defendido pelo eixo carioca e um periódico mais intelectual pelo eixo paulistano.

Tal processo fica evidente na abordagem das matérias, que tratavam desde assuntos escrachados e com teor de deboche, ou iam a temas mais complexos como discussões filosóficas de Foucault, Sartre e Marcuse. Com isso podemos entender o Jornal Lampião da Esquina como um meio de comunicação engajado nos debates acadêmicos e ao mesmo tempo trazia a naturalidade do cotidiano da homossexualidade.

Em decorrência dessa bipolarização interna do jornal, ao longo das edições houve trocas no corpo editorial, coordenação de edições, redatores e ainda a inserção de novos colaboradores de outras cidades do Brasil que permaneciam por períodos variados. Em estudo a respeito do Jornal Lampião da Esquina e seus editores, Gimenez (2015) destaca as perdas de parte dos editores ao longo dos três anos de existência do jornal

> João Antônio Mascarenhas fez parte do conselho editorial da edição experimental à edição número 06; Peter Fry até o número 27; Antônio Chrysóstomo Clóvis Marques, Gasparino Damata e Jean-Claude Bernardet, até a publicação número 31. Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Adão Costa, Darcy Penteado e João Silvério Trevisan são os únicos que participaram da produção do jornal da primeira a última publicação. (GIMENEZ; 2015, p. 33).

É possível acreditar que as baixas no campo editorial decorriam pela incompatibilidade das ideias e objetivos entre os editores, mas não há motivos exatos que expliquem tais mudanças e crises no andamento do jornal. Já o campo dos colaboradores contou com um número bem maior de “pessoas que produziam artigos, ensaios, resenhas, ou, que traduziam matérias, faziam entrevistas e reportagens. Estas pessoas contribuíam de diversas partes do país” (COSTA; 2019, p. 47) e complementavam os assuntos abordados em cada uma das edições do jornal.

Ao longo dos seus três anos de existência, o jornal trouxe mensalmente aos seus leitores reportagens, entrevistas, ensaios críticos, notícias regionais sobre cultura homossexual, colunas de humor e ainda uma seção de cartas dos leitores. O rol de temas ia do convencional ao polêmico de uma edição para outra, como exemplos,

> a violência contra homossexuais e mulheres, o racismo, a masturbação, a prostituição masculina, a maconha, o sadomasoquismo, a Igreja e a homossexualidade, e o travestismo. As chamadas eram sempre ousadas: ‘Orgasmo Vaginal’, ‘O tabu do homossexualismo’, ‘O estupro como ato de poder’, ‘A matança das bichas na Alemanha nazista’, ‘A questão negra’, ‘A doença heterossexual’. (PERET; 2011, p. 50)

Partindo desta variedade de temas abordados, o jornal focava no objetivo central, ou seja, a saída da população gay dos guetos. Com o propósito de “iluminar” boa parte da comunidade gay buscando estruturar uma discussão entre a relação sociedade/homossexualidade, o jornal foi aos poucos construindo uma consciência coletiva de pertencimento em uma comunidade a partir do ato de assumir-se socialmente como um sujeito homossexual, dizendo não ao gueto e saindo dele.

A disposição das matérias variou de acordo com as seções, que por sua vez também se modificaram com o passar das edições. Entretanto o jornal buscava apresentar uma estrutura padrão.

A primeira seção apresentada no jornal era a *Opinião*, um espaço onde os editores expunham suas opiniões pessoais sobre diversos assuntos. Foi uma seção interrompida em algumas edições, deixando de existir na edição n° 29. A seção *Ensaios* teve uma permanência maior no jornal, e abordava textos sobre a homossexualidade escritos por colaboradores, esta seção deu origem a seção

Ensaios Populares que contaria com artigos de leitores, entretanto sua existência se resumiu as edições n° 08 e 09.

Uma das seções de grande importância para o jornal foi a *Esquina,* inicialmente apresentando textos informativos, traduções e artigos de colaboradores. E segundo Costa (2019), essa seção tornou-se um espaço mais opinativo no jornal a partir da edição n°08, porém foi a única seção que permaneceu até o encerramento das atividades com a edição n° 37 em 1981.

As seções *Reportagem e Entrevista* se assemelhavam na produção, ambas traziam os destaques das capas, ou apresentavam entrevistas com personalidades da época, pessoas de movimentos sociais, políticos, e pessoas comuns como autores de peças, juízes, e michês.

Já as seções *Literatura e Tendências* propunham mostrar novos poetas e escritores para o público gay, além de indicar livros sobre sexualidade, exposições artísticas, peças teatrais e análises de filmes nacionais que tivessem personagens gays.

Podemos afirmar que a seção *Cartas na mesa* foi uma das seções preferidas pelo público, e segundo o próprio jornal, esta seção

> uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, nº 00, 1978, p.14).

É importante ressaltar que nem todas as cartas eram publicadas, os editores realizavam uma seleção, e em determinados momentos escreviam cartas de forma anônima quando não havia o retorno esperado dos leitores. O tema das cartas no jornal será retomado com maior profundidade no capítulo três da dissertação.

Semelhante a Cartas na Mesa, o jornal criou um espaço para que os leitores trocassem correspondências entre si, e a partir da edição n°18, a seção *Troca- troca* trazia perfis interessados em relacionamentos com outros leitores do jornal. Por determinado período os anúncios ocorriam gratuitamente, mas com o excedente de material e fotos, o jornal passou a cobrar por essas publicações.

A coluna *Bixórdia* foi marcada pela sátira e pelo alto teor de humor, usando gírias usadas pelos gays. Funcionava como uma coluna de fofocas, e era assinada por uma personagem fictícia chamada Rafaela Mambaba, assumida por qualquer um dos editores principais do jornal.

Além destas seções houve algumas seções que apareciam de forma mais esporádica, como *Ativismo* que tratava sobre os grupos de militância de minorias, *Festim* que anunciava festas pelo Brasil, só apareceu em cinco edições. A seção *Violência* continha casos de assassinatos, prisões e prostituição envolvendo homossexuais e travestis, esteve presente apenas em quatro edições. Algumas seções apareceram apenas em uma edição como *Ecos do Carnaval, Nostalgia, Medicina* e *Bandeira.*

Formada inicialmente por homens gays, o jornal propunha uma maior aproximação com outros grupos marginalizados, como é o caso das mulheres, entretanto essa aproximação não ocorre de maneira imediata.

Já na edição experimental, os editores se justificam pela ausência feminina, afirmando a necessidade da participação das mulheres, pois o jornal buscava questionar os padrões machistas da época, e que essa luta deveria ser construída em conjunto com ambos os grupos, dando ênfase também a homossexualidade feminina. Segundo o próprio Aguinaldo Silva,

> A ausência de mulheres em LAMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam a disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências sexuais (SILVA; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 05).

Embora, com a ausência de mulheres no corpo editorial, isto não significava que não houvesse uma participação delas na construção dos debates, pautas e reportagens elaboradas pelo jornal, tanto de forma efetiva como colaboradoras em assuntos específicos. Ainda que pouca, a participação dessas mulheres foi significativa na luta contra um dos grandes problemas que assolava, tanto a pauta feminina quanto a pauta gay, o machismo presente na sociedade brasileira.

No quantitativo de participação de mulheres assumidamente lésbicas, o historiador Marciano Vieira de Andrade (2015) explica que “o jornal recebeu apenas algumas contribuições esporádicas, como algumas contribuições de mulheres ligadas ao SOMOS/SP[11] e o GALF[12]” (ANDRADE; 2015, p. 181). Ainda assim a participação feminina foi menor que a masculina ao longo da história do Jornal.

Os temas neste sentido também eram variados, mas principalmente ligado ao que o movimento feminista chamava de “políticas do corpo”- direito ao corpo, prazer, liberdade sexual, direito ao aborto e lutas contra violências. Tais propostas visavam dar maior visibilidade as pautas do movimento feminista, muitas vezes tachadas como não prioritárias e até inoportunas.

A primeira participação feminina no Jornal Lampião da Esquina ocorre já na edição 01 de maio de 1978 no ensaio Nossas Gaiolas Comuns da colaboradora Mariza Correia que de forma quase poética faz uma convocação aos gays e mulheres a lutar contra a opressão historicamente existente que coloca a sociedade em categorizações sexuais. Ainda no texto a autora reitera a importância da luta individualizada das mulheres insistindo que “que cabe à mulher lutar por seus direitos, questionar sua posição” (CORREIA; Jornal Lampião da Esquina, n°01, 1978, p.02) e tendo ciência da complexidade e as envolve.

A ideia de pertencimento social, baseada numa identidade comum apresentada pelo jornal colocava lésbicas, travestis, bichas, bofes, entendidos, fanchonas e o que mais viesse no mesmo barco dos gays, arriscando a validação da imagem – padrão de homossexuais que eles queriam destruir, como já dito no início do texto.

Em seus três anos de existência o Jornal Lampião da Esquina passou por mudanças administrativas e estruturais, mas manteve um dos seus focos centrais de evidenciar principalmente a população homossexual masculina. Esse processo foi

11 Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – foi o nome escolhido para o primeiro grupo de apoio aos homens homossexuais e mulheres lésbicas. O nome é uma homenagem ao jornal homossexual argentino Somos, do mesmo período do Jornal Lampião da Esquina. Inicialmente formado por integrantes do Conselho Editorial do Jornal Lampião da Esquina, que moravam em São Paulo. O grupo foi apresentado à sociedade durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

12 GALF: Grupo de Ação Lésbica Feminista – foi o grupo fundando pelas mulheres que inicialmente compunham o SOMOS – SP, porém após desentendimentos internos, decidem sair e criar um grupo que atendesse seus próprios propósitos em 1981.

sendo construído pelo jornal a partir da abordagem dos temas, da linguagem empregada e dos sujeitos tratados em suas páginas.

Podemos perceber que o jornal constituiu um espaço de onde se mostravam identidades múltiplas acerca dos sujeitos gays da época, não havendo assim um discurso hegemônico sobre a homossexualidade e a percepção desta pelos leitores. Esses sujeitos bem como suas identificações e sexualidades serão abordados no capítulo dois da presente pesquisa.

CAPÍTULO II – O AUÊ DA IDENTIDADE ENTRE BOFES, BICHAS E PALAVRAS

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Que tanto me convida pra carnavalizar.
Que tanto se requebra no céu de um salto alto,
e usa anéis e plumas pra lantejoulizar.
Que acena e manda beijos pra todos seus amores
E vive sempre a cores pra escandalizar.
(Androginismo. Almôndegas – Disco Circo de Marionetes-1978)

Pensado a partir da necessidade de dar voz aos sujeitos homossexuais que na maioria dos casos, viviam de forma similar a clandestina, escondendo ou mascarando suas sexualidades, o jornal trazia em suas páginas elementos e temas para encorajar tais sujeitos a aceitar com normalidade sua condição sexual.

Uma parte da comunidade homossexual durante década de 1970 era marcada por um forte sentimento de culpa em relação ao “ser gay”, ao ponto destes sujeitos desejarem mudar sua própria sexualidade numa tentativa de ser melhor aceito pela sociedade, desprezando a própria imagem.

Segundo Quinalha (2021), a grande imprensa da época costumava criava uma imagem estigmatizada ao se referir aos homossexuais em suas reportagens, tratando-os como sujeitos que preferiam viver sua sexualidade na clandestinidade, como uma maldição, discriminando tais pessoas. Desta forma o Jornal Lampião tornou-se um importante veículo de comunicação na quebra destes estigmas, enfatizando a normalidade das sexualidades dissidentes.

A compreensão da construção do sujeito homossexual bem como sua aceitação são os pontos iniciais deste capítulo. Tais elementos são pautados pelo debate acerca das identidades e da percepção destas pelos editores do Jornal Lampião da Esquina e também pela percepção dos leitores.

A construção e percepção destas identidades é apresentada a partir das personas e comportamentos adotados por esses sujeitos e representados nos discursos do jornal. E em um segundo momento, vinha a identificação dos leitores em relação aos elementos apresentados pelo jornal.

O debate na sequência é acerca da masculinidade da época, afinal uma das críticas feitas pelo Jornal Lampião da Esquina é dirigida aos supostos modelos de

um homem estimado pela sociedade, e que por sua vez desconsiderava os demais tipos de masculinidades. E essa mesma diversificação/desconsideração ocorria entre a população gay masculina. Aqui se propõem vislumbrar o discurso do jornal naquilo que podemos entender como uma “masculinidade gay” e em contra partida a figura da “bicha pintosa”, presente em todas as edições do jornal.

Essa abordagem leva ao terceiro item a ser discutido neste capítulo, algo bem particular do jornal, a comunicação, sua linguagem particular e escrachada. Levando em consideração que o jornal tinha um caráter popular e que, portanto, deveria ser entendido de forma clara por seus leitores. Para esse processo os editores passam a usar termos considerados pejorativos, como por exemplo, *viado, bichas, e bonecas* (travestis) em suas publicações, um passo dado para garantir uma maior aceitação entre seu público-alvo e também como uma forma de ir contra a moralidade e decência das expressões cotidianas na época e presentes na imprensa e nos discursos apresentados. Com o uso dessa termologia, buscava-se a aproximação com seu público além de dar visibilidade e representatividade para esses sujeitos que se percebiam nas páginas do jornal.

2.1 – “Ser ou não ser?” A identidade é a questão

Uma das primeiras questões levantadas na edição zero do Jornal Lampião da Esquina era o porquê de existir mais um jornal homossexual, pois no mesmo período da sua criação em 1978, outros periódicos de temática homossexual circulavam entre a população gay, ou haviam deixado de serem publicados recentemente.

A resposta apresentada pelo Conselho Editorial do jornal era pautada na necessidade de evidenciar os debates acerca da homossexualidade que vinham ganhando espaço acompanhado da ascensão dos movimentos sociais desde o início de 1970 no Brasil. Bem como seu objetivo principal de dar visibilidade a sujeitos marginalizados pela sua sexualidade em grande parte reprimida. Embora o debate acerca da homossexualidade estivesse em alta fora do Brasil, em nossas terras ainda era visto como um tabu, em decorrência da tardia visibilidade do tema,

que só ganhou força a partir de meados de 1970 com a ampliação dos debates e participações político-sociais dos chamados grupos minoritários.

Tanto a homossexualidade quanto a própria figura do homossexual se fizeram presentes em diversos momentos da História, porém tais conceitos e construções passaram por mudanças e ressignificações, foi do herege e pecador da Idade Média ao doente e desajustado dos discursos patológicos do século XVIII e mais propriamente já no século XIX, sendo assim e partindo desse exemplo podemos pensar que “a história da sexualidade é, portanto, a história de algo cujos significados e conteúdos estão em um processo de mudança contínua. É a história das relações humanas” (MACRAE; 2018, p. 68).

Os termos *homossexual* e *homossexualismo*[13] surgem no contexto de categorizações clínicas em relação a sujeitos desviantes de comportamentos tidos como padrões ou normais. Para os pesquisadores Peter Fry e Edward Macrae (1985) o *homossexual,* enquanto sujeito terminologicamente categorizado passa a existir com a adoção do termo pela primeira vez em 1868 pelo médico húngaro Karl-Maria Benkert, em uma carta endereçada ao jurista Karl Heinrich Ulrichs e será amplamente usado por outros médicos que definem o homossexual como alguém que sofre de uma patologia congênita ou ainda em determinados casos uma perversão do sujeito. As causas do *homossexualismo* também serão amplamente discutidas

> enquanto alguns acharam que as causas eram basicamente biológicas (hereditariedade, defeitos congênitos ou defeitos hormonais), outros explicaram a homossexualidade em termos do meio ambiente social. Em geral, esses primeiros teóricos distinguiram entre os uranistas de verdade, ou ‘invertidos’, cuja homossexualidade era biológica e, portanto, os eximiam de qualquer culpa ou responsabilidade, e os ‘pervertidos’, em geral ‘homossexuais ativos’, que praticavam a homossexualidade por pura "sem-vergonhice (FRY; MACRAE; 1985, p. 64-65).

Esse processo, característico do século XIX, trouxe à tona uma série de sexualidades periféricas, incorporando novas perversões e especificações dos indivíduos. Segundo Michel Foucault (2016), o homossexual tornou-se um personagem de natureza singular, e a homossexualidade fez a mudança da recorrente prática da sodomia para uma nova espécie sexual. E diante dessa

13 Neste momento, uso o termo *homossexualismo* considerando o contexto em que a pesquisa de Fry e Macrae foi produzida.

conversão do pecado para a doença, abre-se também espaço para o debate sobre a cura, nos casos interpretados como patológicos a ciência deveria intervir no seu tratamento. Já nos casos vistos como resultados do meio social – quando o sujeito cresce em ambiente familiar sob forte presença materna – seriam aplicadas medidas pedagógicas a fim de banir a influência feminina, como o isolamento em locais com pessoas do mesmo sexo biológico e idade, tais como colégios com rígida fiscalização. Essa mudança de cenários faz com que a própria sexualidade seja reavaliada a partir dessas experiências.

> Há todo um psicologismo da sexualidade, todo um biologismo da sexualidade e, consequentemente, toda uma captura possível dessa sexualidade por médicos, por psicólogos, pelas instâncias da normalização. Não seria necessário, então, fazer valer, contra essa noção médico-biológico-naturalista da sexualidade (FOUCAULT; 2015, p. 4).

Michel Foucault em entrevista à Jean Le Bitoux, em 1978, que foi publicada na Mec Magazine apenas em 1988, afirmou que era difícil falar sobre a sexualidade sem que em determinado momento não ser apanhado por noções como “doença da sexualidade, patologia da sexualidade, normalidade da sexualidade. Daí a necessidade de colocar o problema de outra forma” (FOUCAULT; 2015, p. 06). Assim o estudo da própria prática homossexual passou a ser reinterpretada pelas ciências.

Esse processo de reinterpretação sobre a homossexualidade pelas ciências médicas é apresentada na edição número 02, em que o Jornal Lampião da Esquina apresentou algumas mudanças neste sentido, além de exemplificar tratamentos usados na tentativa de curar a homossexualidade quando esta era identificada nos pacientes

> Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina, ou psíquica, não é só difícil como impossível e, com todo avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações. Uma doença?
> Até alguns anos atrás, a medicina diria sim a essa pergunta, prescrevendo como tratamento, por exemplo, ‘**aplicações dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência’**, isto é, masculino para os homens e feminino para as mulheres. **Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletro-choques no órgão genital do paciente**. O primeiro ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo, e o segundo, malgado a sua violência,

> condicionava o paciente a sua impotência, não a repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas” como era previsto.
> **A medicina atual está apoiando possivelmente, com mais acerto a sempre em passos titubeantes, uma tese de conciliação endócrino psicogênica**. Segundo ela, desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem quanto na mulher, de um grupo de substâncias denominadas andrógenos, aos quais os seres humanos reagem com comportamentos masculino ou feminino conforme a sua maior ou menos atuação. (PENTEADO; Jornal Lampião da Esquina, 1978, n° 02, p.02, grifos nossos).

A análise feita por Darcy Penteado para o Jornal Lampião da Esquina nos permite pensar que a ciência foi uma das áreas que após anos de estudo mudou seu posicionamento quanto à homossexualidade, revendo inclusive possíveis tratamentos para cura. Assim, com respaldo científico, a homossexualidade foi se normalizando como uma condição e não mais como uma doença.

Já no século XX, as ciências sociais têm buscado compreender a homossexualidade como uma “construção social”, a partir de distinções de comportamento, papéis sociais, categorias e identidades, entretanto com tantas variantes torna-se quase impossível construir uma história universal da homossexualidade em termos de uma resposta, seja social ou individual, sem que esteja empreendido em um contexto específico. Não seria possível pensar em um sentido comum a todos que são rotulados como homossexuais.

Por influência do debate sociológico e em junção a atuação de movimentos homossexuais principalmente dos EUA, em 1973 a homossexualidade deixou de ser vista como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, no Brasil esse processo ocorreu mais tardiamente, somente em 1984 a Associação Brasileira de Psiquiatria se manifestou ratificando que a homossexualidade não estava relacionada a perda de raciocino ou aptidões sociais e vocacionais, além de se opor a segregação e ao preconceito aos homossexuais[14].

A partir das mudanças na forma de pensar sobre a homossexualidade, o direcionamento dos debates também mudou. A proposta da cura (embora ainda

14 Em 1990 a Organização Mundial da Saúde removeu a homossexualidade da lista de doenças mentais, entretanto essa alteração foi destinada somente aos homossexuais, pessoas transexuais e travestis continuaram sendo enquadradas na patologia de transtornos de identidade de gênero. A mudança desta categorização ocorreu apenas em 2018, e passou a pertencer à categoria de condições relativas à saúde sexual, como mencionado no site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. < https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais > acesso em 18/12/2020.

presente na sociedade, em debates fundamentalistas) deixou de ser encarada como prioridade e foi aos poucos substituída pelo processo de aceitação da "condição homossexual" do sujeito com naturalidade, da mesma forma que ocorre entre a parcela heterossexual. Essa percepção foi abordada por Darcy Penteado (1978) na edição 02 do Jornal Lampião da Esquina

> Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: **os psiquiatras modernos na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerando as barreiras da sociedade de predominância heterossexual**, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade, o circunscritou aos limites do 'gueto' da tolerância coletiva. Por essa razão **a maioria dos homossexuais tem desejado ser 'normal' e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa normalidade** (PENTEADO; Jornal Lampião da Esquina, 1978, n° 02, p. 02, grifos nossos).

O posicionamento do autor neste trecho do jornal acentua para a forma como os homossexuais foram condicionados a reprimir sua sexualidade numa tentativa de colocar-se dentro de uma normalidade estipulada e limitada pela tolerância heterossexual. Como afirma Scott (1998), a história do outro, neste caso dos homossexuais, foi sendo escrita a partir da diferença e da designação desse outro de acordo com características e categorias preestabelecidas majoritariamente por sujeitos homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais, cristãos e de classes média/alta, ou seja, aqueles que detinham o poder.

Paralelamente ao novo direcionamento dado pela medicina, o discurso de aceitação da condição homossexual ganhou força com os movimentos de afirmação gay a partir de 1969 e o ato de assumir-se como homossexual passou a ser encarado como um posicionamento político e social, proposto principalmente pelo movimento homossexual dos Estados Unidos.

O processo de aceitação da homossexualidade foi abordado por João Antônio Mascarenhas (1978), um dos editores do Jornal Lampião da Esquina, na edição número 02, sendo entendido como um

> processo natural de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral a duras penas depois de angústias e frustrações. (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina, n° 1978, p. 02).

A aceitação era entendida pelo jornal não somente como um ato, mas também como um processo que demanda certa resiliência, pois como o autor afirma a aceitação será seguida também por frustrações. O assumir-se estaria sujeito a consequências como a rejeição em decorrência da sua homossexualidade, ou até mesmo a perda de trabalho.

Tais consequências negativas devem ser pensadas tendo como base o modelo social existente nos anos de 1970, atrelado ainda ao governo ditatorial e a cultura heteronormativa existente.

Ainda segundo Mascarenhas em palavras publicadas no Lampião da Esquina, essa decisão deveria ser individual, mas desde que o sujeito pudesse suportar essas possíveis reações negativas, pois para ele “os opressores machistas não se resignam de bom grado a perda de um triunfo” (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina, n° 02, 1978, p. 02).

Podemos perceber ainda que o autor sugestiona um equilíbrio no processo, sem alardes, mas, ao mesmo tempo, sem esconder. Aqui vale a ideia de “ser gay, mas não ser bicha”, ou seja, a contenção de sua personalidade para uma possível aceitação mais tranquila.

Mesmo diante de incertezas, a auto- aceitação assim seria um ato que traria inúmeros benefícios, como o autor descreve no texto “Assumir-se? Por quê?”. Conforme o trecho a seguir:

> 1º_ sentirmo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provada pelo terror de sermos descobertos;
> 2º_ dispensamos nos da hipocrisia, de participar do jogo dos outros, do eu faço que escondo-e-você-faz-que-não-vê […]
> 3º_impedir a ocorrência de chantagem de parte de indivíduos com quem mantivermos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiros de serviço, enfim, de todo o círculo de criaturas com quem convivemos […]
> 4º_ fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é punível na legislação brasileira […].
> 5º _ saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobrir-nos […]
> 6º _ dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo […]
> 7º_ também pela nossa atitude, ajudar os familiares, que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por elas adotada […]

> 8º _ sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados […]
> 9°_ maior auto respeito, pela ausência de culpa.
> 10° _ aumento de segurança por nos vermos livres de tensões e angústias.
> 11° _ melhor relacionamento com nossos parentes e amigos, pela maior franqueza.
> 12° _ possibilidade de plena realização pessoal e profissional, pelo conjunto de condições acima. (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina, n° 02, 1978, p. 02).

Podemos perceber dois grupos de benefícios na lista. Os benefícios individuais, destinados ao próprio sujeito que afastaria mentiras, fingimentos, chantagens de diversas pessoas em decorrência de seus relacionamentos ou sua homossexualidade, além da melhor relação consigo mesmo sem sentir culpa ou angústia pela sua condição. E os benefícios coletivos, que neutralizariam opressores que não poderiam mais ameaçar os homossexuais, que esses que se assumiram seriam exemplos aos demais ainda com receio ou a seus familiares caso houvesse rejeição, além do sentimento coletivo de construção de uma sociedade igualitária encarando a homossexualidade como naturalidade.

A lista de benefícios, de modo geral é bem-vista pelo autor e pelo próprio corpo editorial que incluiu o texto no jornal, que por sua vez viam isso como um ato essencialmente político e que a partir dele o indivíduo poderia reconhecer-se também como integrante de um grupo oprimido, e passaria a ter consciência da necessidade de luta contra as opressões.

Este sentimento de pertencimento a um grupo com características e objetivos semelhantes, criaria um vínculo identitário entre o sujeito e seus pares, fazendo com que ele se perceba como parte de algo maior.

O Jornal Lampião da Esquina buscava incentivar seus leitores a se perceberem como sujeitos homossexuais, para que assim passassem a identificar-se como integrantes de uma comunidade maior. Um desses momentos ocorre com a entrevista de Winston Leyland, ao Jornal Lampião da Esquina em São Paulo, para os editores José Silvério Trevisan e James Lavender[15] publicada na edição 02 de julho de 1978. Entre os vários temas tratados na entrevista, Leyland fala das mudanças geradas pelo assumir-se como homossexual,

15 James Lavender era o pseudônimo usado por James N. Green para preservar o anonimato em meio ao clima de medo, principalmente por ser estrangeiro no Brasil.

> JST – Você acha que assumir a homossexualidade implica em mudanças profundas na vida pessoal?
> LEYLAND – Acho que ocorrem mudanças importantes, especialmente na maneira de se relacionar com os outros. **A tomada de consciência do individuo a respeito de sua sexualidade implica, por exemplo, em relações sexuais mais profundas.** Não estou com isso negando a promiscuidade: acho que os encontros sexuais breves e passageiros que todos nós temos são antes de mais nada saudáveis e basicamente positivos. **Mas pensando que um crescimento na consciência do homossexual leva também à exigência de relações mais profundas** – que não significam necessariamente a prática da monogamia, pois acho que as pessoas podem ter ou não vários amantes ao mesmo tempo. Por outro lado, **a descoberta que o homossexual faz de si mesmo enquanto ser oprimido leva-o a tomar consciência da opressão que outros grupos minoritários sofrem** (TREVISAN; LAVENDER; Jornal Lampião da Esquina, n°02, 1978, p. 10, grifos nossos).

A percepção do sujeito homossexual sobre sua própria sexualidade despertaria nele um duplo sentimento, inicialmente sua relação com seus pares que pode ser mais profunda, indo até mesmo além dos furtivos encontros sexuais e ao mesmo tempo faz com este sujeito se perceba como integrante de um grupo oprimido e tenha consciência disso, a partir da experiência própria ou ainda de experiências de outros sujeitos homossexuais ou não.

Em relação à identificação com seus pares, Leyland ainda afirma, que essa troca de contato e experiências entre os homossexuais é o grande facilitador para construção, conscientização e percepção de uma identidade homossexual.

> Mas dentro de uma perspectiva de liberação, **acho que para obter uma maior consciência enquanto homossexual é melhor para um homossexual se relacionar mais com outros homossexuais**. Ou seja: a almejada conscientização do homossexual certamente não irá acontecer através da relação com os heterossexuais. **E, mais lógico que a descoberta da identidade homossexual ocorra numa interação com outros homossexuais.** De qualquer maneira, não desejo fazer uma afirmação demasiadamente rigorosa, porque existem heterossexuais que são simpáticos e abertos frente aos “entendidos”; com eles, pode-se ter uma relação em pé de igualdade (TREVISAN; LAVENDER; Jornal Lampião da Esquina, n°02, 1978, p. 10, grifos nossos).

Partindo dessa proposta de inclusão dos chamados homossexuais do gueto a uma identidade homossexual, o Jornal Lampião da Esquina abordou esse tema em vários momentos e formas em suas páginas, procurando sempre evidenciar a diversidade do seu público e buscando ser aceito por ele. Ainda que tal possibilidade

de abertura para várias direções muitas vezes venha a confundir seus leitores quanto a uma identidade única. Como afirma Foucault (2004)

> a identidade é útil, enquanto for somente um jogo, um procedimento para manter relações sociais e de sexo/prazer que criam novas amizades.[...] Não devemos excluir a identidade, se ela dá prazer as pessoas, mas não devemos concebê-la como uma regra universal. (FOUCAULT; 2004, p. 266)

Diante desse impasse faz-se necessária a compreensão do próprio conceito de identidade, afinal, como dito por Foucault “não devemos concebê-la como uma regra universal” (FOUCAULT; 2004, p. 266). Tal tema se insere num debate atual, que abrange muito mais que fronteiras e nacionalismos como anteriormente apresentado nos discursos patriarcais que buscavam sua legitimação a partir de um dado unificado, fixo, que lhes garantia uma estabilidade social.

Em meio aos debates da década de 1970, as políticas de identidade formam a base dos movimentos sociais, que tomavam por base modelos de identidade étnico ou sexual, alegando que

> a identidade individual está significativamente relacionada à grupal; a associação a um grupo se baseia em uma característica particular compartilhada; as tradições, histórias, comunidade compartilhadas são importantes para a manutenção da identidade individual; e a associação a um grupo resulta em uma experiência compartilhada (MACLAREN; 2016, p. 157).

A identidade está diretamente ligada à diferença, segundo Silva (2000) ela é uma característica independente e autossuficiente, ao passo que a diferença ainda que seja autorreferenciada, ela representa o outro, e ambas são produtos de processos simbólicos e discursivos. Neste sentido pode-se afirmar que o Jornal Lampião da Esquina apresentava um discurso de emancipação sexual com o intuito de conquistar o respeito e a tolerância aos homossexuais a partir da exposição do que era tido como diferente dentro da sociedade, ou seja, a homossexualidade.

Ao associar tal fundamento à produção lampiônica deve-se levar em consideração os vários sujeitos evidenciados pelo jornal: o gay enrustido, a bicha afeminada, o gay militante e mais politizado, o gay masculinizado, a travesti que faz

programa na rua, os garotos de programa que se relacionavam com homens, mas não se viam como homossexuais.

Sendo assim o próprio jornal buscando apresentar uma identidade única, mostrou uma gama de estereótipos e por consequência revelou uma série de identidades individuais na busca por uma aceitação igualitária.

Pensar sobre identidades, indiferentemente do modelo apresentado, é pensar que essas identidades não são produtos fechados, e sim processos que nunca se completam, tornando-se subjetivos em seu tempo e espaço. Os sujeitos

> são fluidos e se constroem no transcurso de complexas histórias, fundadas em um sentimento de pertença que torna possível o funcionamento da vida, embora estejam sempre sujeitos a mudanças e revisões. Ou seja, são constituídos no interior das relações de poder e estão implicados, portanto, nas operações de inclusão e de exclusão (TEDESCHI; TEDESCHI; 201, p. 107).

A afirmação de tais identidades individuais num censo geral implica segundo Losandro A. Tedeschi e Sirley T. Tedeschi (2017) em um amplo processo de exclusão formulada sobre binarismos, nós/eles, masculino/feminino, homossexual/heterossexual, e tendem a seguir uma tendência de normalização a partir de uma hierarquia construída socialmente ao longo dos anos, forçando o outro a se tornar quase invisível.

Esse binarismo social foi o fator motivacional do Jornal Lampião da Esquina, quando se propôs a dar espaço para o debate homossexual em suas páginas além de evidenciar o levante de uma parcela das chamadas minorias sociais em busca de direitos e a possibilidade de uma existência igualitária, “no renascimento do século 20 (quase 21, já), o homossexual começa a se colocar, a exigir, um lugar na sociedade onde vive, a assumir uma postura digna, e pretender ser tratado com dignidade” (RODRIGUES; Jornal Lampião da Esquina, n° 15, 1979, p. 02).

Mas no que se refere ao próprio Jornal, é importante lembrar que a proposta de identidade homossexual é pensada a partir de um viés que buscava enquadrar as diferentes especificidades dos integrantes da comunidade bem como suas singularidades em um esquema comum a toda a população. Podemos entender esse esquema comum como o encorajamento pelo assumir-se, os interesses

políticos, a luta contra a intolerância, os debates acerca das mudanças sociais e exposição cada vez maior dos grupos ou mesmo dos gays dos guetos.

2.2- Entre “bofes” e bichas: a masculinidade social

Os anos de 1970 no Brasil ditatorial foram ao mesmo tempo um período de rigidez político-social marcada por instrumentos opressivos e de censura e paralelo a isso foi um momento de efervescência cultural com grande criatividade artística, um momento de debates com novos movimentos sociais, e ainda como se diria na época foi um “desbunde”, um termo da época que remetia a farra, curtição e uma suposta despolitização. Segundo Rodrigues (2010) quando aplicado ao contexto ditatorial brasileiro o “desbundar” era associado a uma mudança radical de comportamento, uma nova moralidade em oposição ao sistema conservador e moral vigente, questionando principalmente os padrões ligados à sexualidade.

Pode-se afirmar que a politização do corpo no espaço público, principalmente o corpo feminino, ganhou maior visibilidade. Um dos exemplos dessa mudança foi a atriz Leila Diniz, tida como a precursora que falava abertamente sobre seus relacionamentos, sobre virgindade, sexo e segundo as autoridades ainda era um “péssimo exemplo” para a juventude além de intensificar os sentimentos machistas dos mais conservadores ao potencializar a voz e liberdade feminina até então.

Mas qual a relação da atriz Leila Diniz com o tema a ser tratado aqui, a masculinidade social? A resposta é simples, tanto a atriz, quanto algumas centenas de brasileiros e brasileiras da época seguiam, ou deveriam seguir, um ideal normativo específico para cada um dos gêneros, homens com um padrão e mulheres com outro padrão. Quando a atriz, a juventude engajada, grupos e movimento sociais começam a questionar esses padrões, tem-se aí uma quebra de estruturas. Assim o próprio entendimento sobre “ser homem” passa a ser reinterpretado.

O ideal normativo de masculinidade vigente de forma hegemônica nos anos de 1960 e 1970, segundo Natanael de Freitas Silva (2016) apresentava de forma geral um sujeito dentro de um modelo tradicional de virilidade, com elementos

intrínsecos como a força, a potência sexual, a segurança e a independência, e nada que vinculasse ao feminino ou afeminado. Esse estereótipo de homem viril prevalecia até mesmo os segmentos políticos de esquerda e de direita.

Esse estereótipo de masculinidade em 1970 estava compreendido dentro do que Robert W. Connell (1995) chama de “papel do sexo masculino”, ou seja, um conjunto de práticas, atitudes e expectativas que definiam apropriadamente a masculinidade, sendo pensando como um lugar como quando se tratava do gênero masculino. O próprio conceito de masculinidades ganha força a partir desse período com o aumento no número de pesquisas sobre sexualidades e críticas às hierarquias sociais de até então, podendo ser compreendido como,

> uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (CONNELL; 1995, p. 188).

Esse conceito é percebido e entendido de forma hegemônica, usado para justificar e perpetuar a dominação de homens nas relações de poder seja em relação às mulheres ou a outros grupos de homens subjugados (gays, por exemplo). A masculinidade hegemônica se distingue das demais, principalmente por se tratar de algo com caráter normativo, incorporando em suas práticas aquilo que é compreendido como um fator legitimador da sua dominação, como a violência ou a persuasão. Segundo Freitas (2016), este homem, dentro da sua condição sexual e social, precisa o tempo todo provar e legitimar a sua condição de dominação.

Ao longo das suas produções e dentro dos seus objetivos iniciais, o Jornal Lampião da Esquina se propôs lutar contra o machismo. Uma das formas iniciais desse processo foi o questionamento dos padrões de masculinidade percebidos na sociedade, a partir da figura do “machão”

> de saída **vamos desmistificar o nosso machão que não é machão coisa nenhuma, mas um pobre coitado às voltas com problemas terríveis de virilidade, afirmação pessoal e sede do domínio. Frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte**, o machão se realiza muito mal no amor e só consegue salvar as aparências porque a mulher brasileira é ainda pior do que ele. Segundo dados recolhidos por estudiosos do comportamento humano, apenas dois por cento de nossas mulheres chegam a conhecer a plenitude do orgasmo, por culpa, em grande parte, do seu parceiro masculino, que as oprime de maneira intolerável e

> covarde.[…] **O machão tem pouca confiança em si mesmo**. (VIEIRA; Jornal Lampião da Esquina, n° 03, 1978, p.02).

Para Vieira, o sujeito machão consegue sobreviver na sociedade, principalmente por ter as mulheres seu respaldo, sendo visto com um mantedor do lar, e mulheres assumindo uma postura de submissão, não tendo a possibilidade de defender em caso do machismo, agressões ou até pela insegurança de “perder” seu companheiro.

A autora define a figura do machão como um ser condicionado a ser forte, porém inseguro quanto a sua performance e para manter essa imagem precisa sempre se colocar uma posição de superioridade e dominação. A autora ainda considera que essa mentalidade predomina na sociedade, incluindo as mulheres nessa organização.

O texto continua situando essa figura controversa, que ao mesmo tempo em que oprime é oprimido por uma construção social de masculinidade exacerbada diretamente ligada ao controle dos prazeres sexuais, uma consequência que estaria vinculada a homens e mulheres.

As masculinidades podem ser entendidas sob a mesma ótica das relações de gênero. O conceito em si nasce a partir das experiências dos sujeitos, que são moldados e transformam as suas percepções sobre a realidade, ainda que este processo seja mutável de acordo com fatores externos como etnia, geração, escolaridade, entre outros. Este mesmo conceito, apresentado por Connell e Messerschmidt (2013) foi concebido dentro de um debate heteronormativo de gênero se baseando apenas na lógica biológica de macho x fêmea e refutando o a ideia de gêneros construídos social e culturalmente.

Partindo inicialmente da proposta de Guacira Lopes Louro (1995) em que o conceito de gênero refere-se “à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo” (LOURO; 1995, p.103), e também de Teresa de Lauretis (1994), que usa uma visão teórica foucaultina a partir da “tecnologia sexual” que gera sexualidades, podemos entender o gênero como uma “representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, […] e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS; 1994, p.

208), o conceito de masculinidade, seja ela hegemônica ou não, também podem mudar ou até mesmo ser substituída.

A partir de meados da década 1970, as masculinidades passam por esse processo, de ressignificar os modelos adotados para visibilizar a homossexualidade. Segundo Simões e Facchini (2009) essa mudança foi percebida também dentro do movimento homossexual, começando nos EUA, com uma significativa substituição o modelo homossexual próximo a androgenia que transgredia os padrões de gênero para um modelo que celebrava o "crescente culto ao "macho" na masculinidade estampada em bigodes, cabelos curtos e músculos definidos" (SIMÕES; FACCHINI; 2009, p. 47).

Essa mudança foi percebida no Brasil, e apresentada pelo Jornal Lampião da Esquina na edição 08, de janeiro de 1979. Através da tradução de um texto originalmente publicado na revista norte-americana Christopher Street, os autores do tabloide brasileiro apresentam um cenário aparentemente comum percebido em boates e bares de Nova York e outros estabelecimentos, inclusive em boates brasileiras em que as mudanças comportamentais entre os gays é perceptível, sendo descrita da seguinte forma

> uma estudada masculinidade. **Nada de desmunhecadas ou requebros excessivos**. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. […] Na verdade, **os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso**. **Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão; a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos** (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 08, 1979, p. 08).

A referida reportagem, intitulado pelo Jornal Lampião da Esquina de "*Gay-Macho: Uma nova tragédia americana?*[16]*",* mostra claramente uma padronização masculinizada presente no meio gay a partir da glamourização dos corpos, vinculando-os ao sentimento de desejo de poder, da mesma forma que aqueles que seguem os parâmetros encontrados entre os "machões hegemônicos.

16 O artigo original foi publicado inicialmente por Seymour Kleinberg na revista norte-americana Christopher Street, e depois no jornal Gay News.

Figura 04: Charge sobre estereótipos gays no fim de 1970.

Fonte: Jornal Lampião da Esquina, n°08, 1979, p. 08

A imagem usada pelo jornal para apresentar a matéria, levanta o questionamento sobre essa nova padronização de corpos e estereótipos, vistos tanto nas boates quanto no quotidiano dos homossexuais.

Uma das consequências da mudança desse padrão é o fortalecimento do desprezo pelos homossexuais que se comportam de maneira afeminada, como mostrado na sequência da matéria:

> É esta a mensagem central do mundo das boates machistas: a masculinidade é a única verdadeira virtude; os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico: não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redunda exclusivamente da glamurização da força física. A ideia da masculinidade é tão conservadora que quase chega a ser primitiva. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n°08, 1979, p. 08).

Desta forma identifica-se aqui a supervalorização de uma masculinidade entre os homossexuais, permeando os padrões heterossexuais que por sua vez inferiorizam a população homossexual. Essa mudança de comportamento pode ser

entendida também como uma forma de minimizar as opressões sofridas pelo segmento.

Nos anos de 1970 era possível identificar dois modelos de sociabilidades homoeróticas pautadas em modelos médico – psicológicos, segundo Facchini e Simões (2009) o primeiro deles priorizava a hierarquia de gênero dividindo os homossexuais em ativos (bofes) e passivos (bichas), sendo que apenas o segundo grupo era considerado homossexual. Já o segundo modelo enfatizava a igualdade de orientação sexual, indiferente de masculino ou feminino criando novas categorias, como “entendidos” e “entendidas”, “homossexuais”, “gays”, “lésbicas”, para identificar os sujeitos que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo. Ambos os modelos foram pensados a partir do ponto de vista de modelos assimétricos de sujeitos heterossexuais, em sua posição hierárquica em relação aos homossexuais.

Em relação às diferentes categorias criadas para distinguir os homossexuais, o historiador Ronielysson C. S. Pereira (2017) apresenta a variedade de nomenclaturas e termos usados pelo Jornal Lampião da Esquina para tipificar esses sujeitos que estabeleciam as relações homoeróticas:

> ‘homossexual’, ‘o travesti’, ‘caricatura grotesca de mulher’, ‘homem fantasiado de mulher’,’a bicha que virou mulher’, ‘homem normal’, ‘gay’, ‘gay-macho’, ‘guei’, ‘tricha’, ‘bicha’,’bicha histórica’, ‘bichinha’, ‘bichinha da boate’, ‘bicha pintosa’, ‘bicha assumida e erudita’, ‘bicha de classe média’, ‘bicha louca’, ‘boneca’, ‘a louca’, ‘maricona’, ‘viado’, ‘veado’, ‘entendido’, ‘bofe’, etc (PEREIRA; 2017, p. 135).

Entretanto o grande debate tanto entre os editores quanto entre os próprios leitores do jornal girava em torno de dois eixos principais, a figura do “gay macho” com características masculinizadas e que passaria despercebido na sociedade, não sofrendo os estigmas decorrentes da não aceitação, e a figura da “bicha pintosa” que agia com trejeitos afeminados, que não se atinha a seguir um determinado padrão comportamental.

Essa mesma designação de bicha pintosa, eram direcionadas às travestis e transexuais, mesmo sendo tratadas no gênero masculino (o travesti, o transexual). Os dois estereótipos, estavam ligados a elementos culturais, econômicos, físicos e comportamentais em detrimento do outro.

Pensando de forma mais específica sobre essa divisão, a figura do “gay-macho” pouco apareceu em reportagens do jornal, o próprio termo aparece em apenas duas edições[17], entretanto a sua repercussão entre os leitores foi de maior impacto.

Podemos entender que a repercussão deste tema ocorreu em decorrência da ascensão dos debates acerca da própria masculinidade que ganha espaço na década de 1970, como já dito anteriormente, e que não se dissociava a homossexualidade de masculinidade.

É importante ressaltar que o Jornal Lampião da Esquina buscou representar as diferentes identificações homossexuais, sendo assim mesmo diante das críticas manteve-se fiel ao seu objetivo de trazer à tona os grupos marginalizados, inclusive os que eram desprezados entre os próprios gays.

Por outro lado, as figuras do “gay pintoso”, da “bicha assumida”, e da boneca, tiveram um espaço maior dado pelo jornal em suas páginas, da mesma forma que outras identificações como as travestis e lésbicas. O termo “bicha” aparece em todas as edições do jornal, e ainda com variações de terminologia e adjetivos.

Aqui faz-se necessário entendermos como surge o termo e de que forma passa a ser associado aos homossexuais, principalmente de forma pejorativa com intuito de ridiculizar tais sujeitos por seus trejeitos, afeminados ou espalhafatosos. O termo “bicha” foi criado por volta dos anos de 1930, e referia-se aos homens afeminados que mantinham relações com outros homens, para a época seria o gay passivo.

> Uma explicação para a origem do termo como uma expressão endógena da subcultura homossexual é a de que ele seria uma adaptação espirituosa da palavra francesa *biche*, que significa corça, feminino de veado. Parece plausível que os homens que frequentavam essa subcultura estivessem simplesmente fazendo um trocadilho com a palavra viado, ao que adicionavam um toque de sofisticação com o uso do termo francês. Além disso, biche era também usado na França como um termo afetuoso para uma jovem mulher. Portanto, os jovens homossexuais podem ter criado um novo uso da palavra bicha, tanto como um jogo de palavras como para ironizar com a mordacidade do termo viado, ao adotá-lo como uma expressão afetiva para se referir a outro homem efeminado (GREEN; 2000, p. 145-146).

17 O termo foi encontrado nas edições n° 08 de janeiro de 1979, e n° 12 de maio de 1979.

Num primeiro momento o termo usado entre pares, foi sendo apropriado no submundo social de prostitutas, cafetões e homossexuais. Já nos anos 1960, adquire um teor pejorativo, usado por pessoas de fora desse meio com objetivo de desmerecer os possíveis criadores e usuários do termo. No Brasil, a palavra bicha passou a ser o referencial que diferenciava o comportamento masculino, heterossexual ou não, do comportamento dos homossexuais efeminados sendo o principal contraste entre esses grupos.

Com a ascensão dos movimentos populares, no fim dos anos de 1970, em específico o movimento homossexual, o termo bicha passou a ser usado principalmente pelos próprios gays, numa tentativa de ressignificar e quebrar o teor negativo associado ao termo, dando a ela agora a associação a um sujeito militante e consciente da sua condição sexual.

Entre os editores do jornal, essa associação se dividia entre os que eram adeptos ao uso do termo de forma geral para ajudar no processo de ressignificação enquanto outros ainda viam o teor negativo do termo. Essa divisão também refletia as opiniões dos leitores, alguns se identificavam com o estigma levantado pelo termo “bicha” como sendo um dos componentes de discriminação social. Em relação a isso o jornal recebeu críticas quanto a tentativa de criar uma clientela mais esclarecida, assumida sexualmente e militante com as causas homossexuais, desmerecendo a parcela menos favorecida social e economicamente. Tal crítica fica mais aparente com a carta de um de seus leitores publicada na edição 08,

> Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tentar alguns esclarecimentos: o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se gay está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o Jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!
> **A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não será homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será gay também? Para mim são todos! [...]** agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol do homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! […] (FERREIRA; Jornal Lampião da Esquina, n°08,1979, p. 13,grifos nossos).

Neste sentido podemos pensar a “bicha” sendo interpretada como um personagem da subcultura, encarada como uma figura alheia a vida politizada proposta pelo Jornal Lampião da Esquina, principalmente a partir de 1979, quando o mesmo já se ligava ao movimento homossexual organizado. Assim, essa figura ainda era vista como um ser inconsciente, que desobedecia a comportamentos e poderes dominantes através do requebrar dos seus quadris na rua, dos gestos delicados e afeminados, do linguajar cheio de gírias e palavras conhecidas apenas pelos próprios homossexuais e travestis.

Um dos primeiros textos lampiônicos a tratar mais especificamente da bicha, enquanto figura singular e rejeitada da sociedade encontra-se na edição 04 de agosto de 1978, o texto “Sobre tigres de papéis” tratou de uma defesa sobre o posicionamento de João Antônio Mascarenhas criticado por desdenhar de gays afeminados. E contrapondo-se a tal crítica o autor enumerou ~~a~~ alguns pontos do por que não despreza nem as bichas nem os gays-machos, embora o texto seja designado aos gays afeminados

> 1 – Julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer, afiqura-se-me imprescindível que as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos,
> 2 – Se eu, como lampiônico, sou contra os preconceitos, que geram o desprezo dos mal-informados, seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos, considerando-me superior aos que não têm procedimento idêntico ao meu,
> 3 – Eles até merecem a minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver a admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem – se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante,
> 4 – Se, pelos motivos acima, tanto as bichas – pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, em minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto – sempre no meu entender – erradas (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina n° 04, 1978, p. 09).

O primeiro ponto defendido por Mascarenhas é referente a união entre os diferentes segmentos homossexuais com o intuito de fortalecer o discurso de combate as opressões sofridas por todos, afirmando seu apreço por todos e sem as distinções sugeridas nas críticas dos leitores.

> Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanes alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher objeto – sexual, a mulher cidadã de segunda classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado – por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminacão é evidentemente artificial), acha – se a fornecer argumentos aos machistas que se, negam a admiti-lo como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional. […]
> Além disso, a bicha pintosa, é agressiva, agressividade que – diga-se de passagem – se compreende, pelas pressões que ela sofre, […]
> O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual precisa mostrar a todos, dar bandeira, que constitui parte de um grupo anatematizado (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina, n° 04, 1978, p. 09).

Mascarenhas continua seu texto, falando dos gays afeminados, de situações em decorrência dos seus trejeitos, das tentativas em se “enquadrar” na sociedade ou de sua agressividade para com outros são na grande maioria das vezes resultado dos discursos machistas assimilados por ele mesmo.

O pequeno texto é concluído reiterando o objetivo principal do jornal, em dar voz aos grupos oprimidos contra as inseguranças sociais e as lutas contra o machismo da época

> LAMPIÃO surgiu para mostrar a todos os grupos oprimidos e, em especial aos homossexuais — assumidos com descontração, enrustidos, pintosos ou travestis — que, no fundo, os machistas são tigres de papel, desde que nós não concordemos em reconhecer – lhes os direitos que eles mesmos se atribuem. Paz e amor (lantejoulas, plumas e paetês aos que gostem delas) (MASCARENHAS; Jornal Lampião da Esquina, n° 04, 1978, p. 09).

Com esse pequeno texto podemos perceber que a “bicha” pintosa, estava em uma posição que expunha sua sexualidade e sua feminilidade enfrentando os discursos heteronormativos e junto a isso dando um passo na quebra de estigmas sociais existentes entre os próprios homossexuais.

Quando o Jornal Lampião da Esquina tratava das “bichas”, não eram somente as críticas sobre sua postura ou a valorização de sua coragem em enfrentar os preconceitos, em determinados momentos o termo aparece no jornal associado à violência sofrida pelos homossexuais, que na grande parte das vezes

assumiam o papel de vítima culpada pelas ocorrências que envolviam homossexuais. A edição 06 de novembro de 1978 traz na sua capa a manchete “Crimes Sexuais”, e no seu interior as reportagens *“Anormal assassinado em Copacabana… (cada um tem a morte que fez por merecer).*” na página 05, *“No Vale do Paraíba, a caça as bichas – bruxas”* e *“Nos jornais um eterno suspeito: o homossexual”* na página 07, as três reportagens tratavam de uma coisa comum, a violência e assassinatos de homossexuais.

Na primeira reportagem são quatro casos de homossexuais mortos por eventuais parceiros sexuais, a “bicha” era o alvo fácil para os assassinos que se aproximavam de suas vítimas já com tais intuitos, roubar e matar. Esses tipos de crimes não eram casos isolados, e não chegavam a ser casos concluídos pela polícia na maioria das vezes como fica denunciado pelo próprio Jornal Lampião da Esquina

> Ao aceitar apressadamente, nestes crimes evidentemente que acabamos de lembrar, os motivos apresentados pelos criminosos – latrocínio, legitima defesa da honra etc. – a polícia e a justiça, pilares do Sistema, nada mais fazem senão referendar a ideologia que levou Anival Fonseca, o matador de Fred Feidman, ao crime: " Bicha tem mais é que morrer". Não é surpresa para ninguém que seja esta a atitude da polícia e da justiça (SILVA; Jornal Lampião da Esquina, n° 06, 1978, p.06).

Assim, subentende-se que a “bicha” ao final dos anos de 1970, enfrentava muito mais que a negação da sua personalidade afeminada e seus trejeitos por seus pares, que presumiam que a masculinidade era também um método de defesa ao passo que a maioria dos crimes de assassinato eram associados as “bichas pintosas”.

Como já dito o termo “bicha” aparece em todas as edições do jornal, bem como suas variantes e adjetivos, e já na edição experimental número 00, já se traça uma hipótese sobre a necessidade da imprensa homossexual e seu interesse em ampliar as discussões acerca da inserção de gays nos debates políticos e sociais, ou seja, conscientizando tais sujeitos da sua realidade sexual. O texto “Qual é da nossa imprensa?”, escrito pelo argentino Frederico Jorge Dantas relatando ao Jornal Lampião da Esquina, suas dificuldades e experiência com o folhetim *Eros.* O autor, fala desse processo da seguinte forma,

> Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. Escrever o que se conseguiu aprender é o correspondente para o esboço de um futuro melhor, onde possamos reagir com racionalidade e coesão às repressões sociais que nos são impostas pelo grupo majoritário onde o machista credenciado desrespeita a própria regra das liberdades individuais (DANTAS; Jornal Lampião da Esquina, ed. experimental n° zero, 1978, p. 05).

Com isso podemos perceber que o jornal novamente enfatizava a necessidade da população homossexual o gueto compreenda sua importância social, enquanto sujeitos conscientes de sua participação na sociedade. Este processo deveria ser percebido, senão por todos, ao menos por uma parcela da população gay. Nesse sentido podemos pensar que tal processo deveria ocorrer de forma clara, usando uma linguagem prática e objetiva, que se aproximasse dos gays desde o gueto até os intelectualizados.

2.3 – O “babado” era a linguagem do Jornal

Uma das características presentes no Jornal Lampião da Esquina era seu linguajar, o modo debochado, e com palavreado associado aos seus leitores. Tendo como objetivo central uma suposta conscientização da comunidade homossexual, ele evitava fazer o chamado colunismo social,

> veiculando informações culturais, como dicas de filmes, livros ou espetáculos, trazia artigos de contexto mais denso como as novas questões de gênero, a perseguição e assassinato de homossexuais, a questão do prazer sexual – assunto polêmico para a época – ou a relação entre Igreja e homossexualidade (SIMÕES JR; 2006, p. 16).

Ainda que apresentasse tais temas com seriedade, “resgatou-se a linguagem do gueto, com um uso constante de termos até então considerados palavrões, como ‘bicha’, por exemplo” (MACRAE; 2018, p. 148)**,** os autores faziam uso de metáforas e jogos de linguagem, que podiam confundir e brincar com leitores desavisados sobre o periódico, principalmente quando se tratava de assuntos mais específicos do que podemos chamar de “mundo gay”. Segundo Trevisan (2018)

essa tática usada era um passo dado para garantir uma maior aceitação entre seu público-alvo e também como uma forma de ir contra a “interdição de certas palavras, a decência das expressões” (FOUCAULT, 2006, p. 27) presentes na imprensa e nos discursos apresentados.

Essa troca de informações, gírias e palavreados específicos facilitava o contato com os leitores e por consequência garantia um número de vendas que garantiria o sustento do jornal.

A linguagem deveria ser simples, atrativa, desmunhecada e abusada como o linguajar do gueto, das bichas e travestis, e que fosse entendida por gays – machos também. Se o objetivo era ir ao encontro com a população do gueto, o “*bichês*” deveria ser a língua mais apropriada para esse contato.

É evidente que para o senso geral, algumas palavras quando usadas na sociedade tinham um caráter pejorativo, “bicha”, “boneca”, “pintosa”, “viado” e assim por diante. Como já dito anteriormente, a partir dos anos de 1960 alguns termos passam a ser usados como xingamentos e ofensas ao se referir aos homossexuais, entretanto com os novos ares do fim dos anos de 1970, e a ascensão dos movimentos sociais que buscavam um reconhecimento sócio – político para seus sujeitos, deu-se início a uma tomada de termos pejorativos para que fossem usados com maior frequência, ressignificados e somados aos novos debates identitários.

Durante a existência do jornal, sempre houve discordâncias entre os editores, colaboradores e leitores sobre diversos posicionamentos, e em relação aos termos usados no jornal não foi diferente.

E com o intuído de apaziguar os ânimos exaltados acerca do uso dos termos pejorativos, na edição 03 de agosto de 1978, Aguinaldo Silva lança o texto “*As palavras: para que temê-las?”* defendendo o uso dessas palavras seria uma estratégia para esvaziar seu potencial ofensivo e segregacionista,

> Muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar com muita frequência, palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca, etc, às quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante. Para alguns, o uso destas palavras indicaria uma apelação ao baixo nível que não fica bem em nosso jornal.
> **O uso de palavras em LAMPIÃO da Esquina na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista, para em seguida desmistifica- las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para**

> **mostrar a "separação" que existe entre o nosso mundo e o dos outros** (SILVA; Jornal Lampião da Esquina, n° 03, 1978, p, 05, grifos nossos).

Já de imediato percebemos o objetivo do Jornal, em retomar os termos e palavras usadas no meio machista e quebrar os mitos negativos acerca delas. Na sequência do texto, o autor apresenta os motivos de validar tais termos entre os homossexuais, encorajando pra assumir uma postura quase de enfrentamento aos opressores de forma natural e sem violência,

> A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc. […] classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas, é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é na verdade o primeiro passo para reprimi-los): não aceitar que esse tipo de classificação seja possível – lutar contra ele – é obrigação desses grupos. […] Nossa posição é oposta: se nos chamarem de bichas responderemos que somos mais que isso – somos trichas (SILVA; Jornal Lampião da Esquina, n° 03, 1978, p, 05).

Neste pequeno texto, é possível perceber já a tomada dos termos para seus sujeitos, que ao assumir-se como "bichas" já desqualificavam a ofensa verbal do agressor. E como era de se esperar, o Jornal recebe algumas respostas em relação ao seu posicionamento sobre a apropriação dos termos pejorativos. A mais evidente é a carta do leitor Alfredo Rangel, do Rio de Janeiro, publicada já na edição seguinte, número 04:

> Quanto ao termo guei, achei inteligente a ideia, mas quanto aos outros bicha, boneca, etc., continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra. Isto é. o significante traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo.
>
> Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substitui-lo para algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que ouso de um determinado termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo- se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer?
>
> Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê – las de outra forma. Acho que isso só poderá fortalecer os estereótipos

> e nunca liberar realmente as pessoas oprimidas por sua condição sexual. Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança, como coisa irrelevante, pois é da luta contra o mesmo que poderemos abrir espaço para uma luta mais ampla que é a afirmação da livre expressão da nossa bissexualidade na sociedade (RANGEL; Jornal Lampião da Esquina, n° 04, 1978, p.18).

A angústia do leitor carioca quanto à apropriação dos termos pejorativos pelo jornal coloca em dúvida se tal processo não daria mais força aos agressores e opositores da visibilidade homossexual na sociedade. Em sua fala ainda podemos perceber a influência do sistema heteronormativo, evidenciado pelo fato do leitor acreditar que o uso desses termos permaneceria na mente da população.

Entretanto a resposta do jornal ao leitor ocorre na mesma edição já na sequência enfatizando que o uso das palavras ressignificadas deveria se manter, para que elas não deixassem de existir, apenas passariam a ser interpretadas em outro sentido, e não mais apenas o ofensivo.

> Olha. Alfredo, a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não, elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiúça – la, esgotá-las. No nosso caso particular. Essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades, é preciso ter consciência. Inclusive, de que essa “livre expressão” do que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 04, 1978, p. 18).

Com este posicionamento o jornal demonstrou seu interesse em manter o uso dos termos, bem como os validar de forma positiva. Os debates referentes a terminologia empregada no jornal, e sobre seu uso ser ou não pejorativo ainda reaparece em outras edições, principalmente nas respostas dos leitores.

Mas o que nos chama a atenção na temática da linguagem usada, além da apropriação dessas palavras, era o uso escrachado que se fazia delas. Principalmente após a criação da seção “*Bixórdia*”, uma apimentada coluna social criada a partir da edição 05 de outubro de 1978, “na qual a personagem Rafaela Mambaba exercitava o linguajar ferino e malicioso atribuído às travestis e às bichas loucas” (SIMÕES; FACCHINNI; 2009, p. 88-89). O nome dessa seção vem depois

de uma carta, em que o leitor faz uma ardente defesa das “bichas pintosas” e usa a palavra *bixórdia,* misturando “’bicha” e mixórdia. A seção ficava por conta de Rafaela Mambaba,

> uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do Lampião,[…] Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto (SOUZA NETO; 2013, p. 02).

Mas o que vinha a ser a Bixórdia, exatamente? A apresentação da nova seção já vinha escrita com certo teor do linguajar usado no gueto, se tornado assim mais “próxima” da realidade da maioria dos leitores.

> O QUE VEM A SER BIXÓRDIA?
>
> Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?(MAMBABA; Jornal Lampião da Esquina, n°05, 1978,p.12)

A ideia de ter uma personagem fictícia no jornal, dava uma liberdade extra aos editores, que poderiam se colocar atrás do pseudônimo de Mambaba.

A seção foi criada pelos editores, e segundo José Augusto de Castro Heeren (2011) serviu para amenizar o caráter politizado do jornal e dar uma leveza e descontração em meio à seriedade das reportagens, e com um humor ácido, a fictícia autora tecia comentários para criticar os estigmas das rodas sociais dos homossexuais que rotulavam a multiplicidade de sexualidades existentes, “de uma maneira geral Rafaela Mambaba procurava criticar através da ironia e do deboche o quanto o universo estereotipado gay era perverso para aqueles que nele viviam” (HEEREN; 2011, p.177).

Ainda dentro da tentativa de desmistificar a negatividade do termo “bicha”, a seção Bixórdia propõe novas nomenclaturas e variações para serem utilizadas de

maneira proposital entre os gays, autora apresenta algumas variantes em duas edições;

> Algumas variantes da bichisse oblige. A saber:
>
> POLICHA- É a que ultrapassou os limites da tricha. Toma hormônios já que seu grande sonho é se tornar a Fafá de Belém.
> BICHEQUE- É aquela que por qualquer coisa puxa um talão de cheques. Ate pra pagar um cafezinho.
> BICHENE- fã de Marlene. Dai surge uma serie de variações: BICHY (fã de Cauby), BICHINHA (fã de Emilinha), BICHAL (fã de Sidney Magal), e a BICHA- TORRACA.
> E por aí vai. Qualquer semelhança com pessoas colunáveis será mera coincidência: de bichas e contrabichas cada um tem um pouco. Ah, ia me esquecendo, tem mais uma; é a:
> BICHATA- É aquela que se enquadrou em alguma das variações aqui mas vai escrever pra cá falando mal do LAMPIÃO (MAMBABA; Jornal Lampião da Esquina, n°06, 1978, p. 09).

A “autora” satirizava tanto os fãs, quanto personalidades do cenário artístico nacional ao fazer a associação aos referidos artistas. A grande característica da sessão era o tom irônico usado por Mambaba em seus textos, dando ênfase no uso extremado dos termos com objetivo de naturalizá-los tanto entre os leitores, fossem eles homossexuais ou não.

Nesse mesmo contexto de termos e significados para homossexuais, Rafaela Mambaba volta com sua acidez na edição 24, em maio de 1980, trazendo um novo glossário mais “técnico” para aqueles que quisessem participar dos próximos Encontros Brasileiros de Homossexuais (o 1° havia ocorrido em abril de 1980). Alguns termos e suas definições apresentados pela autora:

> MACHISMO – Qualquer tentativa de se impor sobre a vontade de uma outra pessoa, seja de que sexo for. Palavra extremamente útil como acusação dirigida à pessoa cuja palavra você quer cassar.
> AUTORITARISMO – Idem machismo.
> LIDERANÇA – Idem autoritarismo. Algo a ser evitado a qualquer custo, para garantir a continuidade da balbúrdia reinante numa reunião.
> CONSENSO – Estado de sonolência e aborrecimento que leva as pessoas à incapacidade de votar a favor ou contra qualquer proposta concreta.
> REPRESSÃO – Regras que são inventadas pela classe dominante, e cuja intenção é nos proibir daquilo que nós queremos.
> DUPLA REPRESSÃO – Quando uma pessoa é sujeita a duas repressões. Especificamente bichas negras e mulheres homossexuais.
> TRIPLA REPRESSÃO – Quando a pessoa é sujeita a três repressões. Exemplo: mulher negra homossexual.

> QUÀDRUPA REPRESSÃO – Estado de graça no qual a pessoa está sujeita a quatro repressões. Exemplificando: bicha negra homossexual gorda. (N.B. - As pessoas que somam o maior número de repressões gozam de altíssimo status e são a inveja dos que têm menos; aqueles que não sofrem nenhum tipo de repressão – é o caso dos heterossexuais brancos masculinos – são criaturas simplesmente desprezíveis).
> BICHA – Termo para designar o homossexual masculino militante (não pode ser confundido com a mesma palavra fora do meio militante; neste último caso, trata-se de uma ofensa grave). Ê também usado por alguns para se referir a homossexuais de ambos os sexos; neste caso, para as lésbicas, trata-se de uma manifestação de machismo de quem o utiliza.
> HETEROSSEXUAL – Quem não é bicha ou lésbica. Pessoas extremamente perigosas, cujo maior prazer parece ser o de criar novas formas requintadas e sutis de repressão.
> BISSEXUAL – Algo que não existe; quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida, com tendências ao machismo, ao autoritarismo. Há quem diga, também, que o bissexualismo é apenas uma manifestação esquizofrênica.
> FACISMO – A palavra ideal para substituir "autoritarismo" e "machismo" quando sequer dar a estes insultos um peso histórico. É como se um heterossexual, em vez de chamar um homossexual de "bicha", preferisse dizer "sodomita" (MAMBABA; Jornal Lampião da Esquina, n° 24, 1980, p. 15).

Desta forma, com um linguajar mais atrevido e satirizando a política, acontecimentos e pessoas, a seção Bixórdia e sua mítica autora, Rafaela Mambaba, caíram nas graças dos leitores homo e heterossexuais que buscavam saber mais do palavreado e expressões usadas no gueto gay. Como fica evidente em uma carta, escrita por uma estudante de Letras de São Paulo,

> Aí então me surgiu a idéia de escrever para vocês, na certeza de obter dados mais profundos para minha pesquisa. Seria apenas uma relação de vocábulos e expressões utilizadas pelos gays que estabelecem a comunicação entre eles, seguidas do significado que teriam para nós, leigos que somos nesse campo.
> P.S. - Gostaria de pedir ainda mais um favor – vocês mencionaram no jornal algo a respeito do 'Dicionário de Mestra Mambaba'. Eu poderia encontrá-lo facilmente em algum lugar? Onde? Grata,
> Sueli Almeida – São Paulo, capital (ALMEIDA; Jornal Lampião da Esquina, n°07, 1978, p. 14).

A escrita do Jornal Lampião da Esquina juntava elementos para que seu público se identificasse com o jornal e com seus pares, o resgate e uso dos vocábulos do gueto em tom de chacota e até mesmo seu uso como uma ressignificação social estavam diretamente ligados ao objetivo central do jornal.

Ao longo das suas edições, o processo de evidenciar possíveis elementos da comunidade homossexual foi sendo apresentado de diferentes formas, além da escrita. Pode-se perceber a existência de uma arte erótica sendo representada em poemas, desenhos e nas últimas edições em formato de fotografias.

A percepção dos leitores acerca desses elementos, bem como sua identificação com eles, a aceitação e seus posicionamentos sobre o que era tratado e apresentado pelo jornal, eram encontrados em uma parte específica, a seção “Cartas na Mesa”, que dava a oportunidade aos leitores de expressar sua ligação com o jornal, e em algumas situações era uma válvula de escape para experiências pessoais, pois em determinados casos esses leitores viam – se em situações similares as abordadas pelo jornal.

Assim, as Cartas na Mesa eram o elo entre as duas partes, o jornal e seu público. Essa relação será abordada de forma mais ampla no terceiro capítulo.

CAPÍTULO III – AS BICHAS PÕEM AS “CARTAS NA MESA”

E as pilhas de envelopes
Já não cabem nos armários
Vão tomando meu espaço
Fazem montes pela sala
Hoje são a minha cama
Minha mesa, meus lençóis
(As Cartas que eu não mando- Leoni- 1993)

O que é uma carta? Um pedaço de papel que ganha sentido com o contato da tinta da caneta? Um emaranhado de palavras com múltiplos objetivos que podem ou não ser mantidos em segredo? Um objeto usado para se expressar, elogiar, criticar, pedir ajuda sem estar perto? Sim. As cartas ao longo da história foram tudo isso, e possivelmente o mais essencial delas, é o fato que elas se tornam um veículo de comunicação entre quem escreve e quem a lê. O que vem a acontecer depois disso depende do receptor.

O ato de escrever as cartas pode ser entendido como um processo de escrita de si mesmo, pois tais materiais são manifestações individuais dos sujeitos. Segundo Foucault (2004) a carta torna o autor presente de certa forma para quem a lê, informando não somente seu cotidiano e suas atividades, mas também suas angústias.

Escrever cartas é um ato de mostrar-se, se expor frente ao leitor. No caso das cartas enviadas ao Jornal Lampião da Esquina, os autores eram expostos tanto aos editores que selecionavam as cartas quanto os demais leitores do jornal por todo o país. Para Patrícia Espírito Santo (2012, p. 12) “as cartas são dispositivos que revelam os valores de quem as assina”, e com isso tais autores se apresentavam e eram incluídos na construção do jornal a partir da apresentação das suas informações sobre suas vivências na sociedade.

Este terceiro capítulo destina-se a análise das cartas enviadas ao Jornal Lampião da Esquina ao longo de sua existência pelos leitores e apoiadores do mensário. Estas cartas eram publicadas na seção “Cartas na Mesa”, presente desde a edição experimental de abril de 1978 até a última em junho de 1981, e ao todo foram selecionadas e publicadas cerca de 300 cartas que ofereciam diversas interpretações acerca do Jornal.

Como a variedade de temas escritos pelos leitores é vasta, para este capítulo foram analisadas apenas uma parte do número total das cartas. Assim após a leitura delas fez-se necessário o estabelecimento de três eixos temáticos principais encontrados comumente entre as edições que por sua vez nortearam este capítulo.

O primeiro eixo a ser debatido trata do '*feedback'* dado pelos leitores ao jornal, ou seja, seus posicionamentos, críticas, sugestões, a relação de proximidade entre o leitor e os editores. Dentro deste eixo foram encontradas 42 cartas que traziam as impressões dos leitores quanto às publicações.

O segundo eixo abordado, refere-se ao entendimento dos leitores quando a sua sexualidade, o posicionamento quanto ao assumir-se ou não como homossexual, e ainda suas opiniões acerca dos estereótipos do gay – macho ou afeminado. Para esta temática foram encontradas 27 cartas que abordavam esses assuntos de forma direta ou não.

Para finalizar este capítulo, o terceiro eixo buscou os casos de denúncias de violência e preconceitos sofridos pelos leitores. Esses casos iam desde as violências policiais em bares e locais públicos, casos de extorsão de homossexuais, e ainda discriminação entre os sujeitos homossexuais. Aqui foram analisadas 22 cartas deste tema.

3.1-Uma mirada sobre Cartas na Mesa

O Jornal Lampião da Esquina tinha nas cartas recebidas um amparo para sua existência, pois elas serviam como um medidor da popularidade do jornal em relação as suas publicações, e dessa forma, os editores podia perceber a aceitação do jornal pelo público. Entre as edições número zero e a edição 31 a seção 'Cartas na Mesa' ocupava as páginas finais do jornal tendo duas páginas destinadas as cartas e alguns anúncios, a partir da edição 32 a seção passa para a página 02 e posteriormente até a edição final ocupa apenas uma página, diminuindo também o número de cartas publicadas.

Este processo da diminuição das cartas foi notado pelo leitor Walmir de Souza Lima, do Rio de Janeiro e escreve ao jornal na edição n° 30 em novembro de 1980:

> outra coisa que me chamou a atenção foi a seção “Cartas na Mesa”. Cada vez com menos cartas publicadas. É isso aí, homossexual comum não tem vez. Só quem merece destaque são as estrelas como Ney Matogrosso, Ruddy e outras bichérrimas menos votadas. Depois vocês ainda vem com esse papo de defesa das minorias (LIMA; Jornal Lampião da Esquina, n°30, 1980. p. 18)

O leitor ainda enfatiza como os homossexuais são ignorados por outros grupos minoritários. Na mesma edição, a personagem caricata Rafaela Mambaba, já citada aqui anteriormente, responde a carta de Walmir, de forma particularmente irônica

> R: Querido Walmir: tua amável cartinha nos encheu de alegria: finalmente, alguém que resolve baixar o pau na gente, alvíssaras! É por isso que a sessão “Cartas na Mesa” vem diminuindo, o pessoal só sabe escrever elogiando o Lampa. A gente adora elogios, claro, mas pega mal ficar publicando um monte deles a cada número. (MAMBABA; Jornal Lampião da Esquina n° 30, 1980,18.).

A resposta de Mambaba ao leitor, é contraditória, pois ao analisarmos as cartas, foram identificadas cerca de 20 textos com críticas negativas ao jornal, variando os motivos e insatisfações dos leitores. Porém, a referida carta já indica que a sessão vinha enfraquecendo e os leitores perdendo seu espaço de participação no periódico.

A seleção das cartas era feita de forma coletiva entre os editores, que as liam e definiam as quais seriam publicadas em cada uma das edições, e cada uma com direito a resposta por parte do jornal. A ideia e a proposta inicial da seção já ficam evidentes na sua apresentação na edição experimental de abril de 1978,

> **a ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal.** É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14, grifos nossos).

A partir deste trecho do jornal podemos entender que a seção Cartas na Mesa constituiu-se como um espaço de grande importância para o jornal e seus leitores, abrindo um lugar para legitimar o periódico e credibilidade tanto ao jornal quanto aos seus leitores. Tal processo funcionava como um medidor da receptividade do veículo.

Ainda que fosse um espaço democrático, pois todo leitor estava livre para corresponder-se com o jornal, as cartas passavam por um processo de seleção, havendo assim um exercício de poder nas escolhas daquilo que seria publicado. Segundo Valfrido da Silva Nunes (2017) esse processo de seleção, edição para publicação dos textos das cartas, colocava em xeque o processo democrático ao qual se propunha o jornal. Este processo é ligado a linha editorial do jornal, sendo semelhante em outros veículos de comunicação impressos.

Ao analisarmos os editoriais do jornal ou até mesmo a seção “Cartas na Mesa”, não há indícios de quais critérios eram adotados nesse processo de seleção ou edição em decorrência da grande quantidade, por mais que os editores insistissem na ideia de sorteio para a seleção, como fica claro numa resposta do conselho identificado apenas com a letra R:

> R.- não foi por censura interna que deixamos de publicar suas cartas anteriores, é que a gente recebe dezenas de cartas todos por dia, e o espaço aqui só dá para publicar algumas. Assim, depende da sorte da boneca missivista na hora do sorteio. (CONSELHO EDITORIA, Jornal Lampião da Esquina, n° 22. 1980 p. 18).

Por mais que a escolha das cartas fosse tratada como uma “coisa do acaso”, é evidente que havia uma rede de efeitos ao publicar determinada carta em relação a outras. É importante evidenciar que esta pesquisa não tem como objetivo verificar a veracidade das cartas publicadas ou de seus autores, afinal muitas delas eram assinadas por pessoas que pediam para ser identificadas como ‘anônimas’ ou ainda se identificavam apenas pelas iniciais de seus nomes o que pode gerar o questionamento se de fato tais pessoas eram reais.

O que comprova tal hipótese é a entrevista dada por Antônio Carlos Moreira, jornalista e ex-colaborador do Jornal Lampião da Esquina, para o documentário "*Lampião da Esquina*[18]" lançado em 2016, em que o jornalista fala

> Tinha um determinado dia, que a gente abria as cartas para ler. Pôxa o Aguinaldo lia né, com aquela performance dele, bem irônico. Era muito engraçado e a gente ia interferindo e rindo, como se fosse uma obra coletiva, a resposta das cartas.
> Tinha algumas matérias que o Aguinaldo considerava que iam ser assim, bombásticas, que iam causar ou a ira ou muitas reações e nada. E aí não chegava nem uma única linha, ele ficava indignado. 'Vamos fazer uma carta contra esta matéria', sentávamos todos, e escrevíamos uma carta contra a matéria do jornal como se fossemos um leitor e respondíamos a carta (MOREIRA; 2016, 18'32").

Assim, por meio da fala de Moreira, podemos perceber que o processo da seleção das cartas buscava atender os interesses dos editores contrariando até mesmo a fala do jornal sobre 'a sorte' na seleção. Sem considerar que há uma contradição entre a fala do jornal e o que foi dito pelo jornalista ao documentário, esta pesquisa reitera que as cartas, forjadas ou não, e a seção como um todo, constituíram um espaço no jornal de amplos debates que além de evidenciar a importância do jornal para seus leitores, também conseguia mostrar a identificação dos seus leitores em relação às pautas abordas pelo periódico.

Em relação ao nome da seção, pode ser entendido como um jogo de palavras a partir da devolutiva dos leitores. Segundo Márcio Leopoldo G. Bandeira (2006) quando o jornal colocava as cartas na mesa, ele evidenciava o apoio dos leitores em relação ao jornal, promovendo ao mesmo tempo uma identificação destes leitores como sujeitos homossexuais.

---

18 O documentário "Lampião da Esquina", lançado em 2016 pela produtora Doctela de São Paulo, com coproduãço do Canal Brasil, abordou as principais características do jornal durante sua existência, trazendo entrevistas com editores, colaboradores e personalidades entrevistadas pelo mensário. O documentário de longa-metragem tem cerca de 1h30 de duração, e esta disponível para acesso via serviço de streaming no endereço eletrônico < https://www.looke.com.br/filmes/lampiao-da-esquina>.

3.2 – Cartas que opinavam

A Seção Cartas na Mesa foi pensada inicialmente para aproximar o jornal dos seus leitores estreitando os laços a partir das cartas enviadas. Era o canal de comunicação entre o jornal e os leitores, onde estes teciam elogios, opiniões, e até mesmo xingamentos ao jornal e editores, também era uma via onde muitos descreviam situações pessoais que se assemelhavam às histórias contadas nas matérias identificando-se assim com outros sujeitos na mesma condição. As opiniões acerca foram sempre as mais diversas, mas em grande parte as cartas teciam elogios e críticas ao jornal e as matérias.

Ao longo do estudo das correspondências publicadas, foram identificadas 42 cartas número divergente com o apresentado na introdução do capítulo que tratavam diretamente de elogiar ou criticar o jornal, suas reportagens ou até mesmo as ideias defendidas pelos editores e colaboradores.

Na edição de número zero, considerada a edição experimental, lançada em abril de 1978, o jornal já trazia algumas cartas enviadas ao jornal antes mesmo do seu lançamento. Entende-se que esse fato é o resultado das reuniões do grupo que integraria o Conselho Editorial e que já davam indícios do lançamento do jornal. A notícia de um jornal abertamente gay já criava expectativas em seus futuros leitores, que antes mesmo do lançamento já entravam em contato com os editores. Em relação a isso levamos em consideração o fator surpresa, ou seja, o envio aleatório da edição inicial

> o jornal foi enviado a cinco mil pessoas, sem distinção de credo, raça, ou preferência sexual. Se algumas dessas eram diretamente interessadas nos assuntos abordados por ele, foi o que Hollywood chamaria de 'mera coincidência'. E dessas cinco mil, apenas duas – vide a seção '**Cartas na Mesa'** – manifestaram – se contra a remessa, mostrando, em relação à absolutíssima maioria, um comportamento estranhamente anormal… (TREVISAN; Jornal Lampião da Esquina, n° 01. 1978 p. 09, grifo do jornal)

Esse envio "ao acaso" aconteceu com a ajuda de algumas indicações de pessoas que já conheciam o projeto do jornal, tal situação fica comprovada apenas na edição número 18, em novembro de 1979, com a carta de Helinho, leitor carioca do jornal

> Bichas mafiosas
>
> Meus amores, tudo bem? Há mais de um ano que estou pra escrever, pois antes do jornal chegar ao n° 0, eu já conhecia a ideia da publicação dele através de uma amiga (Leila). **Inclusive forneci alguns nomes de pessoas num listão, pra receber o n° 0, e foi engraçadíssima a ração de algumas pessoas** (daria uma seção inteira da Bixórdia) com muito humor, numa boa. (HELINHO; Jornal Lampião da Esquina, n° 18. 1979 p. 18, grifos nossos).

As indicações como as de Helinho ao grupo produtor do jornal, foram úteis para um contato inicial entre o jornal e os leitores. A resposta dada ao leitor pelo jornal, deixa claro, que de imediato foram mandadas cartas contando sobre o projeto do jornal.

> R. - Aquelas listas com as quais nós anunciamos de modo mafioso o próximo surgimento do LAMPIÃO deixaram muita gente paranoica; **as pessoas recebiam em casa a nossa carta** e saiam gritando pela rua: 'me descobriram! Me descobriram!'. Mas tudo bem. A carta portenha nos deixou baratinados (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 18. 1979 p. 18, grifos nossos).

Diante deste contato "pré-lançamento", o jornal já teria recebido algumas cartas iniciais que demonstravam apoio e interesse pelo jornal, como podemos perceber em dois casos,

> Achei divina a ideia do Lampião. Tenho todos os livros do Darcy e do Aguinaldo, e adoro conversar com pessoas gays, embora eu não seja. (JENIFER; Jornal Lampião da Esquina, n°00, 1978, p. 14).

> Podem contar comigo, sinceramente, torço para o sucesso do jornal LAMPIÃO, mas aguardo o número zero para tomar uma decisão. Posso garantir que existem outras pessoas interessadas em ver o LAMPIÃO mesmo não sendo homossexuais, negros ou tendo problemas com vestibular. São amigos de trabalho que gostam de ler e comentar todos os assuntos que abordam principalmente a liberdade do indivíduo. (H,C.F.;Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14).

Ambas as cartas foram enviadas antes do lançamento, na primeira a autora já se identifica como não sendo uma mulher homossexual, mostrando a diversidade de leitores do jornal. O mesmo fica evidente na segunda carta, onde o leitor e seus colegas veem o jornal como um novo espaço para debate de assuntos considerados de menor importância pelas mídias impressas, além de trazer matérias e reportagens que refletiam situações da comunidade LGBTI+ da época. De imediato podemos perceber que mesmo antes de seu lançamento, o jornal Lampião da Esquina já despertava o interesse e a curiosidade entre futuros leitores. Podemos considerar ainda, que as cartas na edição inicial, são um atrativo a mais do jornal para que houvessem novas assinaturas nas edições posteriores.

A partir do seu lançamento em abril de 1978, o volume das cartas aumentou, assim, o jornal passou a receber novas mensagens positivas e outras com críticas e quase ofensivas ao folhetim e editores. Já na edição 01, podemos destacar uma carta enviada por Agildo Guimarães, criador do Jornal O Snob, um jornal gay produzido no Rio de Janeiro na década de 1960, em que o autor se identifica com o projeto lampiônico no que se refere ao incentivo de sair do gueto, proposta inicial do Jornal Lampião da Esquina:

> Espero que vocês, juntos, possam nos dar todo mês o LAMPIÃO, para que, com orgulho e contentamento, possamos contar com um porta-voz dos nossos sentimentos, ideais e mais ainda, essa porta aberta para se sair do gueto, como diz o Editorial. (GUIMARÃES; Jornal Lampião da Esquina, n°. 01. 1978, p. 14).

Como resposta ao também editor de produções destinadas ao público gay, os editores do Jornal Lampião da Esquina reconhecem a importância de Guimarães por se tratar de uns dos primeiros periódicos do gênero: “sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos ao LAMPIÃO. E não o queremos apenas como leitor. Vamos pedi-lo emprestado ao GENTE GAY de vez em quando” (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 01, 1978, p. 14).

A partir de 1979, com o nascimento de diversos grupos homossexuais espalhados pelo território nacional, eram comum que esses grupos usassem as páginas do Jornal Lampião da Esquina como uma ferramenta de expor seus grupos e convidar os ávidos leitores a participar dos seus encontros. A carta intitulada como

“Terceiro Ato”, na edição n° 25 (junho de 1980), é o mesmo nome do mais novo grupo homossexual que surge e se apresenta pelo jornal, situado em Belo Horizonte em Minas Gerais. O texto enviado pelo grupo fala de suas aspirações por uma sociedade igualitária, sem segregações e favoráveis as ideologias progressistas, como eles mesmos afirmavam. A resposta ao grupo, vem na mesma edição, enfatizado a necessidade de cooperação entre grupos e o jornal.

> R: Nosso jornal é de vocês, amigos e amigas do Terceiro Ato. Façam dele a tribuna de congraçamento com os demais grupos oprimidos que estão surgindo em todo o Brasil. Lampião precisa da cooperação de vocês todos, da crítica constante e do auxílio também, como leitores atentos e principalmente como ASSINANTES. E não tenham dúvida: nós, juntos, e que estamos fazendo a História. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 25, 1980, p. 18).

Considerando tanto as cartas de Agildo Guimarães, quanto a do Grupo Terceiro Ato, e as respostas do jornal podemos entender que a seção funcionava também como um espaço de firmar alianças com novos colaboradores e apoiadores a partir de convites feitos pela seção. As duas situações mostram que ao longo dos anos o Jornal sempre teve a necessidade de reafirmar sua ligação com pessoas ligadas a grupos homossexuais ou até mesmo com aqueles que poderiam influenciar novos leitores.

As edições 01 e 02, foram as que mais trouxeram esse *‘feedback’* dos leitores, apresentando ao todo cerca de 11 cartas que expressavam as opiniões sobre o jornal e em sua maioria eram críticas positivas. Como é o caso da carta “Lendo o número zero”, enviada por C. S. S. do Rio de Janeiro, publicada na edição 01, em que o autor (subtendem-se que foi escrita por um homem homossexual), faz uma análise geral acerca da edição experimental.

> Fiquei duplamente satisfeito com o LAMPIÃO […]. Já recebi o jornal. Ficou muito bom, gratificante. A matéria publicada está num nível excelente […] vocês estão mostrando que o comportamento sexual não é o ponto de referência do indivíduo; […] a saída do gueto é importante. Eu diria que ainda mais importante é a ‘desrotulação’. Ainda sobre o jornal: excelentes as matérias […], o aspecto cultural me preocupa, não que eu seja elitista ou pretenda que os homossexuais passem a discutir Laing, Brecht, Mallarmé, etc., mas o porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou como no caso das ‘bichas’ reunidas por aí, o mundo se resume a

> paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo. (C.S.S.; Jornal Lampião da Esquina, n° 01, 1978, p. 15.)

Percebe-se que o leitor citado acaba dando ênfase tanto para a questão do sair do gueto, como também relevar a ideia da necessidade de politizar os homossexuais, quebrando os estereótipos existentes até então. Lembrando que esses dois pontos foram tratados com relevância na edição Experimental de abril de 1978, sendo entendidos como os discursos que nortearam todo a construção do mensário.

Nesta mesma edição houve ainda elogios por parte de outros grupos jornalísticos como é o caso da carta “Edições Mundo Livre” de Nelson Abrantes do Rio de Janeiro, e diversas sugestões feitas por um autor identificado como “anônimo”.

A edição número 02 (junho e julho de 1978) trazia um diferencial nas cartas, a publicação de mensagens enviadas por mulheres que consumiam o jornal e além de elogiar, ainda cobravam uma participação feminina em maior evidência no jornal, como no caso da leitora Rose S., do Rio de Janeiro

> Sinto que a coisa vai dar certo. Não tive oportunidade de ler o número zero, mas obtive excelentes informações de gente entendida (no assunto e nas coisas). […] mas tenho uma ressalva a fazer: as mulheres estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é a grande falha dos jornais gueis. Ora, bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal “Maria Bonita” (será que até entre nós, já tão vilipendiadas, existe a tal discriminação?),cujo slogan será: “Menino não entra”. Fica lançado o desafio. Ou nós entramos na jogada, ou “Maria Bonita entrará para apagar o fogo do LAMPIÃO. (S.; Jornal Lampião da Esquina, n° 02, 1978, p. 14).

A carta de Rose, que inicialmente se identifica como uma estudante de jornalismo, mostra que mesmo o jornal sendo aceito por um grande e diverso público, ainda deixava a desejar no quesito participação feminina. A provocação da leitora em criar o “Maria Bonita”, deixa evidente que o Jornal Lampião da Esquina poderia servir de exemplo para outros grupos criarem periódicos semelhantes.

Além desta, outras duas cartas de mulheres foram publicadas, a carta de Jane de Tal, moradora de Copacabana que fez grandes elogios ao trabalho prestado pelo jornal. E a carta de Sandra M. C. De Albuquerque, de Campina Grande na

Paraíba, que também faz elogios ao jornal e a importância da sua representatividade, entretanto sua forte crítica é relacionada a apresentação, em sua carta intitulada “Mais Penas de Pavão”, a leitora considera o jornal ainda muito sério, faltando leveza e humor, “precisa de mais graça. De mais penas de pavão. Também a diagramação, o visual do jornal ainda não se impôs. A revisão essa capengando aqui e ali” (ALBUQUERQUE; n°02, maio de 1978). As observações feitas pela autora, a partir das duas primeiras edições, tiveram seu alcance com os editores que publicaram sua resposta na sequência da carta, na mesma edição

> R: resolvemos publicar sua carta, pelo menos para lhe dar uma explicação. Achamos ótimas suas observações, e vamos levar em conta todas elas. O jornal precisa se tornar menos sisudo, sim, mas lutamos, pelo menos até aqui com o problema do espaço. Só quando pintarem os anunciantes é que poderemos aumenta o número das páginas e jogar mais ilustrações. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 02, 1978, p. 15.).

As propostas de mudanças e melhorias para o jornal, continuaram em outras edições, como na carta “Lampião é desnudado”, publicada na edição 03 (julho/agosto de 1978), escrita de forma coletiva por um grupo de homossexuais da cidade de São Paulo, chamado Grupo Paulista Totó Fruta de Conde[19] que se encontravam para discutir sobre a sexualidade a partir das suas próprias vivências.

Por se tratar de uma carta coletiva, foram abordados vários pontos desde a apresentação, temática das reportagens, e a própria proposta do jornal no que se refere uma identidade homossexual. A carta em questão ao mesmo tempo que apoia o jornal também considera que “o jornal tem medo de encarar a sua homossexualidade de frente” (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA; n° 03, 1978, p.14), chegando ao ponto de afirmarem que o jornal apresentava um ar angustiante, e novamente surge a sugestão de que o jornal deveria se tornar mais “alegre”.

Compreende-se assim que a interferência avaliativa dos leitores influenciava no andamento do jornal, pois a partir de cartas como a de Sandra e do grupo de São Paulo, os editores puderam repensar a própria estrutura do jornal, incluindo ou retirando elementos nas edições seguintes.

---

19 O nome do grupo aparece apenas como referência na carta “Qual é a tua, oh Lampião?”, publicada na edição 04, em agosto/setembro de 1978.

As Cartas na Mesa demonstravam em sua grande maioria o apreço dos leitores pelo jornal, que utilizavam o espaço para apoiar o trabalho lampiônico, bem como incentivar sua continuidade, como pode ser observado nas seguintes cartas:

> vocês me mostram o ponto de vista de um pessoal que pra mim é quase uma incógnita: a viadagem. […] É por isso que dou forças pra vocês. Você não deixa a peteca cair. […] vocês me dão força, gente, pra continuar lutando, que o mundo tem jeito sim, a gene em é que não se acomodar no nosso canto, mas sim sair dando machadada na cabeça, na nossa e na dos outros para ver se abre um pouco as ideias, e se percebe um da real simplicidade das coisas deste mundo. (MEDINA; Jornal Lampião da Esquina, n° 05, 1978, p. 15.).

> Venho acompanhando o trabalho realizado por vocês, desde o aparecimento do jornal. Evidentemente, trata-se de um trabalho sério que reflete disposição para o debate, o esclarecimento, a informação, a conscientização. O jornal é bem paginado, criativo, engraçado, e, as vezes comovente, tendo conseguido manter, até o momento, um nível realmente inédito no Brasil para as publicações do gênero. (RADICEZ; Jornal Lampião da Esquina, n° 11, 1979, p. 18).

> É uma publicação que fazia falta: ela preenche um grande vácuo. LAMPIÃO não é só bem dirigido e bem escrito, mas sobretudo é um abraço fraterno nessa “minoria” que por vezes é tão estupidamente criticada e maltratada por alguns, que quase sempre, a ela pertencem, mas não tem coragem de assumir e encarar a realidade, e assim se tornam verdugos de si mesmos. (O. G. N.; Jornal Lampião da Esquina, n° 13, 1979, p. 18).

Nos três casos citados acima, as cartas exprimiam a gratidão ao jornal que assumia também a função de porta-voz das minorias como mencionado no último trecho. Compreende-se com essas cartas, que o Jornal Lampião da Esquina impulsionava os sentimentos de lutas e mudanças na sociedade e em seus próprios leitores.

Como já dito anteriormente, nem todas as cartas de ‘*feedback’* eram elogios, desde as primeiras edições haviam leitores que discordavam do posicionamento do jornal ou até mesmo com o recebimento dele, no caso da edição experimental número zero que havia sido enviada aleatoriamente para algumas pessoas, e que por sinal teve seu recebimento negado por três leitores, cujas negativas foram publicadas na seção das cartas, sendo uma resposta na edição de abril de 1978 e outros duas na edição 01, de maio/junho de 1978:

> Senhores: os senhores obtiveram meu endereço não sei como e tomaram a liberdade de me oferecer números de um jornal. Declaro que não estou interessado em tal jornal e peço o favor de não enviar mais nada para esse endereço (etc., etc., etc.). (M.; Jornal Lampião da Esquina, n°00, 1978, p. 14)

> Passa fora, machão
> Ilmos. Srs.: estou devolvendo a V. Sas., o número de seu jornal que me foi endereçado, e não gostaria de continuar recebendo, pelo simples fato de não ter interesse por este gênero de leitura. Obrigado e atenciosamente. (R. S.; Jornal Lampião da Esquina, n°01, 1978, p. 14)

> Tendo recebido, sem ter pedido, exemplar de seu jornal, manifesto que não quero receber outro. (E.C.; Jornal Lampião da Esquina, n°01, 1978, p. 14).

As três cartas foram enviadas por leitores que receberam o jornal sem o consentimento, ou feito pedido para tal. O jornal rebateu apenas as duas da edição 01, com ironia afirmando que enquanto a maioria dos “machões” teria curiosidade em ler o jornal, estes dois leitores haviam se mostrado indiferentes e sem interesse.

As repercussões negativas com sentido de críticas ao jornal começaram a ser publicada a parir da edição n° 02 (junho e julho de 1978), com a carta “Como sair das Esquinas”, escrita por Laércio M. S., do Rio de Janeiro. A carta é uma crítica à matéria de Antônio Chrysóstomo sobre as perigosas relações com garotos de programa e alguns lugares de ‘badalação’,

> O motivo desta carta é para dizer da minha decepção ao ler o texto. O assunto, não caberia de forma alguma, pela sua complexidade e profundidade, numa reportagem, mas sim, numa série de artigos nos quais se procurasse mostrar não só o aspecto moral do problema, mas oferecer a todos, indistintamente, um enfoque humano. […] Acho que você pecou quando acusa no segundo parágrafo: ‘este meio quase sempre divulgado no que tem de mais superficial e evidente’. Meu querido, foi exatamente o que você fez. E você nem soube dissimular um profundo desprezo por estes adolescentes, classificando-os de ‘reles meninos de programas, michesinhos, etc…’ […] Esperava que o LAMPIÃO […] fosse mostrar o outro lado da questão. Aquele que esta escondido dentro de cada “vítima ou algoz”. (M. S.; Jornal Lampião da Esquina, n°02, 1978, p. 15).

A carta de Laércio continua a levantar outras questões sociais sobre a prostituição masculina, e como o jornal abordou o assunto, e encerra sugerindo que tais artigos possam ajudar os clientes a terem mais consciência da situação dos jovens e possam ajudá-los a deixarem a prostituição.

Embora esta tenha sido a primeira carta publicada com uma crítica negativa ao jornal, ela não teve resposta direta dos editores, mas serviu para que as próximas matérias sobre a prostituição, masculina e feminina, fosse tratada de forma diferente, mostrando os profissionais de forma mais humanizada.

Inicialmente um dos pontos abordados pelos leitores em suas críticas ao jornal era a falta de objetividade quanto aos posicionamentos do jornal e dos próprios editores, a carta enviada por Guide Guimarães, na edição 04, faz uma análise acerca disso, comparando o Lampião da Esquina a outros jornais alternativos da época.

> LAMPIÃO em suas indecisões tende a se tornar um nanico muito do chato. Não que eu não concorde com indecisões, mas a postura indecisa não me parece clara nos objetivos traçados pelo Conselho Editorial no número zero, […] Acho também que o Conselho Editorial precisa discutir suas posições dentro do jornal para os leitores (não simplesmente através de seus artigos, mas de uma mesa redonda, sei lá). E isto e a maior importância. (GUIMARÃES; Jornal Lampião da Esquina, n° 04, 1978, p. 17)

Com a carta de Guimarães, a falta de objetividade do jornal começa a ser percebida por seus leitores, esse mesmo processo será criticado ainda por outros leitores em outras edições, além de ter sido um fator que contribuiu para desavenças e por consequência o fechamento do jornal em 1981. Esse elemento apresentado por alguns leitores ainda é associado à crítica de que os editores eram elitistas e produziam um jornal voltado para os seus interesses e não os da maioria marginalizada. Ou seja, na teoria o discurso era de defesa do gueto, mas, na prática, o jornal era um representante de uma elite intelectual, como denúncia um leitor carioca

> Mas que (*) é esta?
>
> Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tenar alguns esclarecimentos: por que o jornal mantém essa política de grupo tao privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum! […] Queridas, vocês escrevem livros, pintam retratos, donas de antiquários; enfim, labutam nas artes em geral; organiza-se e faz um jornal, procuram manter aquele círculo fechado; está divino e maravilhoso, agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! É melhor pegar o jornal e vendê-lo nos seus salões privados ou nos seus

> círculos andróginos. (FERREIRA; Jornal Lampião da Esquina, n° 08, 1979, p. 13).

A dura crítica elitista feita aos editores foi respondida em apenas três linhas com sarcasmo, em que os editores diziam que o leitor não deveria se preocupar com os editores, e que estes não terminaram de ler a carta por terem ido a um terreiro "tomar um banho de descarrego". A carta de Ferreira ainda trazia outros questionamentos, principalmente sobre alguns termos e associações de estereótipos de homossexuais da sociedade, entretanto, por mais que sua carta tenha sido publicada parece que o conselho editorial não deu grande ênfase, possivelmente as críticas quase de cunho pessoal aos editores.

Alguns leitores tinham cartas publicadas com frequência, principalmente quando suas críticas eram respondidas na sequência, o próprio autor escreveu outra carta numa espécie de réplica da resposta. Esse caso ocorreu com o leitor Walmir de S. L., morador do Rio de Janeiro, foi um dos leitores mais ferrenhos e inquietos quanto ao posicionamento político do jornal, as escolhas sobre modelos masculinos, e como já dito no início deste capítulo, percebeu a redução na quantidade de cartas publicadas. Suas primeiras críticas aparecem inicialmente na edição número 22, de março de 1980

> Prezados Lampiônicos, primeiramente apresentar o meu protesto pelo fato de vocês não tem publicado duas cartas que enviei anteriormente. Somente porque as cartas continham críticas ao problema do homossexualismo, ceio que não era motivo para que fosse aplicada a censura interna (afinal Lampião é ou não um jornal democrático?). (S. L.; Jornal Lampião da Esquina, n° 22, 1980, p. 18).

O leitor ainda questiona sobre a escolha de Ney Matogrosso como o homem mais sexy do Brasil, segundo o Jornal Lampião da Esquina. Seus questionamentos assumem um teor mais político cobrando posicionamentos do jornal, bem como sua objetividade em tratar de "papéis homossexuais" na sociedade, tais apontamentos ocorre na edição número 28

> Caros Lampiônicos. Estou muito decepcionado com vocês. Primeiramente, com essa onda de atentados contra bancas de jornais, perpetrados por terroristas da extrema – direita com o objetivo de intimidar a imprensa alternativa, é muito suspeito que o jornalizinho de vocês não faça parte da

> lista dos tais defensores da “lei e da ordem” […]. Aliás, vocês nunca disfarçaram a postura pequeno - burguesa. É verdade também que nunca disseram que Lampião não é um jornal de direita. Outro ponto que quero discutir é que vocês com a desculpa de se negarem a reproduzir papéis estabelecidos, nunca definiram o que significa o termo ‘gay’, ao contrário lançaram e semearam a confusão entre os homossexuais. (S. L.; Jornal Lampião da Esquina, n° 28, 1980, p. 18)

A carta foi seguida pela resposta do Conselho já na sequência, e fica evidente que tais comentários sobre o jornal não agradaram os editores, que responderam de forma objetiva

> R.- Bem motororizelda, estas bem mal informada, a boneca ainda não sabe que o LAMPIÃO também está na lista da extrema direita. O que muito nos tem preocupado, pois é uma ameaça à sobrevivência do jornal, ou melhor, do teu jornal, queridinha. E não nos sentimos orgulhosos com isso, como pode parecer. Para nós, ao contrário do que pensas, esquerda e direita, tal como se apresentam hoje, são termos muito demodês. E tudo saco do mesmo gato, boneca. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 22, 1980, p. 18).

Com as cartas de Walmir, fica evidente que nem sempre os posicionamentos ou escolhas do jornal agradavam o seu público, essas situações acabavam enfraquecendo a relação entre os leitores e o periódico. Havia ainda a questão financeira, uma boa parte dos leitores assinava o jornal e o recebia em casa, outra parte comprava nas bancas como citado na carta de Walmir. Entretanto com o decréscimo das vendas e assinaturas a partir de 1980, o jornal acabava ampliando a quantidade de anúncios de empresas parceiras.

A questão financeira foi levantada por um único leitor, que argumenta haver “uma choramingação dos editores, que o dinheiro não tá dando, etc, mas o jornal aumenta o preço e acompanhou a inflação, como qualquer outro similar” (MÁRIO; n° 30, 1980, p. 19).

Dentre os temas de grande repercussão negativa para o jornal, estava a prostituição masculina, abordada em algumas edições e ganhando uma atenção extra na edição 30, de novembro de 1989. O jornal dedicou uma reportagem central ao tema, bem como entrevistas ainda lugares onde os jovens trabalhavam.

Entretanto tal assunto gerou uma onda de protestos dos leitores que discordavam da importância dada ao assunto,

> Ainda os michês
> Sinceramente estou cada vez mais decepcionado com no nosso jornalzinho, para que o lema de vocês é 'vamos deixar como esta, para ver como é que fica'. […] fiquei bastante chocado com a defesa que vocês fazem dos 'michês': Ora, como é de conhecimento de muitos, os tais 'michês' são ladrões, assassinos e chantagistas em potencial. Será que vocês ignoram os riscos que envolvam tal tipo de transa? (S. L.; Jornal Lampião da Esquina, n° 31, 1980, p. 02).
>
> De assunto só
> Amigas: vocês cansam qualquer um com esse jornal de um assunto só. Imaginem todas vocês com uma só reportagem abordando os 'michês', quando cada uma poderia tratar de um assunto distinto. Um jornal mais movimentado, variado, mesmo com o trivial. Ainda mais com um assunto nem tao do interesse da grande coletividade a que se destina o veículo de informação. Quanto dinheiro (dos leitores é claro) gasto assim. […] Que tal mais aproximação com este distinto público, para não ficar falando só entre vocês. Pequenas reportagens com essa gente que vocês apelidaram de minoria (minoria é a vovozinha, nós somos uma coletividade bem expressiva). Pequenas entrevistas com a plebe e não só essas clientes de nus e livros caros. (ARACAJU; Jornal Lampião da Esquina, n° 32, 1981, p. 02).

Ambas cartas tiveram suas respostas na sequência, e em defesa do jornal os editores buscaram ser diplomáticos. Em relação a S. L., afirmam que não houve uma defesa dos michês e sim uma apresentação da questão de forma ampla, lembrando que além de haver michês que cometem crimes também haviam gays que praticavam golpes e os que trabalhavam dignamente, ou seja, não poderiam julgar os profissionais do sexo por sua profissão. E sobre a carta de Ferreirinha de Aracaju, morador do Rio de Janeiro, os editores apresentaram os resultados sobre a edição e sua relação com a "plebe" como dito pelo leitor

> R. - Querido Ferreirinha, o nosso trivial a gente gasta ele todinho num bar […]. Pra você ter ideia de como a gente acertou em cheio ao fazer daquela reportagem e- nor- me sobre os michês: as vendas do jornal subiram quase 30%, não é incrível? E que história é essa que a gente não liga para a plebe? Ela aparece mensalmente nas páginas deste hebdomadário, meu bem. Neste mesmo número: olha aí os traviôs falando para o mundo. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 32, 1981, p. 02)

O assunto dos michês rendeu tanto financeiramente, quanto no quesito de críticas ao jornal, por ter sido considerado um tema desnecessário. Mas acima de tudo, a seção foi um espaço onde os leitores poderiam se expressar, identificando-se ou não com o mensário e os assuntos abordados. A identificação destes leitores os tirava de categorias sociais construídas política e historicamente, e lhes permitia um posicionamento. Como fica evidente com a carta de Luiz Carlos Amorim na edição 07,

> não concordo que nós, os homossexuais, constituamos uma classe. Somos pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, com os mais diversos pontos de vista, posições políticas conflitantes e daí para diante. O fato de nossas preferências sexuais serem essas ou aquelas não nos torna uma classe à parte, com interesses próprios e objetivos comuns. […] Eu me recuso a concordar que exista uma natural animosidade entre 'bofe' e 'bicha'. A problemática continua sendo social, pois vivemos numa sociedade dividida em classes sociais completamente antagônicas e inimigas inconciliáveis. (AMORIM; Jornal Lampião da Esquina, n° 07, 1978, p. 15).

Identificações com os conteúdos e cartas como esta de Amorim, eram comuns ao jornal, pois representavam a intimidade dos leitores que colocavam sobre a mesa suas inseguranças e percepções sobre sua sexualidade criando assim uma interação além da relação entre quem escrevia e quem publicava.

Segundo Maior Jr. (2020) os leitores do jornal modificavam sua relação consigo mesmo a partir da leitura do Lampião, e alguns, por fim, acabavam assumindo sua identidade homossexual, fosse de forma pública a partir dos depoimentos nas cartas em que colocavam seus nomes e cidade, ou ainda de forma anônima, apenas com iniciais.

3.3-Cartas que se revelavam

Uma das táticas usadas pelo Jornal Lampião da Esquina para desmantelar os preconceitos sofridos pela população homossexual, era o incentivo ao assumir-se, visto não somente como um ato de empoderamento para tais sujeitos também era um ato político, e segundo Bandeira (2006) era uma luta por respeito, contra a opressão, contra o sentimento de culpa ou os preconceitos familiares.

Neste sentido entende-se que a seção “Cartas na Mesa” era o espaço dado aos leitores para expor suas percepções acerca de si e da comunidade em que estavam envoltos que fim tomava conhecimento de atos particulares, sentimentos binários, e outras sensações deste sujeito que escrevia ao jornal.

A primeira carta que expõe uma delicada situação pessoal sobre sua homossexualidade foi enviada por um jovem de 17 anos, de Recife em Pernambuco, e publicada na edição número zero.

> Pintou o bode
> Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho medo de fugir, mas não tenho meios. Além disso menor, tenho 17 anos. Sinto - me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para que. Será que vocês podem me ajudar? (INFANTE; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14).

A carta de Infante é claramente um apelo de uma pessoa que ainda não sabe como lidar com a sua homossexualidade, ao passo que o próprio leitor considera sua sexualidade uma doença, além do fato do autor estar em constante conflito com outras pessoas. Entretanto a resposta dada pelos editores do jornal, é de crítica ao leitor que no entendimento dos conselheiros o jovem não se aceita.

> Resposta: LAMPIÃO, meu caro Infante, se recusa a servir de muro de lamentações. Tudo o que você tem que fazer e se livrar de toda essa auto-piedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado quanto você pensa que é. Em nenhum momento da sua carta você diz o realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você que não se aceita. De qualquer modo, você frequenta livrarias, pelo menos isso. Pois leia, que isso em muito o ajudará. Se quiser, nós lhe mandamos uma lista de livros através dos quais você poderá descobrir o que realmente está acontecendo em torno de você (deboche? Ódio? E por que não fascínio?). Informe-se, ache uma maneira de atuar no mudo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo. Há tanta coisa para ser feia no mundo e você fica nessa de ‘ah, como eu sou infeliz?’. Não, não, não. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14).

No caso da carta de Infante, devemos levar em consideração o fato que ele escreve oriundo da região nordeste do Brasil, e que segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999, p. 06) o nordestino é figurado por um conjunto de elementos como a violência, e uma masculinidade onde a prevalência da virilidade eram evidenciados. Assim, todo homem que não se enquadrasse neste estereótipo viril seria facilmente hostilizado.

A resposta do jornal ao caso do leitor desconsidera os fatores sociais e históricos aos quais o jovem está inserido, e colocava como possíveis soluções, buscar mais conhecimento a partir de leituras sobre o entendimento da homossexualidade e num segundo momento, o assumir-se como sujeito homossexual como via de enfrentamento para os casos de discriminação sofridos por ele.

O discurso de assumir-se apresentado pelo jornal esteve presente em várias edições. A edição número 00, de abril de 1978, trouxe em seu texto de apresentação do jornal um texto enfatizando e encorajando a população homossexual a assumir-se. Este processo gerou um debate entre os leitores, que acabavam escrevendo ao jornal expondo suas opiniões sobre o tema

> Assumir o que?
> Dizem que temos que 'assumir'. Um os pontos-chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que "homossexuais" deveriam sair dos 'closets' – deveriam "assumir" a sua "condição". Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que 'realmente é', assim se 'libertando' e assim por diante. Mesmo que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo tem que assumir a 'condição' de 'guei', 'lésbica', 'homossexual', 'veado', 'bicha', 'entendido' ou coisa que o valha. […] O assumir – se acaba reforçando a ideia de que pessoas que transam com pessoas do mesmo sexo são realmente **diferentes**, assim garantindo o comportamento 'normal' dos outros. Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a **condição** de 'entendido', etc., etc… pessoas são pessoas e chega. (IMPÉRIO; Jornal Lampião da Esquina, n° 01, 1978, p. 14, grifos do autor).

O posicionamento de Guilherme Império questiona a validade do ato de assumir-se como um ato político de viés coletivo, ou seja, assumir-se como parte de um processo mais amplo. Segundo Bandeira (2006), este processo deveria ser de

forma natural sem ostentar a própria sexualidade, encontrando um equilíbrio entre o dizer ou não.

É interessante analisarmos que mesmo com todo o incentivo do jornal para que a população saísse dos guetos e assumissem suas homossexualidades, haviam leitores que preferiam manter-se “no armário”, as edições 05 e 06, respectivamente de outubro e novembro de 1978, traziam relatos neste sentido. Seus leitores, embora se reconhecessem como sujeitos gays para si, ainda encontravam barreiras sociais para expor suas sexualidades.

> Eu não sou guei assumido, porém tenho muitos amigos gueis, por força das circunstâncias, temos que viver como héteros para preservar nossa moral. Na periferia da cidade existe um dancing […] a casa é uma espelunca. Como não temos opção melhor somos obrigados a frequentá-la. Outro problema seríssimo é saber como e onde fazer. A solução adotada foi ‘comungarmos’ junto com casais héteros as mesmas casas de encontrar. (TONY; Jornal Lampião da Esquina, n° 05, 1978, p. 15).

> Pois é uma merda ter de passar o resto da pobre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir, com medo da sociedade, que com suas ideias, consegue nos atrofiar. Meus casos são como a lua cheia, que só aparece quando se cansa de estar vazia. Não me realizei ainda por temor de ter de assumir a minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual. Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza de saber que tem um amigo que vive frustrado. (R.C.; Jornal Lampião da Esquina, n° 06, 1978, p. 15)

Nos dois casos apresentados no jornal, houve respostas do conselho editorial, entretanto podemos perceber que o objetivo proposto pelo jornal não era tão simples para uma parcela dos leitores que ainda viviam forjando uma sexualidade que não eram as suas. Tanto para Tony quanto para R.C. havia a necessidade social de se manter recluso em suas orientações. Segundo Souto Maior (2020), esse tipo de situação foi sendo construída aos moldes de uma sociedade que adotou uma ideia de heterossexualidade compulsória, e que esta seria a correta e ideal.

Importante destacar que esse sentimento de recluso pessoal não se restringia aos homens homossexuais. A carta “Papo com Betha’’ publicada na edição 12, de maio de 1979, traz o relato de uma mulher lésbica que passa por um problema semelhante aos casos de Tony e R. C.

> Sempre vivi em conflito por ser homossexual, pois a grande maioria ‘sábia’ não aceita que exista outro tipo de relacionamento sexual, a não ser o heterossexual. Durante um ano vivi um amor profundo da minha parte, com uma garota, e foi o período mais feliz da minha vida, só que de repente ela terminou tudo e fiquei na pior. O maridinho da minha mãe me perseguia e era um inferno, ninguém jamais aceitou e nem aceitará ter uma ‘anormal’ no mesmo teto e, principalmente, na família. Arranjei até um namorado (a que ponto cheguei) pra dar uma satisfação à família, mas eu não suporto isso, não é honesto comigo. (E. P.; Jornal Lampião da Esquina, n° 12, 1979, p. 19)

A carta de E. P. foi respondida pelo Lampião com a frase “aguente firme, que as coisas vão melhorar” (1978, p. 19) e a indicação para que a jovem busque apoio junto ao grupo homossexual Somos, da cidade de São Paulo. Mas diferente do caso dos dois rapazes, que mantinham sua homossexualidade no sigilo, E. P. havia exposto isso para seus familiares, mas por não ser aceita tenta um relacionamento com um homem com o intuito de disfarçar sua orientação sexual para sua família.

Casos como os citados eram recorrentes, os leitores se identificavam com o jornal, eram assinantes ou compravam em bancas, entretanto preferiam manter sua homossexualidade velada, como é o exemplo da carta “Longe de Curitiba”, enviada por Carlos N., de Curitiba e publicada na edição 15, de agosto de 1979 afirmando que deveria manter-se em sigilo devido os preconceitos familiares, religiosos e da própria sociedade curitibana que colocariam sua vida em risco.

Nem todas as cartas eram de sentimentos reprimidos, haviam aquelas que contavam histórias que iam na contramão do medo e da insegurança em assumir-se, como é o caso do relato de um jovem de 25 anos na edição número 20, de janeiro de 1980,

> Tenho 25 anos, sou profissional liberal, e me assumi desde os 17 anos. Devo confessar que no início não foi fácil, o preconceito e a repressão são elementos que ainda existem dentro das pessoas mesmo em ambientes como a universidade, sabem, foi uma barra mas não me arrependo, todas as pessoas que me criticavam hoje me aceitam numa boa, pois eu mostrei a elas que um homossexual é uma pessoa como oura qualquer, que ama, sofre, tem sentimentos, e não temos nenhum ‘desvio’, seja psíquico ou orgânica.
> O ideal seria que todos os gueis fizessem o que eu fiz, independente da posição social, pois sei que muitos tem medo de perder uma posição ou emprego, mas eu acho que para sermos aceitos temos que **primeiro nos aceitarmos,** pois como alguém vai nos dar valor se nós mesmo nos

> envergonhamos do que somos? (RODRIGUES; Jornal Lampião da Esquina, n° 20, 1979, p. 18)

Este foi um dos casos em que, ao assumir-se como sujeito homossexual, o jovem soube como se posicionar e enfrentar as adversidades que vieram a partir de suas ações. Em relação ao processo de aceitação, o jornal nada declarou.

Haviam ainda cartas enviadas por pessoas heterossexuais que liam o jornal e se identificavam com o que era tratado, como é o caso da carta de Maria das Graças Abreu, do Recife. O diferencial desta, é que a leitora era mãe de um jovem homossexual e partir das experiências do filho e a leitura do jornal, passou a incluir-se na luta contra os preconceitos sofridos pelos homossexuais e ainda incentivava que outras mães na mesma condição fizessem o mesmo.

> Mães contra o preconceito
> Tenho lido o LAMPIÃO desde o n° 4. Ele me interessa particularmente, pois tenho um filho homossexual. […] Muita gente fica chocada comigo, porque eu, como mãe, encaro com naturalidade essa particularidade do meu filho.
> Bom, o que eu queria dizer a vocês é que o número de mães que passam por experiências igual a minha, e que procuram aceitar seus filhos como eles são, é bem maior do que se pensa. Mesmo que, perante a sociedade, estas mulheres assumam uma atitude hipócrita, o fato é que, no fundo elas torcem para que seus filhos homossexuais sejam felizes à sua maneira. Afinal quando o homossexualismo invade nossas casas – mesmo sem ser convidado – a gente descobre que ele não é um monstro como se pinta. Eu adorava o meu filho, e não deixei de ama- lo quando lhe perguntei se era verdade o que os rapazes da rua gritavam à nossa porta, e ele, no auge do desespero, respondeu que sim.
> […] Se outras mulheres aparecerem, quem sabe será a nossa contribuição – das mães – para a lita de vocês. Inclusive, só quando foi preciso dar apoio ao meu filho é que eu – uma mulher de classe média, com 45 anos e pouca cultura – finalmente descobri: o preconceito é uma coisa odiosa, qualquer preconceito; e mesmo com essa idade sei agora que nunca é tarde quando se que lutar contra ele. (ABREU; Jornal Lampião da Esquina, n° 09, 1979, p. 14)

A carta em questão levanta dois pontos centrais: a) as emoções geradas pelo meio violento e preconceituoso em que o jovem vivia, ao ponto de outros rapazes o xingarem à porta de casa, o que de forma clara o fizeram assumir-se para sua mãe, no “auge do desespero”. Para Souto Maior (2020) o medo de ser descoberto, fazia com que os homossexuais se auto vigiassem, e estivessem atentos aos atos, para que se mantivessem enquadrados em uma normalidade

social. Neste sentido, o ardor das emoções fizeram com que o filho de Dona Maria perde esse controle e confirma sua homossexualidade.

E, b) o texto de Dona Maria evidencia ainda a questão familiar sendo parte do debate sobre a homossexualidade, a mãe mesmo surpresa ainda teve a sensibilidade de compreender com naturalidade a 'particularidade' do seu filho. A moradora da cidade de Recife, criada no seio de uma sociedade tradicionalista, como ela mesma afirma no início de sua carta, mostrou-se aberta ao diálogo e enfrentamento de preconceitos em virtude de seu filho, além de incentivar outras mães a lutarem também por seus filhos.

A equipe do jornal respondeu parabenizando a leitora por sua postura, e o jovem por ter sorte de ter uma mãe como ela.

A dicotomia gay macho *versus* gay afeminada se fez presente no jornal, tal debate deu-se pelo uso de palavras, termos, mas especialmente com a matéria da edição 08, em janeiro de 1979, intitulada "Gay – Macho: uma tragédia americana" que falava sobre mudanças de estereótipos gays e uma masculinização de frequentadores de boates gays nos EUA, e também no Brasil. O Jornal sempre apresentou em suas páginas uma variedade de identidades. A matéria citada, gerou uma certa revolta de alguns leitores, homens gays, que concordavam com a masculinização e não se sentiam a vontade com homossexuais mais afeminados. Neste contexto três cartas chamam a atenção.

> A tragédia é contestada
> A propósito do último número do Lampião, discordo do título do ensaio 'Gay-Macho: uma tragédia americana'. Não vejo nenhuma tragédia no fato de um cara ser guei e cultivar uma imagem masculina. […] É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos 'normais', […] Não vejo por que o cara, pra gostar de homem tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha. Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é uma tragédia. (LUIZ; Jornal Lampião da Esquina, n° 10, 1979, p. 15).

Mauro Luiz, o autor da carta acima, deixa claro sua defesa quanto a um padrão masculino entre os homossexuais. Esse comportamento seria justificável para diminuir as chacotas a que muitos gays eram submetidos. Como resposta, o jornal se posiciona que o artigo foi um questionamento e não e uma afirmação que a

masculinidade seria uma tragédia, e defende o direito de que cada um agir e ser da melhor forma que lhe convém.

As duas outras cartas foram respostas a carta inicial de Mauro, e publicadas em sequência.

> Volta o gay – macho
> Querido jornal LAMPIÃO: estou de acordo com Mauro Luis, do Rio, sou americano, brasileiro de sangue. Mas vou defender a tragédia americana no mundo gay-macho. Nós estamos todos curtindo uma boa. O gay- macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate. Aliás, aqui ninguém curte roupas e paetês! Carros ou posições sociais ridículas que s impõe em conversas de boate para impressionar o bofe. Aqui é tudo muito simples. Até as bichas loucas, já não são tão loucas, chocantes e ridículas. (FERRY; Jornal Lampião da Esquina, n° 12, 1979, p. 18).

> Senhor editor: gostei muito da carta escrita pelo leitor Mauro Luis aí do Rio de Janeiro, acho que a linha que ele defende é bem válida e bem definida, concordo com o que ele diz e aproveito para acrescentar alguma coisa. Acho que se existiu alguma vez uma oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou este momento. […] não se trata de uma luta como o Mauro descreveu, mas sim, de que possa ser respeitado no meio em que vice, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. Não concordo que os homossexuais tenham que imitar os homens e muito menos as mulheres. Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta, só assim seremos amados pelos outros. Caso contrário, seremos eternamente ridicularizados e marginalizados por todos. (CAETANO; Jornal Lampião da Esquina, n° 12, 1979, p. 18).

Os dois apontamentos são voltados para os estereótipos de gays masculinos, Ferry trata com naturalidade o processo de identidade do gay-macho e um certo grau de masculinidade até mesmo entre, como ele mesmo chama, as bichas loucas. Já Caetano defende uma postura neutra como forma de conquistar o respeito na sociedade. A masculinidade defendida por ambos é entendida como um fator que assegura maior aceitação dos sujeitos gays.

Ainda em relação aos dois leitores, o jornal se posiciona que essa tendência masculina, em determinados grupos está associada a um comportamento machista, refletido principalmente em boates e casas noturnas. Defendendo ainda que fazer política, principalmente para homossexuais, é estar em oposição à sociedade machista e preconceituosa, automaticamente acaba defendendo os sujeitos postos em local opositor ao adotado pela sociedade, seja ela um padrão masculino ou não.

A seção Cartas na Mesa, ia além de um espaço de elogios, críticas ou posicionamentos particulares quanto ao jornal. O espaço aberto para todos também servia para evidenciar os problemas e violências sofridas pela população gay. Sendo esta temática, tratada a seguir.

3.4 – Cartas que denunciavam

A violência e o estigma gerados contra a população LGBTI+ foram elementos associados às políticas ditatoriais, principalmente aquelas voltadas para a chamada “limpeza social” em regiões residenciais das classes média e alta e que em determinadas horas do dia eram ocupadas por homossexuais, travestis, garotos e garotas de programa.

Em recente pesquisa lançada por Quinalha (2021), a partir dos documentos e registros oficiais do governo ditatorial, disponibilizados à Comissão Nacional da Verdade[20] (CNV) em 2014 deu-se início a um debate acerca dos modos de vivências das homossexualidades entre 1964 e 1985. Tal documentação possibilitou a reconstrução de memórias sobre a ditadura bem como os abusos sofridos principalmente por homossexuais, travestis e prostitutas. Algumas das evidências e abusos levantados por Quinalha a partir da documentação, já haviam sido relatadas em reportagens do Jornal Lampião da Esquina.

Ao longo dos seus três anos de circulação, a violência contra homossexuais, travestis, lésbicas, e outros grupos sociais, ocupou grande parte do conteúdo do Lampião da Esquina. A partir das situações apresentadas pelo jornal é possível compreender o imaginário social que legitimava as agressões. Segundo Costa e Brito ao mesmo tempo que o jornal questionava a justiça em relação as punições e a naturalidade dos crimes contra LGBTQI+, ele denunciava “a ineficiência das investigações policiais nesses casos e as construções narrativas que transformavam as vítimas em culpados” (COSTA E BRITO; 2016, p. 45).

Além do descaso como as vítimas eram tratadas pelos policiais, também existia a cumplicidade destes em relação as violências exercidas contra gays e

20 A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei n°12528 de 2011, cujo objetivo era apurar as violações dos direitos humanos ocorridas durante o governo ditatorial, entre os anos de 1964 a 985. Vide QUINALHA, 2021, p. 15.

travestis. O leitor Osvaldo Farias do Nascimento, escreveu uma carta denunciando este fato ao jornal, entretanto sua carta foi publicada na Seção Opinião, e serviu de pano de fundo para uma reportagem em que questionava tal posicionamento dos agentes. A reportagem intitulada “Tá legal, “Geni”; mas e a mãe, tá boa?” publicada na edição 22, em março de 1980 após as festividades carnavalescas em que supostamente era um momento de maior liberdade em que homens héteros se vestiam como mulheres e festejavam sem ser julgados por isso mas homossexuais e travestis continuavam sendo presos.

> […] é incrível como certas atrocidades que ocorreram neste carnaval; principalmente no gueto de maior concentração guei, que é a Cinelândia. Onde bichas e travestis eram atacadas, surradas e rasgadas, como foi o caso de um elegante travesti que passeava com uma amiga, e foi encurralada no bar Amarelinho, onde foi espancada, ficando totalmente nua. Nossa polícia o que fez? Nada. Dez policiais da PM se mostraram impassíveis ante esta cena. […] fato que me revoltou a ponto de me fazer chorar. Onde é que estão nossos direitos?
> O fato de atirarem latas de cerveja, adereços de bloco, pedaços de isopor nos homossexuais aos gritos de Geni é uma coisa do tempo de medieval. Não estamos na era de Maria Madalena, que mesmo assim recebeu o apoio de Cristo. (NASCIMENTO; Jornal Lampião da Esquina, n° 22, 1980, p. 02).

A carta de Nascimento faz referência a personagem Geni, da obra Ópera do Malandro de Chico Buarque. Geni é uma mulher estigmatizada na sociedade e mesmo tendo realizado o grande feito de salvar a cidade da destruição, ela continua sendo tratada com violência e descaso. Após a carta, é dada sequência a reportagem de Aguinaldo Silva, afirmando que vinha se tornando comum homossexuais e travestis serem chamados de “Geni”, entretanto em 1980, tais agressões iam além dos gritos. Silva apresenta um ataque contra um homossexual que precisou ser socorrido em um bar depois de uma chuva de latas de cerveja, e ainda o caso de mulheres sendo linchadas na praia enquanto faziam topless.

As denúncias de Nascimento e Aguinaldo Silva falavam contra a violência cometida por cidadãos que usavam os estigmatizados como alvo, ainda que estes mesmos saíssem usando saias e perucas pelas ruas durante o carnaval.

Se tratando de casos de violências, o Jornal Lampião da Esquina se diferenciava de outros periódicos pela audácia, pois além de veicular notícias tidas

como degradantes para a sociedade também cobrava as soluções para os problemas apresentados. Tais situações eram evidenciadas em reportagens e entrevistas ao longo das edições, mas era na seção de cartas que os leitores traziam casos de ataques cotidianos sofridos ou simplesmente denunciados por eles.

A primeira denúncia de abuso contra homossexuais, foi publicada já na edição número 00, e se tratava de um caso comum de extorsão policial a homens gays, profissionais do sexo (homens e mulheres) e travestis.

> Nos becos escuros
>
> Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se a minha carta saia ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem ronda no local guei denominado "Buraco da Maísa", no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no Buraco, até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso? (JENIFER; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14).

Como resposta, o jornal se compromete a garantir que todas as pessoas possam frequentar tais locais com segurança, reforçando que é função do governo garantir tal direito. Casos como o citado por Jenifer voltam a ser destaque entre as cartas dos leitores, como no caso relatado por Luiz Carlos, na edição 16:

> Chantagem no banheiro da central
> Hoje à tarde (12.7.79) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais de dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. Pediu documentos (berrando é claro) e já com auxílio de dois guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo. Chegando lá notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo.
> Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, (enrustido), e começou com uma série incrível de humilhações e ameaças (coisas do tipo 'o Brasil não vai pra frente por causa de vocês', 'vou dar fichas suas para os empregos de vocês', 'daqui a pouco chegam os repórteres para fotografar vocês' etc.) Logo percebi o que eu estava fazendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos

> uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só…) ele nos dispensaria.
> E claro que queríamos é sair logo daquele local: eu dei 300 cruzeiros e os outros entre 100 e 500. Isso acontece todos os dias, várias vezes ao dia. Não há dúvidas que todos na delegacia recebem uma parte. E é um ordenado a mais, muito seguro. Quem é que vai ser bobo de querer remar contra a maré, bem no lugar desconfortável e corrupto? Imaginem os crimes que eles inventariam pra nós. (LUIS CARLOS; Jornal Lampião da Esquina, n° 16, 1979, p. 18).

O caso enviado pelo leitor, somava-se a muitos outros semelhantes que aconteciam quase que diariamente, como confirma o próprio jornal com a sua resposta.

> R: - isso acontece todos os dias, realmente, Luis Carlos, e não é só nos banheiros da Central. Mas não é verdade que a melhor coisa é aceitar a repressão e calar o bico. Ainda um dia desses num famoso banheiro de um bar à Rua São José, no rio, onde dois indivíduos que se apresentavam como policiais vinham fazendo chantagem com homossexuais, um rapaz resolveu dizer 'basta'; e armou um fuzuê tão grande que os dois acabaram sendo presos em flagrante de extorsão. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 16, 1979, p. 18).

É necessário ressaltar que os banheiros públicos se constituíam como espaços considerados protegidos pela privacidade onde era possível conseguir parceiros sexuais, segundo Bandeira (2016), isso facilitava as práticas de chantagem, pois tais locais acabavam sendo mais visados tanto pelos homossexuais quanto pelos policiais como uma forma de ampliar seus rendimentos a partir da extorsão financeira. Porém essa prática não era exclusiva de policiais, haviam outros funcionários públicos que tiravam proveito financeiro de homossexuais, como o relato de R. M. para a edição 24, de maio de 1980.

> Bicha Kamikase
>
> quero, através de vocês, fazer um protesto e ao mesmo tempo, um aviso: acontece que nas Lanchas Rio-Niterói (CONERJ) há um marujo, mulato, alto e forte (infelizmente não sei o nome dele) que vem agindo como um verdadeiro assaltante, um verdadeiro vigarista. Aproveita qualquer demora de pessoas no banheiro para ameaçar de escândalo, de entregar à polícia. Isso vem acontecendo com pessoas que nada tem a ver com pegação, para depois pedir dinheiro em troca de silêncio. Para ele o negócio já é uma mina de ouro, pois corre dinheiro grande nisso. Agora pergunto, onde anda a Administração da CONERJ que não vê isso? O que faz o Departamento de Pessoal da CONERJ para admitir no seu quadro de funcionários um sujeito desse tipo? (R. M.; Jornal Lampião da Esquina, n° 24, 1980, p. 14).

O jornal como resposta sugeriu algumas ações para minimizar tais situações, ao menos no que se referia as chantagens, uma era o fato de assumir-se publicamente como homossexual, dessa forma a vítima usaria uma estratégia política de auto-conservação em relação à extorsão. Outra forma, também ligada ao assumir-se era o registro de boletins de ocorrência em delegacias.

Além das agressões psicológicas causadas pelas chantagens, eram comuns relatos tratando de agressões físicas aos homossexuais. Segundo Costa e Brito (2016) a violência direta contra os homossexuais poderia ser por parte de algum grupo intolerante ou até mesmo pela força policial, porém nunca se sabia ao certo o real motivo dos ataques. Dentre casos de violência física, podem ser incluídos ainda relatos de assassinatos enviados pelos leitores através das cartas.

Um dos primeiros casos enviados pelos leitores, foi publicado na edição número 13, em junho de 1979

> Ecos da inquisição
>
> Meus caros membros do Conselho Editorial de Lampião: aqui quem escreve é o José Luiz Dutra de Toledo […] Gostaria que o LAMPIÃO registrasse o assassinato de mais um homossexual; meu tio João Macedo, em meados de março/1979, em Juiz de Fora, Minas Gerais. A polícia até hoje não esclareceu o fato. (TOLEDO; Jornal Lampião da Esquina, n° 13, 1979, p. 18).

Aparentemente, o caso não teve grande repercussão nas páginas lampiônicas, pois a resposta à carta acabou tratando mais sobre a assinatura do jornal ao invés da morte. Em janeiro de 1980, na edição número 20, uma nova carta relatando uma situação recorrente de violência na praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro:

> Sangue de infiéis
>
> Aliás tem havido frequentes espancamentos na área de Ipanema, sabiam? Eu mesmo assisti a chegada de uma turminha da Galeria Alaska que acabava de ser atacada na Rainha Elizabeth. Eram todas da viração, coisa que não afeava ninguém até bem pouco tempo. Pois é, parece que criaram um C.C.B. (comando de caça às bichas) que anda armado. Não sei se já usaram a arma no duro, mas não evitam em mostrá-la, ameaçando de morte as vítimas caso voltem a Ipanema. Agora o comando tem respaldo de D. Eugênio, que deve estar comemorando no Palácio D. Joaquim. Até que

> enfim os cristãos estão eles próprios policiando a moral da sociedade, em vez de deixarem isto para a polícia fazer. Pois é, ternurinhas, cuidem-se que eu vou cobrar atitudes de vocês, viu? (MAGALHÃES; Jornal Lampião da Esquina, n° 20, 1980, p. 17).

O caso dos ataques em Ipanema, ganhou repercussão para além das Cartas na Mesa. Mas de imediato a resposta dos lampiônicos foi “o CCB está, realmente, sendo incentivado pelos setores direitistas da Igreja Católica. É isso aí, basta olhar pra trás, que a História comprova: a velha Madre se alimenta mesmo é do sangue dos infiéis, não é?” (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 20, 1980, p. 17).

Em algumas das cartas, junto com as denúncias os leitores enviavam pedidos de apelo ao jornal, para que ele intercedesse quanto às autoridades policiais no cumprimento de ações para segurança. Na cidade do Rio de Janeiro uma das regiões de maior presença de homossexuais, a Cinelândia, também era a região inúmeros relatos sobre violências. Um caso específico é descrito pelo leitor identificado como A. L. do Rio de Janeiro

> Achacadores
>
> O motivo principal da minha carta é para que vocês alertem nossas amigas: há pouco tempo surgiu na Cinelândia uma quadrilha de menores, garotos mesmo, entre 12 e 15 anos, que, combinado com um PM, andam criando problemas para muita gente. Eles trabalham da seguinte maneira: o menor se aproxima de uma determinada pessoa, sempre alguém discreto e puxa conversa. Depois se afasta e volta com esse tal PM que da ordem de prisão acusando a pessoa de ter cantado o menor. O PM e o menor logo se afastam do local procurando uma rua deserta dando a entender que vão levar a pessoa ao distrito. No caminho, porém, o menor volta e o PM dá aquela conversa para limpar a barra do cara, e pede dinheiro muitos Cr$ Cr$ caso você não tenha, leva é muitas porradas na rua deserta. […] Por favor gente, façam um apelo ao delegado do distrito próximo à Cinelândia para ele dar uma olhada nesse PM, pois precisamos andar despreocupados nas ruas, livres de pessoas desse tipo. (A. L.; Jornal Lampião da Esquina, n° 35, 1981, p. 02).

Por mais que o jornal tivesse um alcance entre leitores na sociedade, infelizmente ele não tinha influência nas condutas das delegacias ou dos seus oficiais. Em resposta a leitor, os editores afirmam

> Não podemos procurar a polícia para uma denúncia dessa por que poderíamos acabar presos. Mas o delegado da D da Rua Santa Luzia deve ler o jornal (afinal um policial precisa estar informado) e cabe a ele tomar as providências. Ele e o comandante da Polícia Militar. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 35, 1981, p. 02).

Ao mesmo tempo que os leitores enviavam as cartas contando sobre as diversas situações de violência e assassinatos, eles acabavam revelando o descaso dos órgãos públicos responsáveis em relação a solução dos crimes. Esse fato fica evidente com a carta de José Clóvis, de Uberlândia em Minas Gerais, na edição 27:

> Novas Mortes
>
> Para mim, é muito triste saber que mais três homossexuais foram barbaramente assassinados e que poucas providências estão sendo efetuadas ou quase nenhuma. Mas isso não me surpreende, é que aqui em Uberlândia, há 8 meses o jovem gay José Borges de Oliveira foi morto com 17 facadas. O que mais me espanta e apavora é que ninguém disse nada, nenhum órgão noticioso se manifestou. […] um mês depois um travesti daqui de Uberlândia, foi morto também a facadas em Ituiutaba. Também ninguém falou nada. Na mesma ocasião um grande amigo meu, levou 8 facadas, escapando da morte por milímetros. (CLOVIS; Jornal Lampião da Esquina, n° 27, 1980, p. 19).

A revolta do leitor se deu basicamente por dois motivos, 1) o descaso das autoridades em relação aos casos, que não eram solucionados (uma prática recorrente na época, principalmente quando associados a homossexuais); e 2) a discriminação que ocorria aparentemente sem motivos plausíveis e de forma escancarada, pois segundo Clóvis “as bichas vivem espalhando amor e alegria” (CLOVIS; 1980, p. 19).

Além dos casos de violências houve ainda denúncias contra um estabelecimento comercial que atendia a população homossexual, mas não permitia que casais se beijassem dentro do espaço, este excêntrico caso foi relatado por João Batista do Rio de Janeiro, na edição 19, de setembro de 1979.

Outra denúncia feita pelo jornal, através de uma carta, foi o relato de racismo e xenofobia sofrido por Paulo Emanuel de São Paulo, para a edição 18, de novembro de 1979, em que o jovem relata

Baiano desvairado

> Minha carta vale também pra denunciar certo tipo de racismo que senti aqui em São Paulo contra os baianos. Não é mão – dada a Caetano e outras não. É verdade mesmo. O preconceito é mais pejorativo que o contra o pobre português ou as bichas. Aliás, gueis paulistas, vocês assumem mesmo? Eu não senti isso no ar. (Ainda não conheço o Somos, fique claro). (EMANUEL; Jornal Lampião da Esquina, n° 18, 1979, p. 18).

Embora a carta de Emanuel tratasse de outros assuntos, o caso sofrido por ele ficou quase perdido em meio as outras informações da sua carta. Ao ponto dos editores, também responderem sobre livros e personalidades, e não tecerem comentários sobre o caso de racismo.

Dando a voz às denúncias e queixas dos homossexuais, a partir de seus próprios relatos em cartas, o Jornal possibilitou que esses sujeitos assumissem uma posição diferente da vítima que era vista como culpado. Agora esses sujeitos violentados podiam ser ouvidos, e contar as suas versões sobre as violências sofridas, tendo agora seu espaço e valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há cerca de 43 anos, entrava em cena o Jornal Lampião da Esquina. Resultado de conversas de um grupo de onze homens gays das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que viam no efervescente momento político-cultural do Brasil, a possibilidade de dar visibilidade e voz para a população homossexual, travestis, mulheres e negros.

Sob inspiração da presença do editor – chefe do jornal Gay Sunshine de São Francisco nos EUA, Winston Leyland no Brasil, e do próprio jornal estadunidense, o grupo brasileiro inicialmente buscou o apoio de amigos e interessados em contribuir com o novo periódico. Já com um corpo editorial formado apenas por homens, em sua grande maioria brancos, de classe média e alta, o jornal voltou sua atenção para um grupo específico da sociedade: os gays (primeiramente) do gueto.

Por gueto, podemos entender os espaços ocupados por grupos marginalizados da sociedade, neste caso especificamente, bares, boates, saunas, cafés, cinemas, ruas e até pequenos grupos em que a população LGBTI+ da época frequentavam. Os locais em sua maioria eram condicionados a áreas mais reservadas, buscando preservar anonimato de seus frequentadores. E importante salientar que uma parcela da população homossexual no fim da década de 1970 ainda vivia a sua homossexualidade na clandestinidade, sem assumir-se publicamente para familiares, amigos ou trabalho.

Assumir foi um verbo que frequentemente aparecia nas páginas do Jornal Lampião da Esquina. O ato de assumir-se como uma pessoa homossexual foi fortemente incentivado pelo jornal, ao ponto de ter reportagem especial na edição 02, em junho de 1978 falando das vantagens, e também das consequências deste processo para cada um.

Na edição de estreia, o jornal apresentou seus objetivos e fica evidente o apelo aos homossexuais para que assumissem suas sexualidades sem medos, que expusessem seus sentimentos. Pois desta forma, estes sujeitos ajudariam a combater o machismo e a opressão de uma sociedade conservadora sobre um grupo já estigmatizado.

O jornal foi criado em meio a um sistema político caracterizado pelas diversas formas de controle dos cidadãos, meios de comunicação e ainda a própria moralidade e os bons costumes tendo como base o conservadorismo escancarado. Ainda assim, o Jornal Lampião da Esquina marcou toda uma geração de gays, que estavam se descobrindo e ousavam sair do armário e encarar seus medos.

O jornal trouxe a questão inicial, “mas um jornal homossexual, para quê?” (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 02). A referida questão, apresentada o início desta dissertação, não estava ligada somente a justificativa da existência do periódico, ela também se associava ao cenário político-social ao qual o jornal estava inserido na sua criação.

Com a leitura e análise dos discursos apresentados no jornal e com base das leituras sobre o periódico, é possível pensar não apenas em uma resposta para a pergunta lampiônica, mas algumas: a) um jornal homossexual para expor e denunciar as violências sofridas pela comunidade LGBTI+, e ainda por outros grupos sociais; b) um jornal para evidenciar que os sujeitos homossexuais assumiam diferentes características psico-sociais e que portanto geravam uma variedade de identidades homossexuais, como as bichas afeminadas, os gays – machos, os entendidos, os clandestinos, os militantes, as bonecas; c) um jornal que tratava de temas como prostituição masculina, masturbação ou travestilidade com naturalidade e sem temer os pudores morais ainda impostos pelo regime político; d) um jornal que expôs problemas enfrentados por mulheres e negros, afirmando que mesmo com os movimentos socais em ascensão, a luta pelos direitos se mantinha forte; e) um jornal que através de centenas de cartas deu voz para seus leitores, assumidos ou não, mas que viam no Jornal Lampião da Esquina um veículo de comunicação que os representavam.

O jornal representou ainda um alicerce para o próprio Movimento Homossexuais Brasileiro, posto que parte dos integrantes do jornal em São Paulo, formaram no mesmo ano do lançamento do jornal, o primeiro grupo de homossexuais, o Somos (Sp) que abriu caminho para uma explosão de outros grupos até meados da década de 1980. A maioria desses grupos encontram um apoio (mesmo que, apenas para sua divulgação) nas páginas do jornal.

Desta forma o Jornal Lampião da Esquina, se constituiu como um veículo de comunicação nacional de grande importância no contexto da sua criação em 1978.

Embora tenha sofrido com sanções políticas cujo objetivo eram tirá-lo de circulação, ele encerrou suas atividades em junho de 1981, após uma série de conflitos internos, de cunho ideológico.

Recusando as imposições sociais que lhe recaiam e lutando contra as adversidades impostas pelo governo, por órgãos fiscalizadores, pela sociedade e pelo próprio moralismo, em meio a ambiguidade do sistema que se propunha ser “leve” mas maninha seus grilhões aos marginalizados, o jornal inovou com seu linguajar, com seu alcance, com a visibilidade dada aos seus leitores, e com a qualidade dos textos produzidos e publicados em suas páginas.

Ao longo da sua existência o jornal levantou problemas e questionamentos sobre o tratamento dado a comunidade homossexual no Brasil. Algumas dessas questões permanecem ativas no movimento homossexual da atualidade, como o machismo e a misoginia entre homens gays, os tratamentos dados a gays brancos e gays negros, os debates sobre orientação sexual e a identidade de gênero, a violência extrema contra pessoas transexuais e travestis, a prostituição.

Já em meados do século XXI, com diversas conquistas do movimento LGBTI+ principalmente a partir da década de 2010, como o direito a união estável, a identificação social de pessoas trans em movimentos, a homofobia sendo criminalizada, e mais recentemente a possibilidade de homens que fazem sexo com homens (HSH) doarem sangue. O Jornal Lampião da Esquina continua sendo um marco dentro da história do movimento homossexual brasileiro. Continua sendo referência como mídia impressa, e como elemento de luta e resistência contra o regime ditatorial.

O amplo acesso as edições do jornal a partir da sua digitalização para o meio virtual em 2010, possibilitou uma amplitude de trabalhos a seu respeito. O jornal tornou-se objeto de pesquisa em áreas como linguística, designer, comunicação social, direito e história. Permitindo assim que sua memória seja mantida e o Lampião da Esquina continue aceso.

REFERÊNCIAS

ABREU. Maria das Graças. Mães contra o preconceito. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n. 09, p.14, fev/1979.

ALBUQUERQUE, Sandra Maria C. de. Mais penas de pavão. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n. 02, p.15, jun/jul 1978.

A. L. Achacadores. **Lampião da Esquina***,* Rio de Janeiro, ano III, n° 35, p. 02, abril 1981.

AMORIM, Luiz Carlos. Chapeuzinho Vermelho. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 07, p. 15, dez/1978.

ALMEIDA, Sueli. Uma questão de linguagem, **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, edição n° 0, p. 14, dez/1978.

ARACAJU, Ferreirinha de. De assunto só. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano III, n° 32, p. 02, jan/1981.

CAETANO, Volta o Gay- Macho **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p.18, maio 1979.

CARLOS, Luís. Chantagem no banheiro central. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano II, n.16, p.18, set/1979.

CLÓVIS, José. Novas Mortes, **Lampião da Esquina***,* Rio de Janeiro, ano III, n. 27, p. 19, ago/1980.

CONSELHO EDITORIAL, Saindo do Gueto. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro. Edição experimental, ano 01. n.° 00, p. 02, abril/1978.

CONSELHO EDITORIAL, Pintou o Bode. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 14, abril/maio 1978.

CONSELHO EDITORIAL, Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror**. Jornal Lampião.** Rio de Janeiro, ano 01, n° 00, p. 09, abril/1978.

CONSELHO EDITORIAL, Nos becos escuros. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 14, abril/maio 1978.

CONSELHO EDITORIAL, Um abraço do “Gente Gay”. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 01, p.14, mai/jun 1978,

CONSELHO EDITORIAL, De assunto só. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano III, n° 32, p. 02, jan/1981.

CONSELHO EDITORIAL, Ainda o auê das palavras. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 04, p. 18, ago/set. 1978.

CONSELHO EDITORIAL, Gay- Macho: uma nova uma tragédia americana? **Jornal Lampião da Esquina**, ano I, nº 08, p. 08-09, janeiro de 1979.

CONSELHO EDITORIAL. Ai, do caminhão! **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano II, n° 22, p. 14,março 1980.

CONSELHO EDITORIAL, Terceiro Ato **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano III, n° 25, p. 18, jun/1980.

CORREIA, Mariza. Nossas Gaiolas Comuns. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, n° 01, Ano I, p. 02, mai/Jun. 1978.

C.S.S., Lendo o número zero. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 01, p. 15, mai/jun 1978.

DANTAS, Frederico J. Qual é a nossa imprensa? **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro. Ano I. Edição experimental, p. 05, abril/1978.

E. C., Bruno. Passa fora, machão. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 01, p. 14, abr/mai 1978.

E. P. Papo com Betha, **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 12, p. 19, maio 1979.

FERREIRA, Bailarino Roberto. Mas que (*) é esta? **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, nº 08, p. 13, jan/ 1979.

FERRY, Jairo. Volta o Gay-Macho **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n. 12, p.18, mai/1979.

GRUPO PAULICÉIA DESVAIRADA, Lampião é desnudado. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 03, p. 14, jul/ago 1978.

GUIMARÃES, Agildo B. Um abraço do “Gente Gay”. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 01, p.14, mai/jun 1978.

GUIMARÃES, Guide. Qual é a tua, oh Lampião? **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 04, p. 17, ago/set 1978.

H.C.F., Esperando o n° zero. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 14, abr/mai 1978.

HELINHO, Bichas mafiosas. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano II, n° 22, p. 18, nov/1979.

IMPÉRIO, Guilherme. Assumir o quê? **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 01, p. 14, mai/jun 1978.

INFANTE. Pintou o Bode. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 00,, p. 14, abril/maio 1978.

JENIFER, Nos becos escuros. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 14, abril/maio 1978.

LIMA, Walmir de Souza, Baixando o pau. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano 03, n° 30, p. 18, nov/1980.

LIMA, Walmir de Souza, Ainda os michês. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano 03, n° 31, p. 02, dez/1980.

LUIZ. Mauro. A tragédia é contestada. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p.15, mar/1979.

M. Júlio. Revertere. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 14, abr/mai 1978.

M. S., Laércio. Como sair das Esquinas. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 02, p. 15, jun/jul 1978.

MAGALHÃES, Dudu. Sangue de Infiéis. **Lampião da Esquina***,* Rio de Janeiro, ano II, n. 20, p. 17, jan/1980.

MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? **Lampião da Esquina***,* Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 02, jun/jul 1978.

MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. **Jornal Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro. Ano I, n° 04, p. 09, ago/set 1978.

MAMBABA, Rafaela. Escolha o seu nome. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, edição n° 6, p. 09, nov/1978.

MAMBABA, Rafaela. Novocabulário guei. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano II, edição n° 24, p. 15, mai/1980.

MAMBABA, Rafaela. O que vem a ser a bixórdia? **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, edição n° 5, p. 12, out/1978.

MÁRIO. Abaixo Lampião! **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano III, n° 30, p. 19, nov/1980.

MEDINA, Beatriz. A força está conosco. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 05, p. 15, out/1978.

MICCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”… os bons tempos da imprensa guei. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano III, n° 28, p. 06- 07 set/1979.

NASCIMENTO, Osvaldo Farias do. Tá Legal, “Geni”; mas e a mãe, tá boa? **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano II, n. 22, p.02, mar/1980.

O. G. N., De solidariedade. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano II, n° 13, p. 18, jun/1979.

PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: Que coisa é essa? **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 02, jun/jul 1978.

R. C. Fortíssimo babado. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 06, p. 15, nov/1978.

R. M. Bicha Kamikase. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano II, n. 24, p.14, maio 1980.

R. S., Carlos. Passa fora, machão. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro. Ano I, n° 01, p. 14. mai/jun 1978.

RADICEZ, Telma. A voz da mulher. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 11, p. 18, abril 1979.

RANGEL, Alfredo. Ainda o auê das palavras. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, edição n° 04, p. 18, ago/set. 1978.

RODRIGUES, Aristóteles. Em Busca de uma Nova Moral. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano II, n° 15, p. 02. ago/1979.

RODRIGUES, Sérgio. Cantora fresca. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano II n° 20, p.18, nov/1979.

S., Rose, Cartas de “Marias Bonitas”. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 02, p. 14, jun/jul 1978.

SILVA, Aguinaldo. Anormal assassinado em Copacabana… (cada um tem a morte que fez por merecer). **Jornal Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro. Ano I, n° 06, p. 05- 06, nov/1978.

SILVA, Aguinaldo. As palavras para que temê-las? **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, Ano I, n° 03, p. 05, jul/ago. 1978.

SILVA, Aguinaldo. Mulheres do mundo inteiro. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano 01, edição experimental, n° 00, p. 05, abril/1978.

SILVA, Aguinaldo. Somos todos inocentes. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano 02, n° 18, p. 02, nov/1979.

S. L., Walmir. Ai, do Caminhão! **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano 02, n° 22, p. 18, março/1980.

TOLEDO, José Luís Dutra de. Ecos da Inquisição. **Jornal Lampião da Esquina** Rio de Janeiro, ano II, n° 13, p.18, jun/1979.

TONY, Notícias do Maranhão. **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 05, p. 15, out/1978.

TREVISAN, João Silvério, Demissão, processo, perseguições. Mas qual o crime de Celso Curi? **Jornal Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, ano I, n° 00, p. 06- 07, abril/maio 1978.

TREVISAN, João Silvério. Sem essa de entregação**. Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, N° 01, Ano I, p. 09, Mai/Jun de 1978.

TREVISAN, Joao S., LAVENDER, James. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, ano I, n° 2, . 10- 11, jun/jul. 1978.

VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. **Jornal Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, N° 03, Ano I, p. 02.Jul/ago 1978.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. "Quem e frouxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História.** São Paulo, n° 19, nov/1999.

ANDRADE, Marciano Vieira de. **O "orgulho de ser": identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978 – 1981)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4032381 . Acesso em 15 de janeiro de 2020.

BANDEIRA, Márcio L. Gomes. **Será que ele é? Sobre quando Lampião colocou as cartas na mesa**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12924 . Acesso em 15 de janeiro de 2020.

CONNELL, Robert W. Politicas de Masculinidade. **Revista Educação e Realidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. UFRGS: Porto Alegre-RS. Jul/dez. 1995.

CONNEELL, Robert W., MESSERSCHMID, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, UFSC: Florianópolis-SC. Jan/abr. 2013.

COSTA, Geovane Batista da. **"Lampião da Esquina" um jornal alternativo no Brasil: iluminando identidade (s) e representação(ções) do(s) homossexual (ais) de 1978 a 1981.** Dissertação (Mestrado em História) UFJF. 2015.

COSTA E BRITO, Alexandre M. Maciel. **O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981).** Dissertação (Mestrado em História) UNB-Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357 Acesso em 15 de janeiro de 2020.

CRUZ, Rodrigo. **Do protesto as urnas: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982).** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFSP-São Paulo, 2015. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/47827 Acesso em 15 de janeiro de 2020.

Decreto-Lei Nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970. Disponível em: ttps://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm. Acessado em: 12 de agosto de 2020.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. **O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos**: os casos do Estado de Minas e do *Le Monde*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-8XNKCT/1/pati_1_.pdf Acesso em 15 de janeiro de 2020.

FACCHINI, Regina. SIMÕES, Júlio Assis. Libertários na "Abertura". In: **Na Trilha do Arco Iris: Do movimento homossexual ao LGBT** / São Paulo: Editora Fundação Pcrscu Abramo, 2009.

FAUSTO, Boris. O Regime Militar e a Transição Para a Democracia (1964- 1984). IN: **História Concisa do Brasil**. 2ª ed. 5ª reimp.- São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, J., DELGADO, L. A. N., (orgs.) **O tempo do regime autoritário [recurso eletrônico]: ditadura militar e redemocratização. Quarta República 1964- 1985.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FOUCAULT, Michel. A Implantação Perversa. *IN:* **História da Sexualidade I- A vontade de Saber.** Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 17ª ed. 2006.

FOUCAULT, Michel. O saber gay. Tradução Heliana de B. Conde. **Revista Ecopolítica.** PUC: São Paulo, n° 11**,** jan/abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; ***The Advocate*****,** n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Publicado em Verve- Revista do NU- SOL Núcleo de Sociabilidade Libertária. N° 05. São Paulo: PUC/SP. 2004, p. 260- 277.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Ética, Sexualidade, Política:* Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. Pecado, Crime, Doença e Sem-Vergonhice. In: **O que é homossexualidade**. São Paulo: ed. Abril Cultural, ed. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1985.

GIMENEZ, Mariana Quadros. ***"Saindo do armário", porque é tempo de abertura*: Memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História), UFGD, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3001960>. Acesso em 15 de junho de 2021.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HEEREN, Jose Augusto de Castro, **O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz do Lampião.** Dissertação (mestrado em comunicação). Faculdade Casper Libero: São Paulo. 2011. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/o-armario-invertido-comunicacao-e-discurso-sob-a-luz-de-lampiao/ Acesso em 15 de janeiro de 2020.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero.* In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.), **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 101-132.

MACLAREN, Margaret A. Políticas de Identidade: Sexo, gênero e sexualidade. *IN:* **Foucault, feminismo e Subjetividade.** São Paulo: Intermeios, 2016.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade – política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MAIOR JR. Paulo R. Souto. **João Silvério Trevisan: vida política, trajetórias homossexuais**. Revista Tempo Histórico. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Vol.5. nº 1, 2013.

MAIOR JR. Paulo R. Souto. **Assumir ou não assumir: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981).** Porto Alegre-RS: Editora Fi. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, Miguel Rodrigues de Souza, Movimento Gay e imprensa no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978 – 1981). **XXVII Simpósio Nacional de História – conhecimento histórico e diálogo social**, Natal – RN 22 a 26 de julho de 2013, p. 2 disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimprensanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf> Acesso em 15 de janeiro de 2020.

NUNES, Valfrido, da S. Cartas e Carta do Leitor: o que diz a Literatura sobre o Tema. **Revista Tabuleiro de Letras.** PPGEL – Salvador/BA. Vol. 11, n° 02, dezembro 2017, p. 122-158.

PEREIRA, Ronielysson César Souza. **"Gay Macho", "Travesti", ou "bicha pintosa"? a produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lampião da Esquina.** Dissertação (Mestrado em Historia) UNIOESTE: Marechal Cândido Rondon, 2017. Disponível em : https://tede.unioeste.br/handle/tede/3158 Acesso em 15 de janeiro de 2020.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil.** São Paulo: Publifolha. 2011.

PERLONGHER, Nestor O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Tese (Doutorado em Ciências) USP: São Paulo. 2017. Disponível em : https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php Acesso em 15 de janeiro de 2020.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2021

REIS, Toni. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+.** Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

ROMÃO, Lilian (org.) **Uma história de dignidade.** Curitiba: Grupo Dignidade, 2008.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Caê Jorge. Um lampião iluminando as esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, N. James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidade: repressão, resistência e a busca pela verdade.** 2ª reimpressão. São Paulo: Ufscar, 2018.

RODRIGUES, Jorge L. Pinto. A imprensa gay no Rio de Janeiro: Linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Miriam Pilla. [Et Al.], **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SCHWARTZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan w. A invisibilidade da experiência. Trad. Lucia Haddad. Rev. téc. Marina Maluf. **Revista Projeto História**. São Paulo: Puc-SP. Fevereiro 1998.

SIMÕES JR. Almerindo Cardoso. **E havia um Lampião da Esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil no fim da ditadura (1978-1980).** Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006. Disponível em :http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.doselect_action=&co_obra=27500 Acesso em 15 de janeiro de 2020.

SILVA, Natanael de Freitas. Masculinidades hierarquizadas: entre o “gay-macho” e a “bicha louca”, performances de gênero nos anos 1970. **Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades.** Edição 14, maio –outubro, 2016.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade**. 4ª ed. Revista, atualizada e ampliada, 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.